

UFRRJ
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO

**DA VALORIZAÇÃO DA IMAGEM À MERCANTILIZAÇÃO: A
PRODUÇÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO EM VISCONDE DE MAUÁ/
RJ-MG**

RAQUEL BARBOSA DA SILVA

2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**DA VALORIZAÇÃO DA IMAGEM À MERCANTILIZAÇÃO: A
PRODUÇÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO EM VISCONDE DE MAUÁ/ RJ-
MG**

RAQUEL BARBOSA DA SILVA

Sob a Orientação do Professor
Dr. Cleber Marques de Castro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRRJ, Área de Concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

Nova Iguaçu, RJ
Dezembro de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586v Silva, Raquel Barbosa da, 1979-
Da valorização da imagem à mercantilização: a produção
do espaço turístico em Visconde de Mauá/RJ-MG / Raquel
Barbosa da Silva. - Nova Iguaçu, 2023.
146 f.

Orientador: Cleber Marques de Castro.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Geografia, 2023.

1. espaço geográfico. 2. turismo. 3. patrimônio. 4.
políticas público-privadas. I. Castro, Cleber Marques
de, 1979-, orient. II Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Geografia
III. Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS



HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 103 / 2023 - IGEO (11.39.00.34)

Nº do Protocolo: 23083.080318/2023-93

Seropédica-RJ, 06 de Dezembro de 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
RAQUEL BARBOSA DA SILVA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Geografia, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 01/12/2023.

Cleber Marques de Castro. Dr. UFRRJ

(Orientador, presidente da banca)

Miriam de Oliveira Santos. Drª. UFRRJ

(membro da banca)

Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco. Dr. USP

(membro da banca)

(Assinado digitalmente em 08/12/2023 14:01) (Assinado digitalmente em 06/12/2023 20:29)

CLEBER MARQUES DE CASTRO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeGEOIM (12.28.01.00.00.87)
Matrícula: ####565#3

MIRIAM DE OLIVEIRA SANTOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: ####776#2

(Assinado digitalmente em 24/01/2024 18:19)

REINALDO TADEU BOSCOLO PACHECO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ####.###.438-#

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 103, ano: 2023, tipo: HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, data de emissão: 06/12/2023 e o código de verificação: aace247025

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi fácil e exigiu muita disciplina de mim. Foram diversos momentos de renúncia, mas, hoje, olho para trás e fico muito feliz em saber que passei por todas as fases e estou concretizando mais um sonho. Esse, não apenas acadêmico, mas de vida também. Desse modo, em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus por me dar forças quando nem eu acreditava mais ter, por não me deixar desistir e desanimar diante de todas as dificuldades.

À minha amada mãe, Eliada, por compreender e apoiar, incondicionalmente, as minhas escolhas. Também dedico essa dissertação à memória do meu querido pai, Jair, que, com muita luta, conseguiu criar seus quatro filhos.

Ao meu esposo, Sandro, que sempre esteve ao meu lado, me auxiliando, principalmente naqueles momentos em que eu estava extremamente cansada. Também foi comigo a todos os trabalhos de campo e me ajudou na leitura de cada linha dessa pesquisa.

À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pela oportunidade de realizar esse curso através do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO).

Ao meu orientador, Prof. Dr Cleber Marques de Castro, pela atenção, estímulo, dedicação e paciência que teve comigo em todos os momentos em que trabalhamos juntos. Também sou grata pelo respeito profissional, demonstrado nesta caminhada, pela confiança e liberdade oferecida para o desenvolvimento dos rumos deste trabalho.

Aos professores, Dr Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco e Dr.^a Miriam de Oliveira Santos, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação e por aceitarem fazer parte da banca de defesa desta dissertação.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRRJ, que muito contribuíram para embasar e nortear os meus estudos, oferecendo condições à busca de novos conhecimentos e vivências. Aos colegas de mestrado da turma de 2020, que colaboraram com o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Aos amigos, dedico essa dissertação pelo suporte, amizade, trocas de experiências e elucidação de dúvidas.

Aos atores ligados aos diferentes setores e serviços do turismo da região de Visconde de Mauá que, de muitas formas, contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos moradores da região, em especial, ao Sr Donizete e a Dona Cida, que me ajudaram na estadia e no direcionamento aos entrevistados. Destaco que, sem eles, seria muito difícil conseguir o contato com todos os atores sociais. Sou muito grata por tudo que fizeram por mim e pela minha pesquisa. Aos demais moradores, obrigada por compartilharem as suas histórias e experiências de vida comigo.

Aos turistas, gratidão por abdicarem parte de seu tempo para o fornecimento de informações e por dividirem diferentes visões sobre o turismo buscando contribuir com o meu trabalho.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente auxiliaram para a concretização desta fase acadêmica da minha vida e de formação como pessoa. Meu muito obrigada!

RESUMO

SILVA, Raquel Barbosa da. **Da valorização da imagem à mercantilização:** a produção do espaço turístico em Visconde de Mauá RJ/MG. 2023. 146 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto Multidisciplinar, Departamento de Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2023

O turismo, por ser uma das mais importantes atividades econômicas no mundo contemporâneo e impulsionar significativas transformações socioespaciais, se torna um fenômeno indispensável a ser compreendido pela ciência geográfica. Nesse contexto, utilizou-se o conceito de espaço geográfico para compreender as estratégias criadas, a fim de mercantilizar o espaço turístico. Posto isto, o presente trabalho objetivou entender as transformações socioespaciais, advindas do turismo, na região de Visconde de Mauá, que se estende entre os municípios de Resende e Itatiaia, no estado do Rio de Janeiro, e Bocaina de Minas, no estado de Minas Gerais, abrangendo o período de 1970 até o momento atual. Antes de se tornar um dos principais destinos turísticos do estado do Rio de Janeiro, essa região foi palco de diversas atividades e habitada por diferentes atores sociais. Situada na serra da Mantiqueira, essa área teve a sua economia, até a década de 1970, basicamente associada a atividades agropecuárias, sendo, nos anos seguintes, substituída pela atividade turística que predomina até hoje. O estudo busca, com os seus objetivos específicos, entender as relações de poder na produção do espaço turístico, quais elementos apropriados e criados pelo turismo para serem mercantilizados e quais as relações e os conflitos que se estabelecem entre os diferentes atores sociais. Para tal, a pesquisa se fundamentou num amplo levantamento bibliográfico, análise de fontes especializadas, entrevistas com os diferentes atores que compõem este espaço, além de trabalhos de campo nas quatro vilas da região, são elas: vila de Visconde de Mauá/RJ, vila de Maromba/RJ, vila de Maringá/RJ e vila de Maringá/MG. Percebeu-se que essa região possui importantes patrimônios naturais e culturais que foram apropriados pela prática do turismo. Além disso, constatou-se que a organização e a gestão dessa atividade estão orientadas sob uma perspectiva econômica, muitas vezes alheias às questões socioambientais. Desse modo, entendeu-se que é necessário um modelo de turismo inclusivo, que atenda a todos os atores sociais, pois só assim a ideia de equidade econômica se fará presente na região.

Palavras-chave: espaço geográfico, turismo, patrimônio, políticas público-privadas.

ABSTRACT

SILVA, Raquel Barbosa da. **From image valorization to commodification:** the production of tourist space in Visconde de Mauá RJ/MG. 2023. 146 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto Multidisciplinar, Departamento de Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2023

Tourism, as it is one of the most important economic activities in the contemporary world and drives significant socio-spatial transformations, becomes an indispensable phenomenon to be understood by geographic science. In this context, the concept of geographic space was used to understand the strategies created in order to commodify the tourist space. Having said that, the present work aimed to understand the socio-spatial transformations, arising from tourism, in the region of Visconde de Mauá, which extends between the municipalities of Resende and Itatiaia, in the state of Rio de Janeiro, and Bocaina de Minas, in the state of Minas Gerais. General, covering the period from 1970 to the present. Before becoming one of the main tourist destinations in the state of Rio de Janeiro, this region was the scene of various activities and inhabited by different social actors. Located in the Mantiqueira mountain range, this area's economy, until the 1970s, was basically associated with agricultural activities, being, in the following years, replaced by the tourist activity that predominates to this day. The study seeks, with its specific objectives, to understand the power relations in the production of tourist space, which elements are appropriated and created by tourism to be commodified and which relationships and conflicts are established between different social actors. To this end, the research was based on a broad bibliographical survey, analysis of specialized sources, interviews with the different actors that make up this space, in addition to fieldwork in the four villages in the region, namely: village of Visconde de Mauá/RJ, village of Maromba/RJ, town of Maringá/RJ and town of Maringá/MG. It was noticed that this region has important natural and cultural heritage that was appropriated by the practice of tourism. Furthermore, it was found that the organization and management of this activity are oriented from an economic perspective, often unrelated to socio-environmental issues. In this way, it was understood that an inclusive tourism model is necessary, which serves all social actors, as only then will the idea of economic equity be present in the region.

key words: geographic space, tourism, patrimony, public-private policies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Regiões de Governo e municípios do estado do Rio de Janeiro.....	3
Figura 2 – Localização da área de estudo.....	4
Figura 3 – Regiões turísticas do estado do Rio de Janeiro.....	5
Figura 4 – A vida no núcleo Mauá.....	26
Figura 5 – Família Bühler abre as portas de sua casa para receber os primeiros turistas.....	28
Figura 6 – Painel, museu Bühler, destacando a chegada dos hippies na região de Visconde de Mauá no início dos anos 1970.....	29
Figura 7 – Feira hippie na Maromba.....	33
Figura 8 – Divisa entre os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais pelo Rio Preto.....	35
Figura 9 – Mapa esquemático dos destinos turísticos da região de Visconde de Mauá.....	35
Figura 10 – As vilas da região de Visconde de Mauá.....	36
Figura 11 – Gráfico climático (climograma) de Visconde de Mauá/RJ.....	36
Figura 12 – Trechos da RJ-163 e RJ-151 incluídos no projeto da Estrada Parque Visconde de Mauá.....	37
Figura 13 – População dos municípios de Bocaina de Minas (MG), Itatiaia (RJ) e Resende (RJ), segundo Censos do IBGE (1980, 1991, 2000, 2010)	38
Figura 14 – Principais atrativos naturais da região de Visconde de Mauá.....	43
Figura 15 – Atividades de ecoturismo desenvolvidas no Parque das Corredeiras, Vale do Alcantilado.....	43
Figura 16 – Imagem representando os limites do Parque Estadual da Pedra Selada.....	45
Figura 17 – Placa, no PEPS, indicando a localização do parque e os seus principais atrativos.....	46
Figura 18 – Frente da sede do PEPS, onde se localiza o Centro de Visitantes.....	46
Figura 19 – Painel apresentando o Projeto de Monitoramento de Avifauna.....	47
Figura 20 – Painel com a apresentação do Projeto de Monitoramento de Flora junto às sementecas.....	48
Figura 21 – Apresentação de projetos relacionados à Educação Ambiental no auditório do PEPS.....	48
Figura 22 – Imagens do espaço Núcleo de Memória Socioambiental da região de Visconde de Mauá.....	49
Figura 23 – Trilha do Bosque do Visconde, no PEPS.....	50
Figura 24 – Cultivos de PANCs na sede do PEPS.....	53
Figura 25 – Hotel de abelhas nativas solitárias na sede do PEPS.....	54
Figura 26 – Estufa na sede do PEPS.....	55
Figura 27 – Viveiro de mudas na sede do PEPS.....	55
Figura 28 – Laboratório de hortas na sede do PEPS.....	56
Figura 29 – Laboratório CEABS, na sede do PEPS.....	57
Figura 30 – Crianças plantando araucárias no Bosque do Visconde.....	57
Figura 31 – Salão de Exposições do PEPS.....	59
Figura 32 – Feira realizada por produtores agroecológicos, na sede do PEPS.....	60
Figura 33 – Imagens de queimadas, na área do PEPS, durante a estiagem do ano de 2022....	62
Figura 34 – Combate às queimadas na área do PEPS durante a estiagem do ano de 2022.....	62
Figura 35 – Tropeiro do Parmesão, na vila de Maringá/RJ.....	67
Figura 36 – Produtos comercializados pelos tropeiros.....	68
Figura 37 – Turistas comprando produtos diretamente com o tropeiro.....	69
Figura 38 – Árvores da espécie araucária, na vila de Visconde de Mauá.....	71
Figura 39 – Sementes de pinhão e produtos processados para a venda, em uma loja tradicional da região, na Vila de Visconde de Mauá.....	71

Figura 40 – Festa do Pinhão 2023.....	72
Figura 41 – Divulgação da 25 ^a temporada do concurso gastronômico do pinhão, realizado no ano de 2018.....	73
Figura 42 – Centro Cultural Visconde de Mauá.....	74
Figura 43 – Folder de divulgação da 18 ^a edição do evento Salão do Pinhão.....	76
Figura 44 – Capa do folder cultural Caminho das Artes.....	77
Figura 45 – Imagens de eventos realizados no Centro Cultural Visconde de Mauá.....	78
Figura 46 – Biblioteca do Centro Cultural Visconde de Mauá.....	79
Figura 47 – Sr Jorge Brito com uma de suas obras. Ao fundo, a Pedra Selada.....	80
Figura 48 – Algumas peças do acervo do artista Jorge Brito.....	81
Figura 49 – Crianças em visita guiada ao CCVM interagem com obra de Jorge Brito.....	82
Figura 50 – Entrada do espaço Aldeia dos Imigrantes.....	84
Figura 51 – Editora Pachamama, vila de Visconde de Mauá.....	85
Figura 52 – Algumas das peças e arquivos do acervo do Museu Bühler.....	88
Figura 53 – Entrada do Hotel Bühler/ Painel relatando a história da família Bühler.....	88
Figura 54 – As primeiras hospedagens eram realizadas nas moradias da família Bühler/ Presença de turistas no Pico das Agulhas Negras.....	89
Figura 55 – Livro de registro dos primeiros visitantes à região de Visconde de Mauá.....	90
Figura 56 – Revistas expondo ilustrações que representam experiências proporcionadas pela região.....	92
Figura 57 – Imagem de geada no distrito de Visconde de Mauá, Resende, RJ.....	93
Figura 58 – Divulgação de pacotes de viagens para a região de Visconde de Mauá por meio de redes sociais.....	95
Figura 59 – Imagem tirada do Instagram oficial da região de Visconde de Mauá.....	95
Figura 60 – Estabelecimento gastronômico com horta orgânica ao fundo.....	103
Figura 61 – ETE da região de Visconde de Mauá.....	106
Figura 62 – Ponto de entrega voluntária de resíduos recicláveis, na vila de Visconde de Mauá.....	107
Figura 63 – Unidades de saúde da região de Visconde de Mauá.....	108
Figura 64 – Ponte sobre o rio Preto que faz a travessia entre a vila de Visconde de Mauá, em Resende/RJ e Jardim Iracema, em Bocaina de Minas/MG.....	109
Figura 65 – Estrada-Parque Visconde de Mauá.....	111
Figura 66 – Estradas sem pavimentação na região de Visconde de Mauá.....	111
Figura 67 – Construções próximas às margens do rio Preto.....	112
Figura 68 – Calçada em frente à igreja de São Miguel Arcanjo (vila de Maromba/RJ) cercada por grades.....	114
Figura 69 – Estacionamento de veículos onde existia uma praça na vila de Maromba.....	115
Figura 70 – Entrada da vila de Visconde de Mauá com vista do espaço livre gramado e a Igreja de São Sebastião.....	117
Figura 71 – Imagens do projeto da praça com os equipamentos de lazer e esporte na entrada da vila de Visconde de Mauá.....	117
Figura 72 – Imagens de manifestações contrárias ao projeto inicial da praça.....	118
Figura 73 – Espaço gramado em frente à Escola Estadual Antônio Quirino.....	118
Figura 74 – Área livre no Lote 10, chamada de “antiga granja”	119
Figura 75 – Visualização das três áreas livres onde podem ser construídas a nova praça.....	119
Figura 76 – Placa do governo estadual do Rio de Janeiro anunciando a construção da praça / Faixas manifestando apoio ao projeto inicial de revitalização do espaço.....	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População residente por município da Região de Visconde de Mauá.....	37
Tabela 2 – Registro de frequência mensal de visitantes aos principais atrativos do PEPS - ano de 2022.....	52
Tabela 3 – Registro de frequência de visitantes aos principais atrativos do PEPS, entre os anos de 2019 a 2020.....	52
Tabela 4 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por classes de rendimento nominal mensal, segundo Censo Demográfico do IBGE (2010)	104

LISTA DE SIGLAS

ACVM	Associação Comercial da Vila de Visconde de Mauá
AMA 10	Associação de Moradores do Lote 10
APA	Área de Preservação Ambiental
CCVM	Centro Cultural Visconde de Mauá
DER-RJ	Departamento de Estradas e Rodagens do Estado do Rio de Janeiro
EA	Educação Ambiental
EIA	Estudo de Impacto Ambiental
ETE	Estações de Tratamento de Esgoto
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEA	Instituto Estadual do Ambiente
MAUATUR	Associação Turística e Comercial de Visconde de Mauá
MTUR	Ministério do Turismo
PEPS	Parque Estadual da Pedra Selada
PNI	Parque Nacional do Itatiaia
PRODETUR	Programa Nacional de Desenvolvimento e Estruturação do Turismo
RIMA	Relatório de Impacto ao Meio Ambiente
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas
SETUR	Secretaria de Turismo do Estado do Rio de Janeiro
TURISRIO	Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro
UC	Unidade de Conservação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 O ESTUDO DO TURISMO A PARTIR DO CONCEITO DE ESPAÇO GEOGRÁFICO.....	9
1.1 O espaço geográfico e o Turismo.....	9
1.2 O processo de produção do espaço turístico.....	12
1.3 Os agentes produtores e consumidores do espaço turístico.....	16
2 CONTEXTUALIZAÇÃO E ANÁLISE REGIONAL DE VISCONDE DE MAUÁ.....	23
2.1 O histórico da região de Visconde de Mauá.....	23
2.2 A localização e os aspectos socioeconômicos.....	34
3 A CRIAÇÃO DA IMAGEM TURÍSTICA COMO FATOR DETERMINANTE PARA A VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO.....	41
3.1 O patrimônio natural e o ecoturismo em Unidades de Conservação.....	41
3.2 O patrimônio cultural, as apropriações do passado histórico e as invenções das tradições.	63
3.2.1 Tropeiros do Parmesão.....	65
3.2.2 Visconde de Mauá – a capital do pinhão.....	70
3.2.3 O turismo cultural e a produção de seus espaços.....	76
3.2.3.1 Centro Cultural Visconde de Mauá (CCVM).....	77
3.2.3.2 Ateliê Jorge Brito.....	80
3.2.3.3 Editora Pachamama.....	84
3.2.3.4 Museu Espaço de Memória Bühler.....	87
4 POLÍTICAS PÚBLICO-PRIVADAS, PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO TURISMO.....	91
4.1 As estratégias do turismo para a mercantilização do espaço.....	91
4.2 Infraestrutura, serviços, relações (frágeis) de trabalho ligadas ao turismo e resistências.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127
APÊNDICE A – Questionários das entrevistas.....	141
APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	144
ANEXO - Tributo ao último bicho grilo da montanha.....	145

INTRODUÇÃO

O turismo, nos últimos anos, vem ganhando destaque como uma das mais importantes práticas sociais e econômicas da sociedade contemporânea, demonstrando ser também uma atividade que organiza e (re)produz o espaço geográfico. É o que Rodrigues (1996, p. 17) valida ao afirmar que:

o turismo é, incontestavelmente, um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais expressivos das sociedades ditas pós-industriais. Movimenta, em nível mundial, um enorme volume de pessoas e capital, inscrevendo-se materialmente de forma cada vez mais significativa ao criar e recriar espaços diversificados.

Segundo a mesma autora, em outra obra, o turismo é uma atividade complexa que necessita da participação da geografia para explicá-lo, uma vez que se trata da ciência que busca interpretar os arranjos espaciais, derivados da relação sociedade-natureza, destacando assim o seu papel crítico (RODRIGUES, 2001). Percebe-se que esse fenômeno tem despertado grande interesse na geografia, visto que busca analisar as diferentes relações que se constituem nessa prática social. E, para investigar tal fenômeno no espaço, é necessário compreender a sua origem.

Conforme Rodrigues (1999), o turismo de massa¹, voltado para o lazer e as viagens, ocorreu somente na primeira metade do século XX, a partir das conquistas sociais dos trabalhadores, através dos direitos de descanso e férias remuneradas. Depois disso, o turismo passa a se revelar como uma das mais promissoras atividades a ocupar o espaço no mundo dos negócios. De acordo com Coriolano (1998), o setor turístico vem adquirindo grandes investimentos, com retornos ainda maiores para os grandes empreendedores.

Nessa conjuntura, é incontestável a relevância da atividade turística na economia mundial, pois se apresenta como grande alternativa econômica para as regiões, sobretudo em países pobres, que se destacam por grandes diversidades naturais e culturais que estavam inertes. É nesse contexto, a partir da lógica do capital, que ocorre a produção do espaço turístico na busca incessante por lucros. Bedim (2008, p. 9) afirma que o turismo transforma o espaço em mercadoria ao produzir lugares atrativos², despertando nas pessoas a necessidade de consumi-los.

Diante desses fatos, percebe-se que a atividade turística é também social e, portanto, abrange diferentes interesses. Por isso, cabe à ciência geográfica o papel de identificar e analisar a maneira como o espaço é organizado e como os sujeitos estabelecem as suas relações nesses espaços. Castro (2006, p. 44) reitera que o fenômeno turístico tem por bases os conceitos do território, da paisagem e do lugar que sustentam e “imprimem identidade ao conhecimento geográfico, permitindo a interpretação de fenômenos com dimensão espacial”. No entanto, para o presente estudo, escolhe-se como direção o conceito-chave de espaço geográfico cujas

¹ O conceito de turismo, num sentido amplo muitas vezes, confunde-se com o de turismo de massa, uma vez que ambas as definições sugerem o deslocamento de pessoas para um determinado destino. No entanto, existe uma sutil diferença entre tais conceitos e essa se deve ao fato de o primeiro não estabelecer a quantidade de pessoas que se dirigem ao local escolhido. Já o segundo trata, especificamente, do deslocamento em massa, ou seja, de um grande número de pessoas. (PANAZOLLO, 2005, p. 1-2).

² Atrativo turístico é todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse para o turismo. Constitui o componente principal e mais importante do produto turístico, pois determina a seleção, por parte do turista, do local de destino de uma viagem, ou seja, gera uma corrente turística até a localidade. Os atrativos turísticos podem ser naturais, culturais, manifestações e usos tradicionais e populares, realizações técnicas e científicas contemporâneas e acontecimentos programados (BRASIL, 2022).

principais referências norteadoras são: Santos (1994; 1998; 2006), Lefebvre (1973; 1999), entre outros.

Para Milton Santos (2006, p. 39), o espaço é um conjunto de objetos e de ações formado por:

um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá. [...] Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, os sistemas de ações levam à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma.

Nesse contexto, o trabalho tem como objetivo geral apresentar uma análise sobre as transformações socioespaciais, advindas da atividade turística, na região de Visconde de Mauá, da década de 1970 ao período atual. Ademais, busca-se como objetivos específicos, compreender: como atuam os agentes sociais, responsáveis pela produção do espaço; as políticas público-privadas que facilitam a atividade turística; e os conflitos inerentes ao desenvolvimento do turismo. Sabe-se que o espaço turístico é o “lugar das estratégias para o capital e das resistências do cotidiano para os habitantes” (CURIOLANO, 2008, p. 282). Portanto, identifica-se as ações de resistência dos residentes³ frente ao turismo em seus locais de vivência.

O interesse por essa região começou a partir de uma viagem turística com minha família. Chegando lá, a princípio, nós nos encantamos pelas belezas naturais e pelas atividades de ecoturismo. No entanto, com o passar dos dias, conversando com os moradores “nativos”⁴, percebemos que havia muito mais a ser descoberto por trás de toda aquela paisagem. Foi assim que resolvemos conhecer a história da localidade e descobrimos que aquela área havia sido habitada por pessoas de diversas origens, que desenvolveram ali distintas atividades até chegar no turismo, que atualmente é a principal atividade econômica da região de Visconde de Mauá.

Destaca-se que a região de Visconde de Mauá, recorte espacial desta pesquisa, localiza-se na região de governo do Médio Vale Paraíba Fluminense, no alto da serra da Mantiqueira, com 1.200m acima do nível do mar. Nesse vale, encontra-se a microbacia do rio Preto com diversas quedas-d’água, também integra a Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira, o Parque Estadual da Pedra Selada e o Parque Nacional do Itatiaia. (Figura 1).

³ Residentes são todos aqueles que afirmaram morar na região de Visconde de Mauá.

⁴ Moradores “nativos” são aqueles que nasceram na região de Visconde de Mauá.



Figura 1 - Regiões de Governo e municípios do estado do Rio de Janeiro.

Observação: destaca-se, na marcação em vermelho, a região aproximada de Visconde de Mauá.

Fonte: FUNDAÇÃO CEPERJ, 2019. Disponível em: https://www.ceperj.rj.gov.br/?page_id=258. Acesso em: 2 ago. 2022. Adaptado pela autora, 2022

Essa região se estende por dois estados, Rio de Janeiro e Minas Gerais, sendo partilhada por três municípios: Resende/RJ, Itatiaia/RJ e Bocaina de Minas/MG. Além disso, subdivide-se em três núcleos principais de ocupação: a vila de Visconde de Mauá (município de Resende); a vila de Maromba (município de Itatiaia) e a vila de Maringá, dividida em Maringá/RJ e Maringá/MG pelo Rio Preto (Figura 2).

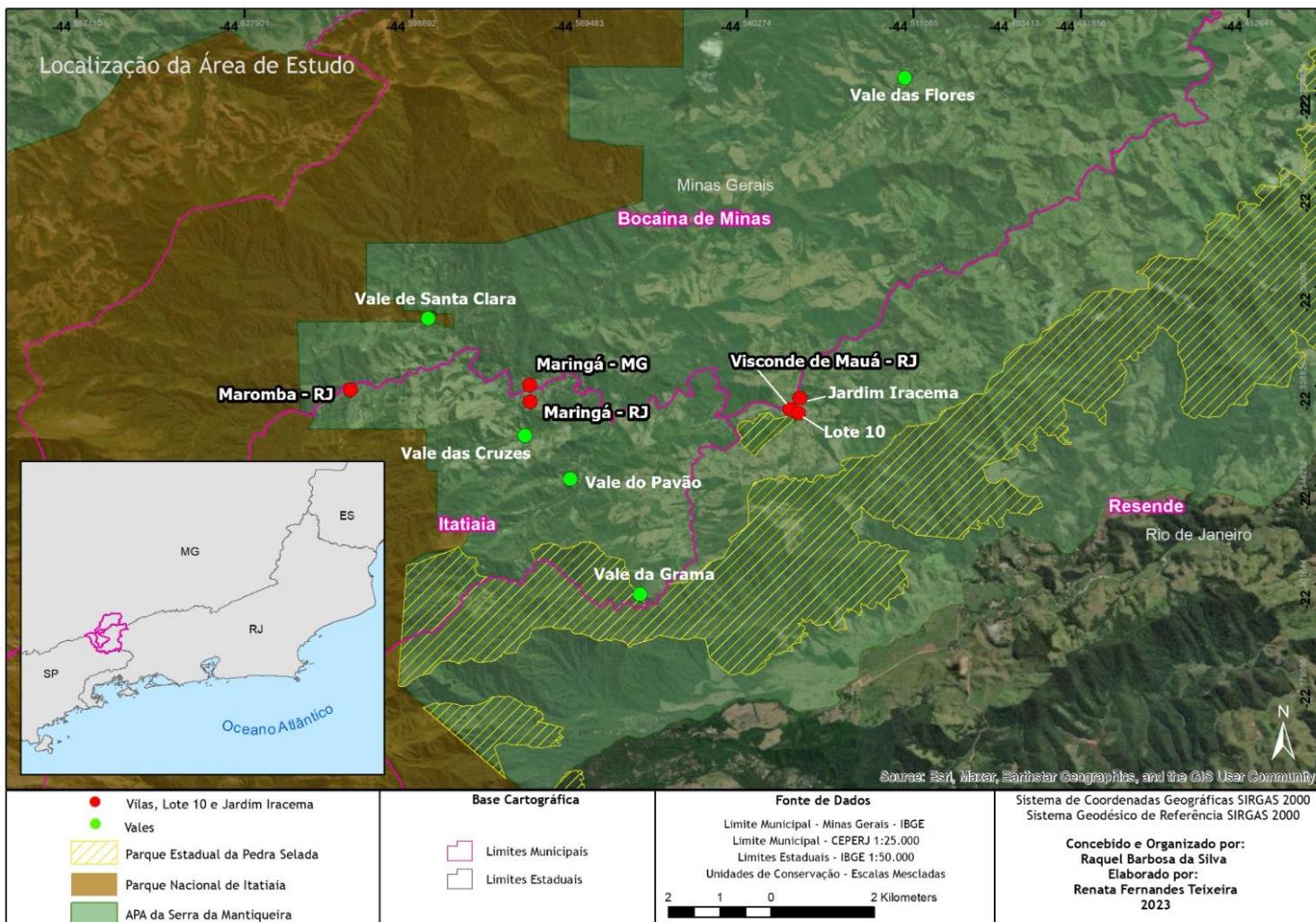


Figura 2 – Localização da área de estudo
Fonte: Silva e Teixeira, 2023.

Visando um melhor planejamento e aproveitamento das potencialidades turísticas, a Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro (TURISRIO), incluiu essa área na região das Agulhas Negras abarcando os municípios de Itatiaia, Resende, Porto Real e Quatis (Figura 3).

A Região apresenta, nas suas áreas de maior altitude, uma cobertura vegetal de floresta pluvial subtropical com araucária, o que se constitui em recurso de grande potencialidade para o ecoturismo, principalmente na área do Parque Nacional de Itatiaia, onde se concentram importantes atrativos naturais como os picos das Agulhas Negras e das Prateleiras, além de diversas cachoeiras. Além disso, em relação aos recursos culturais com potencial para o aproveitamento turístico, destaca-se a presença da região de Visconde de Mauá, no município de Resende, com grande concentração de pousadas (TURISRIO, 2022, n.p.).



Figura 3 - Regiões turísticas do estado do Rio de Janeiro

Observação: destaca-se, na marcação em vermelho, a região aproximada de Visconde de Mauá.

Fonte: Núcleo de Estudo de Geografia Fluminense, NEGEF, 2021. Disponível em: <https://oruralcomopaisagem.com.br/atlas/>. Acesso em: 2 ago. 2022. Adaptado pela autora, 2022.

Ressalta-se que, antes mesmo de se tornar um dos destinos mais procurados do Estado do Rio de Janeiro, a região de Visconde de Mauá foi palco de diversas atividades e habitada por diferentes atores sociais. Antecedendo ao século XVIII, os indígenas Puris já viviam nessas terras, mas foram massacrados, em sua maior parte, por grupos interessados no ouro. Já no século XIX, outros produtos foram ganhando espaço na economia resendense, como a cana de açúcar e o café (ROCHA, 2001).

Porém, com o fim da escravização, em 1888, era necessária a substituição dessa mão-de-obra nos cafezais. Então, foi nesse momento que o governo brasileiro incentivou a vinda de imigrantes europeus, onde uma parte desses trabalhadores foi para essas fazendas de café, nas baixadas de Resende, e a outra parte se estabeleceu no núcleo colonial de Visconde de Mauá, para que fosse desenvolvida a produção de alimentos com o objetivo de abastecer o mercado interno (QUINTEIRO, 2012).

Segundo a mesma autora, esses colonos foram os responsáveis por ocupar a região entre os anos de 1889 e 1916. No entanto, por diversos fatores, esses núcleos fracassaram e, posteriormente, essas terras foram compradas por fazendeiros mineiros que deram início a criação de gado, a fabricação de queijos e outros derivados do leite. Sendo assim, a pecuária bovina se destacou como a principal atividade econômica da região até a década de 1970, quando, a partir daí, entra em decadência (VILLELA; MAIA, 2009).

Além disso, nesse período, atraídos pelas belezas naturais e a um certo isolamento da região, o lugar recebeu membros de uma ampla gama de movimentos alternativos, incluindo “hippies”, anarquistas, ecologistas e místicos, dispostos a formar comunidades. Vale destacar que muitos desses eram oriundos de áreas urbanas. A partir da década de 1980, a região passou a receber mais turistas como parte de um processo de comercialização do exótico e de valorização dos recursos naturais. Nos anos seguintes, torna-se um importante centro turístico com a chegada de novos comerciantes, diversificando as opções de lazer e gastronomia (MASCARENHAS, 2009).

Vale lembrar que o turismo e o veraneio, ainda que de forma incipiente, já eram incentivados, em 1922, por familiares de imigrantes alemães que vieram para o núcleo de colonização. Destaca-se que esses recebiam os primeiros visitantes em suas casas e, posteriormente, construíram as primeiras pousadas da região. Por conseguinte, concomitante a atividade da pecuária, o turismo, ainda que de forma tímida já dava os primeiros sinais na região de Visconde de Mauá, com a presença de familiares, amigos e estudantes que, a princípio, eram atraídos pela beleza cênica e acessibilidade ao Pico das Agulhas Negras. Nesse contexto, as famílias de colonos entenderam que incentivar essa atividade poderia ser uma oportunidade para atravessar o período de estagnação financeira, provocada pela agropecuária, que, até então, era a principal atividade do lugar desde o início do século XX (VILLELA; MAIA, 2009).

Na concepção de Coriolano (2008), a atividade turística pode trazer revitalização para uma área, no entanto, ao contrário do que se promete, o turismo não é uma atividade capaz de resolver todos os problemas econômicos e sociais de uma região. À vista disso, no contexto do capitalismo, outros problemas passam a surgir, impactando não só a paisagem, mas também o modo de vida das pessoas que habitam aquela localidade, como a segregação socioespacial e os problemas ambientais. Portanto, a questão central, desse estudo, fundamenta-se na indagação de quais as transformações socioespaciais advindas da atividade turística, na região de Visconde de Mauá, da década de 1970 ao período atual? Ao longo da elaboração da pesquisa, outras subquestões surgiram e foram respondidas, dentre elas:

- a) Que elementos são apropriados e criados pelo turismo para serem mercantilizados?
- b) Quais as transformações sociais, econômicas e espaciais provocadas pela atividade turística?
- c) Que políticas de planejamento são utilizadas pelos setores públicos e privados para favorecer o turismo na região?
- d) Como os conflitos se estabelecem entre os diferentes atores sociais?

Nesse contexto, o ponto de partida dos procedimentos para a construção da pesquisa foi uma ampla revisão bibliográfica fundamentada na leitura de livros, teses, dissertações e artigos, bem como uma revisão documental que abordou a temática em questão, visando a construção dos pilares teóricos que nortearam a pesquisa. Assim, buscaram-se dados relacionados ao fenômeno do turismo e o uso do espaço com as suas transformações econômicas, sociais e ambientais.

Somando-se a isso, a operacionalização se baseou em fontes especializadas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Companhia de Turismo do Estado do Rio de

Janeiro (TURISRIO), da Secretaria de Turismo do Estado do Rio de Janeiro (SETUR), do Ministério do Turismo (MTUR) e das Secretarias Municipais de Turismo da área do estudo. Ademais, pesquisaram-se dados em associações, jornais e redes sociais da região.

A realização da pesquisa, que deu origem aos dados, seguiu os princípios da metodologia da pesquisa qualitativa, privilegiando-se da abordagem empírica que busca compreender as interações espaciais enquanto um processo social centrado nos resultados das ações dos atores sociais.

Por conseguinte, no primeiro momento, houve o reconhecimento da área de estudo e identificação dos agentes que atuam nessa região. Dessa constatação, decidiu-se abordar e realizar o trabalho de campo nas quatro vilas da região (vila de Visconde de Mauá, vila de Maringá/RJ, vila de Maringá/MG e vila de Maromba). Inicialmente, pensou-se em trabalhar somente uma ou duas vilas, entretanto, ao observar as singularidades e vínculos entre elas, decidiu-se pelas quatro.

A partir da definição do campo, partiu-se para as entrevistas com o primeiro grupo do universo da pesquisa a ser contactado, que foi o de residentes e empresários, representantes das redes de serviços como pousadas, restaurantes e lojas. Posteriormente, foram os guardas-parques do Parque Estadual da Pedra Selada (PEPS), a gestora do Centro Cultural e a gestora da editora, todos da vila de Visconde de Mauá. No terceiro grupo, entraram os representantes de imobiliária, “hippies”, tropeiros, descendentes do povo Puri e os demais agentes sociais, ligados à atividade turística da região, como os representantes do poder público, vinculados ao setor de turismo.

Nas visitas às vilas, procurou-se obter os dados a partir de entrevistas e questionários semiestruturados aos diferentes atores que atuam nessa região. Segundo Lima e Moreira (2015, p. 40), a principal característica desse método é a elaboração de “questões fechadas e abertas, não previamente codificadas, na qual o entrevistado discorre livremente sobre o tema proposto ou sobre uma questão formulada”. Desse jeito, a técnica possibilita que outras questões possam ser elaboradas.

O trabalho de campo foi realizado em três momentos: em julho de 2022 e em janeiro e agosto de 2023. A duração das visitas foi de uma semana cada, numa média de trabalho de 8 horas por dia. Convém ainda citar que a circulação entre as vilas, mesmo essas sendo próximas, é complexa, já que os horários do transporte público são muito limitados. Nesse sentido, decidiu-se contratar o serviço de deslocamento de forma privada através de um antigo morador, dono de uma pousada e profundo conhecedor da história da região. Vale frisar que esse morador, por ter nascido no lugar, é uma pessoa bastante conhecida na localidade facilitando o acesso e contato com muitos atores sociais.

É importante mencionar que, entre esses diferentes atores, existem interações espaciais que necessitam de mais análises, pois equivalem a um heterogêneo e vasto conjunto de relações de pessoas, capitais e informações. Desse modo, segundo Corrêa (1997), essas conexões que são, simultaneamente, sociais e espaciais, não devem ser vistas como meras interações, pois possuem motivações complexas.

Vale destacar que antes mesmo de aplicar o questionário com os participantes das entrevistas (Apêndice A), buscou-se apresentar o tema e o objetivo da pesquisa, mostrando a importância da participação do entrevistado, o roteiro da entrevista, a necessidade de gravação da mesma, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B). Vale realçar que, com o intuito de preservar a identidade dos entrevistados, utilizaram-se iniciais fictícias na descrição de seus nomes.

Os dados foram coletados com um gravador e posteriormente transcritos. Ressalta-se que a gravação dos áudios facilitou o maior aproveitamento das entrevistas, no entanto demandaram muito tempo para a sua transcrição. Dessa maneira, entende-se que essas

entrevistas foram feitas com o objetivo de entender as transformações socioespaciais e os seus impactos na região de Visconde de Mauá.

Salienta-se que nos diálogos, alguns entrevistados foram escolhidos de forma aleatória e outros indicados pelos próprios entrevistados ou pelo senhor que acompanhou o deslocamento da pesquisadora. Nas entrevistas por indicação, o parâmetro de escolha se baseou no fato de serem pessoas mais antigas na região ou acessíveis para responderem os questionamentos. Sendo assim, o universo desse estudo foi escolhido de acordo com os objetivos propostos pela investigação. Quanto à quantidade de indivíduos respondentes a pesquisa, somaram-se 38 no total. Contudo, algumas pessoas responderam mais de um questionário, pois se enquadravam, por exemplo, na categoria morador-empresário. Além disso, é preciso relatar que algumas entrevistas não foram realizadas, porque alguns se recusaram a atender.

Aponta-se que, durante todo o campo, foram realizados registros fotográficos no local e utilizadas imagens de redes sociais com objetivo de embasar a pesquisa. Então, o estudo teve como procedimentos operacionais a análise de fontes primárias e secundárias, com cunho qualitativo, uma vez que se buscou a compreensão e a interpretação dos dados coletados. Dito isso, a pesquisa tem a sua justificativa fundamentada na viabilidade que a atividade turística possui como alternativa de promover regiões que buscam a conservação, valorização dos recursos ambientais e culturais, bem como a efetiva inserção de todos os atores sociais envolvidos nesse processo.

Nesse contexto, a dissertação se estruturou em cinco etapas, além da introdução. O primeiro capítulo contemplou uma abordagem conceitual da relação do espaço geográfico e o desenvolvimento do turismo. Ademais, identificou o processo de produção desse espaço com a participação dos agentes produtores e consumidores. No segundo capítulo, realizou-se a contextualização e análise regional, apresentando a caracterização da área de estudo (histórico, localização e aspectos socioeconômicos). Já no terceiro capítulo, abordou-se a criação da imagem turística como fator determinante para a valorização do espaço. No quarto e último capítulo, analisaram-se as políticas público-privadas, planejamento e organização do turismo, apresentando estratégias dessa atividade para a mercantilização do espaço, além do seu desenvolvimento, infraestrutura, serviços, relações (frágeis) de trabalho no turismo e resistências. Por fim, foram apresentadas as considerações finais com algumas conclusões gerais sobre a pesquisa.

1 O ESTUDO DO TURISMO A PARTIR DO CONCEITO DE ESPAÇO GEOGRÁFICO

No primeiro capítulo dessa dissertação, que está separado em três partes, discute m-se as transformações no espaço. Na primeira parte, intitulada “O espaço geográfico e o desenvolvimento do turismo”, discorre-se sobre o crescimento desse fenômeno, nas últimas décadas, como atividade socioeconômica e cultural, utilizando-se de alguns autores como: Coriolano (1998), Santos (2010) e Cruz (2018). Além disso, destaca-se a importância da ciência geográfica em analisar o espaço como o objeto de consumo do turismo e as diferentes relações que se constituem nesta prática social. Para tanto, recorreu-se a pesquisadores como: Rodrigues (1996), Conti (2003) e Castro (2006).

Seguindo, na segunda parte do capítulo, mostra-se “o processo de produção do espaço turístico” que, ao ser identificado como uma prática espacial socialmente reproduzida, consome, produz e transforma o espaço geográfico. Para tal realização, dialoga-se com: Luchiari (1998), Cruz (2001) e Santos (2006).

Findando o primeiro capítulo, aborda-se sobre os agentes produtores e consumidores do espaço turístico, mostrando quem são esses atores sociais que contribuem para a transformação socioespacial. Com essa finalidade, recorre-se a autores como: Coriolano (2006) e Lopes Junior (2010). Também se trata sobre as políticas públicas que proporcionam o desenvolvimento da atividade turística com as contribuições de Barreto (2008) e Carlos (2020). Dando continuidade, apresentam-se os conflitos socioespaciais em decorrência da luta entre aqueles que produzem o espaço, valendo-se dos pensamentos de Cruz (2006), Martins Filho (2020), dentre outros.

1.1 O espaço geográfico e o turismo

O fenômeno do turismo pode ser analisado como uma atividade socioeconômica e cultural que, nas últimas décadas, vem ganhando visibilidade mundial, tanto em países desenvolvidos, como naqueles em desenvolvimento. Sobre o conceito de turismo, o Ministério do Turismo brasileiro afirma que:

é uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações compra e venda de serviços turísticos efetuadas entre os agentes econômicos do turismo. É gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que tem residência fixa, por qualquer motivo, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local que visita (EMBRATUR, 1992 *apud* BRASIL, 2022).

Para Panazzolo (2005), só é visto como um ato turístico, o conjunto de relações e fenômenos que produzam o deslocamento e permanência de pessoas fora do lugar de domicílio, sendo que esses não podem ocorrer com a intenção de realizar qualquer atividade de natureza remunerada.

De acordo com a mesma autora, a história do turismo está vinculada ao da humanidade e o deslocamento foi fundamental para o desenvolvimento dessas sociedades primitivas, que antes praticavam o ato de viajar com o propósito de: conquistar alguns territórios, através de guerras e invasões; lazer, com visitações às termas medicinais e santuários; e satisfazer o interesse de alguns indivíduos, desbravando lugares desconhecidos. Por isso, com o passar do

tempo, a prática de viajar foi mudando e sofrendo algumas transformações até chegar no turismo moderno⁵, que é conhecido nos dias atuais.

Então, os deslocamentos são essenciais para a realização da atividade turística, enquanto prática social, com objetivo de atender às suas necessidades. As motivações para esses deslocamentos são diversas, uma vez que em seus ambientes naturais seriam difíceis de serem efetuadas, já que as pessoas podem desfrutar e consumir aspectos cotidianos completamente diferentes de sua base de origem. Assim, essa atividade possibilita o rompimento com a rotina e proporciona experiências de trocas culturais com a população residente do lugar visitado.

Dessa forma, observa-se que o fenômeno do turismo vem avançando no decorrer dos anos, desde as épocas mais remotas até os dias atuais. Segundo Azevedo *et al.* (2013), na sociedade contemporânea, as viagens estão ganhando destaque à medida em que superam os limites e as fronteiras, transportando pessoas de um lugar a outro, com o propósito de ir à procura do desconhecido, do imaginário e de outras maneiras de agir, sentir e refletir.

Nesse cenário, o desenvolvimento e o crescimento do turismo, em proporção mundial, só foram alcançados devido ao processo de globalização que tem incentivado grandes transformações e mudanças no mundo, asseguradas pelos meios técnicos, aperfeiçoamento dos meios de comunicação e transportes, facilitando assim esses deslocamentos (AZEVEDO *et al.* 2013). Ainda segundo o mesmo autor:

o turismo tem sido um dos aspectos mais marcantes da sociedade atual. Os deslocamentos para lazer, as viagens de férias, o entendimento associado à viagem, tem feito milhares de pessoas se movimentarem no mundo, principalmente pela existência de meios de transportes rápidos, fáceis e com uma rede que conecta quase sem restrições a maior parte do mundo organizado pelo capital. Dessa forma, o fluxo contínuo de pessoas se deslocando pelo mundo com objetivos iniciais ligados à realização do lazer, e, portanto, à busca do prazer, ganhou enorme proporção sendo assim necessário entender e diagnosticar suas situações bem como propor melhorias para que esse sistema não apresentasse interrupções em seu funcionamento (AZEVEDO *et al.* 2013, p. 11).

Somando-se a isso, conforme Rodrigues (1999), é preciso ressaltar que o fenômeno do turismo, ligado ao lazer e às viagens, foi impulsionado devido às conquistas sociais dos trabalhadores, como os direitos ao descanso diário, semanal e as férias remuneradas. Por conseguinte, a sociedade de consumo de massa se apropria desse tempo livre e cria a inevitável necessidade de viajar como essencial à vida do homem urbano. Castro (2006) discorre que foi somente no início do século XX, que a participação da classe média nas atividades turísticas se estabeleceu.

Nesse contexto, Urry (2001) explica que o turismo, que era uma atividade desfrutada somente pelas elites, constitui-se popular, voltado às massas. Desse modo, essa atividade passa a ser realizada por diferentes classes sociais, tornando-se democratizada:

[...] É isso que constitui a característica principal do turismo de massa nas sociedades modernas, isto é, boa parte da população, a maior parte do tempo, viajará para algum lugar com a finalidade de contemplar e ali permanecer por motivos que, basicamente,

⁵ Thomas Cook, considerado o pai do turismo moderno e criador das agências de viagens, organizou, em 1841, a primeira excursão para transportar 578 pessoas de Loughborough a Leicester, a fim de participarem de um congresso antialcoolismo. Nesse processo de organização da viagem, ficou claro que o meio de transporte não era o único item necessário, mas também se precisava levar em conta outros segmentos, tais como: hospedagem, alimentação e pontos turísticos. Ainda foram incluídas outras atividades como jogo e dança ao som da banda que acompanhou os viajantes. Depois desse feito, Cook passou a explorar comercialmente um novo ramo de transporte e organização de viagens. Em 1845, com o intuito de organizar viagens atendendo aos desejos de clientes, fundou, em parceria com seu filho James, a agência *Thomas Cook & Son*. Foi ele o primeiro a criar o pacote turístico (preço, passagem, translado, refeições e hospedagem) (SANTOS, 2010).

não têm ligações com seu trabalho. Se as pessoas não viajarem, elas perdem seus status (p. 20).

Destaca-se que o turismo, por ser uma prática essencialmente humana com base na vivência sociocultural, constitui-se em uma atividade complexa e contraditória, pois, ao mesmo tempo, é uma atividade econômica estruturada em um sistema de produção capitalista e uma prática social (ARAÚJO; GODOY, 2016).

Nessa conjuntura, nos últimos anos, do ponto de vista econômico, a atividade turística vem se sobressaindo e aponta como um vultoso negócio. Esse setor tem recebido grandes investimentos do mercado internacional que tem contribuído com retornos ainda superiores (CORIOLANO, 1998). Conforme a mesma autora (1998, p. 9):

a importância e o significado do turismo no mundo têm crescido de forma tão expressiva que vem dando a esta atividade lugar de destaque na política geoeconômica e na organização espacial, vislumbrando-se como uma das atividades mais promissoras para o futuro milênio.

No Brasil, Cruz (2018, n.p.) afirma que:

embora haja indícios de que o turismo, enquanto prática social, já existisse no Brasil no final do século XIX, é somente na segunda década do século seguinte que seu desenvolvimento, enquanto atividade econômica, deu sinais de avanço por alguns fragmentos do território nacional. Ao final do século XX, seja como prática social, seja como atividade econômica, não restam dúvidas sobre a importância do turismo enquanto vetor da produção do espaço brasileiro.

Por consequência, o turismo vê o espaço como o seu mais importante objeto de consumo, assim como, nas contradições resultantes desse processo. Portanto, essa atividade, ao apoderar-se do espaço, descobre, na ciência geográfica, a capacidade de análise das diferentes relações que se constituem nessa prática social. É o que demonstra Conti (2003, p. 68) ao certificar que:

o turismo é um processo que interessa à sociedade e à natureza, e, por essa razão, está vinculado de forma muito estreita aos objetivos da Geografia enquanto ciência que se propõe a interpretar os arranjos espaciais da superfície terrestre e a decodificar toda a complexidade de seu dinamismo.

Posto isso, a análise do fenômeno do turismo é essencial para a discussão sobre essa atividade em seus espaços, ligando esse estudo aos conhecimentos geográficos. Sendo assim, para Rodrigues (1996), o turismo ganha notoriedade nas pesquisas geográficas, pois é uma atividade que organiza e (re) produz o espaço geográfico. O autor confere que:

o turismo é, incontestavelmente, um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais expressivos das sociedades ditas pós-industriais. Movimenta, em nível mundial, um enorme volume de pessoas e capital, inscrevendo-se materialmente de forma cada vez mais significativa ao criar e recriar espaços diversificados.

Cabe ressaltar, segundo Castro (2006), que o estudo do turismo pela geografia remete-se ao século XIX, quando geógrafos europeus apontaram os primeiros registros para o entendimento da dinâmica espacial dessa atividade. Consoante a mesma autora, o geógrafo Kohl, em sua obra de 1841, enfatizou que o deslocamento das pessoas causava transformações do meio natural, em lugares específicos e num período em que somente a elite inglesa, que fazia parte dos ensinamentos aristocráticos e burgueses, tinha direito à prática social do turismo.

Convém ainda mencionar que, no século XX, alguns geógrafos da Alemanha assinalaram o termo “geografia do turismo”, ressaltando produções onde destacaram a prática social da atividade turística com o deslocamento espacial, os impactos positivos dessa na economia e os diferentes motivos para a viagem (CASTRO, 2006).

Seguindo nessa análise, Castro (2006) descreve que, no Brasil, as primeiras pesquisas que retratavam a união entre o turismo e a geografia, realizaram-se nos anos 70. A autora faz uma indagação em relação ao atrasado despertar dos geógrafos brasileiros pela temática, indicando os motivos para tal desprezo do conhecimento como sendo as políticas públicas de turismo ineficientes para os geógrafos daquele momento, que julgavam serem pouco pertinentes, e a enfática prioridade por conteúdos relacionados à participação política, apresentada pela Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB).

Complementando a sua reflexão, Castro relata que os estudos do turismo, no âmbito da ciência geográfica, sofrem uma discriminação entre os cientistas em nível nacional e internacional. Essa mesma declaração é compartilhada por Rodrigues (1999), ao dizer que, até recentemente, as reflexões sobre o fenômeno turístico eram vistas como superficiais e elitistas. Entretanto, complementa que essa concepção vem mudando, pois o turismo tem se destacado como relevante atividade da sociedade moderna. Com isso, Rodrigues (2001, p. 95) considera importante uma maior investigação no significado dos conceitos de geografia, turismo e as suas interações. Assim explica:

a Geografia do Turismo serve para alimentar e irrigar a reflexão na Geografia. O contrário também é válido – é necessário aprofundar-se na reflexão geográfica para entender o fenômeno no turismo, contemplando sua natureza complexa e multifacetada, percorrendo os campos ecológico, sociológico, antropológico, psicológico, cultural, político, jurídico, ideológico com significativas incidências espaciais.

De acordo com Castro (2006), sendo a prática turística uma atividade envolvida no contexto da espacialidade, faz-se necessária a inclusão de um estudo geográfico do turismo na formação do geógrafo. A autora reitera que, o fenômeno turístico é sustentado sob os conceitos do território, da paisagem e do lugar, categorias que “imprimem identidade ao conhecimento geográfico, permitindo a interpretação de fenômenos com dimensão espacial” (CASTRO, 2006, p. 44).

Cabe considerar o modo como o espaço é organizado (forma) e a maneira como os sujeitos criam as suas relações no espaço (conteúdos), proporcionando à ciência geográfica o papel de análise. Nesse contexto, o turismo se torna objeto de estudo geográfico por trazer questionamentos sobre os diferentes usos do espaço, através de processos sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais. Rodrigues (2001, p. 40) relata que quanto maior for a interferência do turismo no espaço, maior será o “tratamento geográfico do fenômeno”.

A seguir, aborda-se sobre o processo de produção do espaço realizado pela atividade turística que, ao ser reconhecida como uma prática espacial, socialmente reproduzida, consome, produz e altera o espaço geográfico, sendo esse último, como dito anteriormente, é o principal objeto de estudo da geografia.

1.2 O processo de produção do espaço turístico

O turismo, enquanto prática social, vem tomando grandes proporções no contexto mundial, ao ser realizado culturalmente como ato de sociabilidade. Charon (2004, p. 5) realça

que “os seres humanos são seres sociais influenciados por interação, padrões sociais e socialização”.

Com efeito, é notável que o turismo traz mudanças nas vidas dos residentes e turistas, pois há um conjunto de transformações espaciais, produzidas pela implantação de infraestrutura de hospedagens, transporte, serviços, bem como os próprios atrativos. Nessa conjuntura, entende-se que a evolução do turismo está vinculada à questão temporal, isto é, as suas intenções se transformam no decorrer da história. Sobre essa dinâmica, Santos (1988) entende que não há produção que não seja a do espaço, não há produção do espaço que se dê sem o trabalho. Viver, para o homem, é produzir espaço.

Santos (1988, p. 10) explica que o espaço geográfico é onde a história se estabelece na junção de passado e presente. Portanto, “o resultado de uma interação entre o homem e a natureza bruta, [...] formado pela sociedade de hoje e o meio ambiente”. Isto se confirma na abordagem marxista que, em todo o tempo, considera a relação do homem com a natureza dialética. Dessa maneira, à medida que o trabalho envolve ações no meio natural, produz transformações nas formas da matéria e, ao mesmo tempo, sobre aquele que o realiza (MARTINS FILHO, 2020).

Nesse processo de metabolismo, a natureza se humaniza e o homem se naturaliza, estando a forma historicamente determinada em cada situação. Nesse nível, a troca material é uma relação do valor de uso e, desse modo, a natureza entra em relação com os seres humanos. O fato de o homem viver da natureza tem um sentido biológico, mas, principalmente, social. A apropriação da natureza pelo indivíduo está sempre inserida numa determinada forma social (BERNARDES; FERREIRA, 2010, p. 19).

É preciso salientar que a troca entre as culturas se tornou inevitável e, nos últimos anos, o fenômeno da globalização, com grande velocidade, impulsionou tais feitos. Observam-se como exemplos as navegações e os avanços imperialistas que promoveram, de forma muito rápida, esses contatos, levando ao crescimento das grandes civilizações. Certamente, essa acelerada mudança na vida do homem traz novos arranjos nas formas de produção, com outros elementos acrescentados de conhecimento técnico, científico e informacional nas mudanças dos espaços. Santos e Silveira (1996, p. 154) elucidam que:

estamos testemunhando, segundo Barraclough (1983, p. 41 e 42), uma época histórica que assistiu ao espetacular progresso no conhecimento e nas realizações científicas, mediante a aliança entre a ciência e a tecnologia, que tem poderes ‘para transformar para sempre as bases materiais de nossa vida, em uma escala inconcebível há apenas cinquenta anos’. A fase atual da história é, por isso mesmo, chamada de período técnico-científico (RICHTA, 1974). Trata-se da interdependência da ciência e da técnica em todos os aspectos da vida social, situação que se verifica em todas as partes do mundo.

Evidencia-se que os espaços turísticos tampouco poderão ficar excluídos desse sistema. Assim, a era da globalização, através das técnicas, dos meios causados pelo aprimoramento do saber humano e da atuação do capital, deu a possibilidade desse fenômeno se apoderar de todo e qualquer lugar no mundo como espaço de uso. É o que relata Cruz (2001, p. 12) ao considerar que:

os espaços são diferentemente valorizados pelas sociedades, em função das possibilidades técnicas que determinam sua utilização, de fatores políticos, econômicos e, também, culturais, todo o espaço do planeta (e mesmo de outros planetas) pode ser considerado espaço do turismo.

É indiscutível a relevância do turismo na economia mundial, especialmente, nos países pobres que possuem grandes paisagens naturais e culturais. Ressalta-se que essas são vendidas por meio de propagandas que incentivam a usufruir o novo local a ser visitado, colaborando com a difusão do marketing que gera e alimenta o processo fantasioso sobre esses lugares. Perinotto (2013, p. 8) descreve que o turismo é uma das “atividades que mais utiliza a imagem para se promover e atrair turistas, pois o turista, antes de comprar um lugar, para desfrutar de suas férias, por exemplo, ‘compra’ uma imagem, com um sonho ou um desejo”.

Portanto, entende-se que o turismo desponta como uma possibilidade de contribuir para a melhoria da qualidade de vida em países pobres, considerando o seu potencial na geração de emprego e renda. Dessa maneira, coopera para o bem-estar da sociedade, como reitera Casimiro Filho (2002, p. 133).

Para a quantificação de empregos gerados é admitida a hipótese de que o aumento na demanda final leva ao crescimento da produção na mesma proporção, implicando aumentos de emprego e expansão da renda, o que leva, por sua vez, ao aumento de demanda por bens de consumo por parte das famílias, implicando aumento da produção desses bens, o que resulta em aumento de emprego nesses setores.

Do mesmo entendimento participam Lopes, Tinôco e Araújo (2012, p. 117):

o subdesenvolvimento constituía um estágio para o desenvolvimento e não uma situação estrutural decorrente, dentre outros fatores, da submissão e subserviência desses países, em períodos anteriores, a países imperialistas. O turismo era, e ainda é em muitas regiões, uma promessa de saída da situação depreciativa e de escassez existente.

Em vista disso, determinadas instituições internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), o Banco Mundial (BIRD) e a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) passaram a apoiar práticas que estimulam o turismo nesses lugares pobres financeiramente, porém ricos em patrimônios naturais e culturais. Ballester Ros (1967, p.80 *apud* LOPES; TINÔCO; ARAÚJO, 2012, p. 107) conta que:

em 1963, as Nações Unidas recomendaram que fosse dada prioridade à assistência técnica no setor do turismo devido a sua importância como meio de reforçar a política de crescimento econômico nos países em desenvolvimento, uma vez que o turismo estimula os investimentos, constitui um meio de aquisição de moeda estrangeira, é uma fonte de criação de emprego, estimula a mobilidade social e a requalificação de profissionais para as necessidades de serviços derivados do turismo.

Logo, o turismo é visto como importante ferramenta desse sistema que busca, na produção do espaço, a garantia de lucros. Assim, declara Moretti (2007, p. 1):

o turismo, nesta perspectiva de racionalização do espaço, participa da transformação dos lugares, viabilizando-os para as ações programadas para o lucro. Nesta lógica, o tempo livre e o espaço são racionalizados. Neste processo o que não pode ser contado, o que não pode ser valorizado pelo mercado e o que não está incluído nas novas “necessidades” produzidas é excluído.

É notório que o capitalismo se apropria e transforma os elementos da sociedade como a cultura, os lazeres, o conhecimento, o cotidiano, adequando-os às suas necessidades. Nesse contexto, Bedim (2008, p. 9) ressalta que há uma disposição em transformar o espaço em mercadoria, através do turismo e lazer, criando lugares e provocando no pensamento utópico, do homem contemporâneo, a vontade de viajar e de conhecer novas paisagens e culturas. Consoante o autor:

o turismo e o lazer, consequentemente, são produtos da maquinaria produtiva da modernidade, do sistema capitalista de produção e dos seus mecanismos de expansão; fenômenos socioespaciais que se traduzem em estratégias de acumulação ao transformar o próprio espaço (destino turístico) em mercadoria, ‘fetichizando’ lugares e despertando no imaginário do homem moderno o desejo de viajar e assim consumir paisagens e culturas, movimentar-se pelo mundo e ter ao seu alcance a possibilidade de realizar compras por toda parte, fotografar os lugares mais remotos do globo terrestre e para lá ampliar as estruturas de acumulação e reprodução do capital.

Cabe salientar que, no momento em que ocorre a transformação de um determinado espaço para o turismo, os elementos naturais de uma paisagem são modificados, montando um quadro turístico, acrescentado de valor que, prontamente, será consumido pelos visitantes. Portanto, para Santos e Marujo (2012, p. 41) “os promotores do turismo inventam e (re) inventam paisagens para consumo turístico, tentando ir ao encontro da vontade expressa da procura”.

Cruz (1999, p. 14) destaca que “nenhuma outra atividade consome, elementarmente, espaço, como faz o turismo. [...] Esse consumo se dá através do consumo de um conjunto de serviços, que dá suporte ao fazer turístico”. De acordo com Luchiari (1998, p. 9), “a atratividade dos lugares (paisagens naturais ou construídas) precisa ser constantemente vendida, então, ela é constantemente recriada, ou melhor, padronizada em estilo, estética e atendimento”. Posto isso, as cidades turísticas se ajustam com o objetivo de consumirem bens, serviços e paisagens. Nesse âmbito, enquanto para algumas pessoas isso é percebido como impacto negativo, que destrói os lugares, para a autora, é um recurso de criação. Trata-se de:

formas contemporâneas de espacialização social, por meio das quais estamos construindo novas formas de sociabilidade, mais híbridas e mais flexíveis. [...] A urbanização turística coloca as cidades no mercado de paisagens naturais e artificiais. Algumas cidades chegam a redefinir toda a sua vida econômica em função do desenvolvimento turístico, reorganizando-se para produzir paisagens atrativas para o consumo e para o lazer. Assim, estabelece-se uma relação entre antigas paisagens e velhos usos e novas formas e funções, impulsionando a relação do lugar com o mundo, que o atravessa com novos costumes, hábitos, maneiras de falar, mercadorias, modo de agir. Assim, também a identidade do lugar é constantemente recriada, produzindo um espaço social híbrido, onde o velho e o novo fundem-se dando lugar a uma nova organização socioespacial (LUCHIARI, 1998, p. 2-3).

Assim, sabe-se que é no cotidiano dos lugares que a vida se manifesta, a existência se estabelece e as relações de produção acontecem. Nesse sentido, Milton Santos (2006, p. 230) explica que “o mundo oferece as possibilidades, e o lugar as ocasiões”. Conforme o autor:

o Mundo, porém, é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares. [...] o imperativo da competitividade exige que os lugares da ação sejam global e previamente escolhidos entre aqueles capazes de atribuir a uma dada produção uma produtividade maior. Neste sentido, o exercício desta ou daquela ação passa a depender da existência, neste ou naquele lugar, das condições locais que garantam eficácia aos respectivos processos. [...] Num dado momento, o ‘Mundo’ escolhe alguns lugares e rejeita outros e, nesse movimento, modifica o conjunto dos lugares, o espaço como um todo. É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar (SANTOS, 2006, p. 229-230).

Indubitavelmente, locais são elaborados de forma artificial e objetos se manifestam envoltos por funcionalidades. Portanto, cada localidade é capaz de produzir os seus aspectos imaginários e perceptivos para usar como atrativos turísticos. Isso representa um sistema

condicionado à vida, ao espaço e à produção dos sentidos, como demonstra Santos (2006, p. 39).

O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e seus habitantes. Os objetos não têm realidade filosófica, isto é, não nos permite o conhecimento, se os vemos separados dos sistemas de ações. Os sistemas de ações também não se dão sem os sistemas de objetos. Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma.

Contudo, por diversas vezes, as potencialidades turísticas de um lugar perdem o poder de atração para os serviços de infraestruturas, oferecidos no local, como os resorts, por exemplo. Esses são locais em que as pessoas deixam de conhecer e desfrutar tudo o que está ao seu redor, limitando-se aos serviços oferecidos nesses estabelecimentos. Diante dessa conjuntura, Cruz (2001, p. 22) certifica que:

as chamadas potencialidades turísticas (naturais e/ou culturais) de um lugar já não são mais determinantes da escolha, por parte do mercado, de uma ou outra porção de território para implementação de alguma estrutura para uso do turismo. Os progressos da ciência, da técnica e da informação permitem que estruturas absolutamente indiferentes ao seu entorno sejam implantadas nos territórios.

Somando-se a isso, é preciso destacar que os lugares onde o turismo ocorre também estão sujeitos à questão da sazonalidade. Logo, o lugar que hoje é tido como o mais especial, em outro período pode deixar de ser interessante e vice-versa. Segundo Figueiredo (2013, p. 8) “a Sazonalidade Turística é a instabilidade entre oferta e demanda em determinados períodos do ano e é uma das principais características do Turismo”. Neves, Cruz e Correia (2008, p. 27) complementam que a mesma “é intrínseca ao turismo e assume-se como um desafio às políticas de desenvolvimento, em particular aos atores que definem as estratégias de planejamento dos destinos”.

Sendo assim, entende-se que o espaço é dinâmico, pois mantém um processo contínuo de reprodução. A seguir, busca-se falar da produção do espaço, mas agora revelando quem são os atores sociais que participam dessa transformação, quais as políticas públicas e privadas que proporcionam a promoção da atividade turística e os conflitos socioespaciais em decorrência da luta daqueles que produzem o espaço.

1.3 Os agentes produtores e consumidores do espaço turístico

É importante dizer que produzir espaço é em si uma atividade de produção da vida. Conforme Lefebvre (1973, p. 109-110), “uma sociedade é uma produção e uma reprodução de relações sociais e não só uma produção de coisas”. O espaço é consequência da reprodução do capital e, ao mesmo tempo, das necessidades da sociedade com os seus conflitos e as contradições que também passam pelo turismo na produção urbana, em qualquer lugar do planeta, num determinado período histórico.

Devido às solicitações do capitalismo, as cidades, aos poucos, vão se transformando em mercadorias a serem consumidas e os espaços começam a realizar o predomínio do valor

de troca sobre o valor de uso⁶, à medida em que o setor privado vai tomando posse da vida e dos lugares. Segundo Carlos (2007, p. 38), “a supremacia do valor de troca se impõe sobre o valor de uso”. Isto é, o valor de uso do lugar de pertencimento se torna, agora, mercadoria sob o olhar dos atores hegemônicos que produzem o espaço, atribuindo-lhe outras formas de apropriação.

Com efeito, sob a ótica do capital, os agentes hegemônicos ocupam espaços públicos. Logo, constata-se que o uso e o acesso dos mesmos são modificados, o que, por sua vez, desencadeiam em uma transformação, realçando o valor de troca em detrimento ao valor de uso nos espaços (LOPES JUNIOR, 2010). Vale lembrar, segundo Alvarez (2013, p. 113 *apud* GIANNELLA *et al.*, 2019), que, mesmo sendo a produção do espaço realizada de forma social, é a propriedade privada que fará a intermediação das relações que se utilizam do valor de troca. O autor complementa que:

tendo o valor de troca como fio condutor do processo de ‘produção/apropriação/reprodução’ do espaço urbano, selecionam-se os sujeitos possibilidos de acessá-lo. Os consecutivos fenômenos de desvalorização, requalificação e expropriação presenciados nos últimos anos pela cidade do Rio de Janeiro, constituem exemplos das estratégias de viabilização da expansão do capital, como também evidenciam o papel e as alianças dos diversos atores sociais envolvidos. (ALVAREZ, 2013 *apud* GIANNELLA *et al.*, 2019).

Portanto, as relações sociais que buscam se apropriar do espaço como lugar de vida entrarão em conflito com aquelas que veem, no espaço, lugar de acúmulo de riquezas. Assim, a reprodução do espaço se torna uma “extensão do mundo da mercadoria englobando todas as esferas da vida como condição de realização da reprodução da sociedade capitalista, como um todo” (CARLOS, 2020, p. 415).

Nessa perspectiva, atores hegemônicos, representantes do capitalismo, concedem novas funcionalidades ao lugar em que instalam os seus equipamentos, na tentativa de desenvolver um espaço-mercadoria que servirá para o consumo, marginalizando aqueles que não têm condições para tal. Confirma-se que o espaço urbano é visto como mercadoria, o “produto supremo” (LEFEBVRE, 1999) que pode trazer desigualdades socioespaciais, onde a atividade turística acontece de maneira indiscriminada.

A segregação, como forma da desigualdade inerente à produção do espaço urbano, está na base do conflito na cidade, permitindo por seu intermédio decifrar (a) os conteúdos do processo histórico que a produz como condição de realização da reprodução social fundada na propriedade privada e sua extensão e (b) o modo como a produção capitalista metamorfoseia a cidade existente determinando a reprodução do espaço como momento necessário à sua acumulação (CARLOS, 2020, p. 418).

A atividade turística no Brasil, após 1994, começa a ser compreendida como alternativa para o desenvolvimento socioeconômico, necessitando de políticas com planos de ação entre os setores tanto público quanto privado para a sua construção (BARRETTO, 2008). Ambos com a incumbência de separar os espaços requerendo os benefícios em equipamentos turísticos e em infraestrutura, para que essa atividade se desenvolva juntamente com as relações sociais (MARTINS FILHO, 2020). Para Cruz (1999, p. 45):

uma política pública de turismo pode ser entendida como um conjunto de intenções, diretrizes e estratégias estabelecidas e/ou deliberadas no âmbito do poder público, em

⁶ A definição de Marx sobre o valor de troca “reside no processo social de aplicação do trabalho necessário aos objetos da natureza para criar objetos materiais (mercadorias) apropriados para o consumo (uso) pelo homem” (HARVEY, 1980 [1973], p. 133 *apud* GIANNELLA *et al.*, 2019).

virtude do objetivo geral de alcançar e dar continuidade ao pleno desenvolvimento da atividade turística num dado território.

No contexto do turismo, o espaço é importante, pois oferece os elementos fundamentais como: a infraestrutura (transportes, acessibilidade, serviços, hotéis, etc.); a sociedade (população residente e turistas); as empresas (firmas voltadas para o turismo); e o Estado, que ordena a atividade (LOPES JÚNIOR, 2010). Nesse sentido, para compreender o processo de (re)produção do espaço, pela atividade turística, é necessário questionar sobre as necessidades e os interesses dos principais agentes sociais que se constituem e se estabelecem neste arranjo. Ou seja, o Estado, o mercado, os turistas e os residentes (PEREIRA; SANCHO-PIVOTO, 2020).

Para facilitar o exercício e a prática de acumulação do capital, o turismo tem como um dos principais agentes o Estado, que garante papel de destaque na transformação e reorganização espacial da conjuntura do sistema capitalista contemporâneo (PAIVA; VARGAS, 2010). O Estado se torna relevante por ser capaz de mover os outros agentes na organização espacial e ordenamento territorial (SILVA, 2009). Já o turismo, por ser uma prática social, necessita de objetos para a sua realização, como: projetos, programas e planos, advindos do governo que darão suporte para o desenvolvimento da atividade turística (MARTINS FILHO, 2020).

Dessa maneira, Vieira (2011, p. 20) salienta que, cabe ao Estado, primar pelo planejamento e por todos os outros fatores essenciais ao turismo, em cooperação com a iniciativa privada para alcançar um bom desempenho nessa atividade. Reconhece-se que uma das atribuições do Estado, na organização espacial, é atuar em diferentes instâncias das políticas públicas, sendo que a questão da infraestrutura é o fator preponderante das melhorias na localidade (PAIVA; VARGAS, 2010).

Outro importante elemento que precisa ser destacado é o da ideologia, instrumento tão propagado pelo Estado na produção e no consumo do espaço. Destaca-se que a construção da imagem turística é usada, pelo Estado, para convencer a sociedade de que o lugar é interessante e merece ser visitado (PAIVA; VARGAS, 2010). Ademais, pode-se dizer que a imagem de um lugar “é resultado de todas as impressões recebidas pelos consumidores, mas é certo que cada indivíduo forma sua própria imagem de um destino turístico, porque nesta formação inclui suas recordações, associações e imaginação” (CRUZ; CAMARGO, 2006, p. 4).

Nesse contexto, as agências de viagens e operadoras desempenham papéis importantes como influenciadoras das imagens de destinos que serão consumidas. É oferecido ao turista diferentes informações e possibilidades, através dos serviços e pacotes turísticos (OLIVEIRA, 2016, p. 9). De acordo com Santana e Gosling (2017, p. 17):

fontes induzidas estão relacionadas à intenção específica de promover um destino, incluindo folhetos turísticos, brochuras de operadores turísticos, campanhas publicitárias de mídia de massa, funcionários de agências de viagens e sites de operadores turísticos.

Uma outra função do Estado é a de intermediar os conflitos entre os agentes. Admite-se que o gestor estatal é quem direciona a sociedade, ajustando às relações sociais nas esferas pública e privada, buscando manter a harmonia social. Além disso, a participação efetiva do Estado, na transformação do espaço turístico, não ocorre de maneira neutra (PEREIRA; BIENENSTEIN, 2019, p. 3441). Percebe-se que:

o Estado se mostra como um importante aliado do capital para sua reprodução na medida em que se coloca como árbitro dos conflitos e contradições que surgem a partir do jogo de interesses entre os agentes e as classes envolvidas, criando mecanismos

que minimizem os entraves aos investimentos ou aos lucros (PEREIRA; BIENENSTEIN, 2019, p. 3441).

Em vista disso, o Estado intensifica, ainda mais, a sua natureza seletiva quando escolhe alguns lugares, ditando os seus rumos, em vez de outros para fazer as suas infraestruturas. Desse modo, está produzindo espaço turístico, porém, acaba facilitando o capital ao proporcionar mudanças na ocupação e no uso dos lugares (SILVA, 2009).

O turismo é atividade produtiva moderna que reproduz a organização desigual e combinada dos territórios capitalistas, sendo absorvido com maneiras diferenciadas pelas culturas e modos de produção locais. No âmbito da nova dinâmica da acumulação capitalista, responde às crises globais e ampliadas do capital mundial, submetendo diretamente o Estado em favor do mercado, embora, e aos poucos, a sociedade civil de vários lugares descubra estratégias de beneficiar-se economicamente com ele, ou a partir dele (CORIZOLANO, 2006, p. 368).

Logo, muitos modelos de desenvolvimento, atrelados ao sistema mercadológico, são instalados nas localidades turísticas, no entanto, à margem das populações locais. Consequentemente acabam desencadeando em grandes bolsões de pobreza e impactando de forma negativa à sociedade (PEREIRA; SANCHO-PIVOTO, 2020).

É necessário destacar também a participação dos empresários (comerciais e industriais) no contexto das transformações socioespaciais do lugar. No que diz respeito à atividade turística, esses são os que oferecem serviços, como: gastronomia, cultura, diversão, hotelaria, etc., atrelados a outras ocupações comerciais e de serviços. Os empresários do turismo são importantes porque atuam, propõem novas ideias de planejamento e exigem consertos, equipamentos e infraestruturas para a localidade na qual está inserida a atividade turística (FONSECA, COSTA, 2004, p. 8).

Dando prosseguimento aos atores sociais, produtores do espaço, realça-se a figura do turista, que na perspectiva de Cruz (2003, p. 8), é o “principal elemento que caracteriza o lugar turístico. Todo lugar em que houver a presença do turista, ainda que solitário ou aventureiro, pode ser considerado um lugar apropriado pela prática turística”. Os turistas são grandes consumidores do espaço e, para as pessoas que dependem dessa atividade como alternativa de renda, são vistos como um sinal de que as mudanças, provocadas no espaço, foram bem-sucedidas, principalmente se esses turistas retornarem (COSTA da SILVA, 2012).

Por esse motivo, a participação dos turistas é essencial na produção e no consumo do espaço turístico, no entanto, eles agem mais como consumidores do espaço, ficando aos outros agentes, à produção. Na condição de consumidor, o turista tem se tornado, cada vez mais, exigente ao escolher os destinos e viagens, pois quer desfrutar, da melhor forma possível, dos lugares a que lhe são vendidos (PAIVA; VARGAS, 2010). Souza, Varum e Eusébio (2017, p. 92-93) acrescentam que:

em busca de atender a essas mudanças de atitudes, comportamentos e exigências dos turistas, a oferta do setor do turismo necessita se posicionar diante desse novo mercado. Isto é, há a necessidade de entender esses novos comportamentos, hábitos, preferências, desejos e necessidades para que consigam delinear novas estratégias que ajudem a oferta a permanecer atualizada e inovadora diante da atual realidade.

Por conseguinte, as transformações feitas para corresponder as vontades e os desejos dos turistas no espaço geográfico, materializam-se nos lugares através de elementos como serviços turísticos, que são: hospedagem, alimentação, transporte e comércio (SOUZA; BAHL; KUSHANO, 2013).

E por último, mas não menos importante, existem os residentes que são aqueles que retratam os diversos segmentos da sociedade de um lugar, procedendo de formas diferenciadas

na produção e no consumo do espaço turístico. Cabe explicar que as manifestações dos residentes ocorrem de três maneiras, a saber: (i) passiva, quando permitem às imposições do Estado e mercado que são os agentes hegemônicos; (ii) omissa, quando não se opõem aos atores que agem sob a lógica do capital; e (iii) ativa, como os cidadãos fazem valer os seus direitos, participando até mesmo de movimentos sociais (PAIVA; VARGAS, 2010).

Para fins de entendimento, convém esclarecer que, as mudanças espaciais provocadas pelo turismo, passam a fazer parte do dia a dia dos residentes e, ao mesmo tempo, esses experimentam as alterações sociais provocadas pelas trocas culturais, a partir do momento em que ocorre o contato com os turistas, trazendo assim, os novos costumes e as práticas para a população local (PEREIRA; SANCHO-PIVOTO, 2020). Por isso, à medida que as pessoas entram em contato com os diferentes modos de pensar, agir e falar, certamente surgem conflitos para aqueles que visitam e também para os que recebem esses visitantes.

Dall’Agnol (2012, p. 2) descreve que os impactos na cultura local, provocados pelo contato entre os diferentes padrões culturais, influenciam mudanças nos hábitos locais por aculturação. Coriolano (2006, p. 372), em consonância com esse pensamento, alega que, semelhante ao capital, o turismo se realiza, na maioria das vezes, de maneira violenta nos lugares aonde chega, desestruturando o antigo espaço e (re)organizando-o de acordo com as suas regras e leis, as quais impactam no ambiente natural e na vida cotidiana. Portanto, “o caos não está nele próprio [turismo], mas no papel que ele cumpre” (CRIOLANO, 2006, p. 373).

Logo, entende-se que os lugares turísticos não podem acabar com a vida cotidiana e nem tampouco serem compreendidos somente como espaços por onde as pessoas passam. Esses lugares turísticos, a princípio, podem ser demarcados como de trabalho para algumas pessoas, lazer para outras e vida cotidiana para as demais. Isso porque, para alguém praticar lazer em um lugar específico, é preciso que outra pessoa trabalhe em função disso. Dessa maneira, os lugares de entretenimento são concomitantemente lugares de trabalho, revelando o caráter paradoxal de tal atividade (SANTOS; ELICHER, 2013).

Quando se fala de turistas e moradores locais, fala-se de dois grupos importantes para o desenvolvimento da atividade turística, entretanto essa relação é muitas vezes considerada uma relação conturbada, pois ao mesmo tempo em que uns estão interessados no lazer, em desfrutar do local, os outros estão preocupados com os negócios, com os lucros. Estes muitas vezes vêm sua cidade se transformar em função do fluxo de turistas que ali passam. Na verdade, o que existe entre esses dois grupos é uma necessidade de relação, já que um depende do outro, por isso muitas vezes eles se suportam, sendo que a população local acaba saindo no prejuízo, pois sofre com os impactos (BALDISSETTA; BAHL, 2012, p. 2).

Conforme Henri Lefebvre (1974), citado por Elicher (2012, p. 32):

a produção do espaço é a própria (re)produção da vida, ou seja, se vivemos, simplesmente produzimos espaço. Assim, podemos entender a prática social do turismo como a prática da produção espacial do turismo. A sociedade não entende mais o espaço apenas como um receptáculo de suas ações, mas o vê como palco de sua atuação, onde viver, atuar, trabalhar adquire o significado da própria produção do espaço.

Nesse contexto de produção do espaço, os projetos são criados e atendem somente a determinados grupos. Como consequência, Celestino (2014, p. 53) explica que os confrontos estabelecidos nesse ordenamento do espaço são grandes e se constituem de “rupturas, conflitos e impactos territoriais, sociais, políticos, econômicos e ambientais”. Na maioria das vezes, a conjuntura histórico/social, definida na localidade, não é valorizada quando os projetos de revitalização urbana são feitos, ficando esses marginalizados das reais necessidades da população residente, produzindo segregações socioespaciais.

Dessa forma, o perigo desses projetos está em acabar com a memória e a identidade de uma localidade, à medida que transforma totalmente os seus componentes, criados por gerações ao longo da história, adotando elementos que não fazem parte da comunidade residente, mas somente com a intenção de despertar interesse nos visitantes. Nessa perspectiva, Orrego (2012, p. 17) entende que “operações urbanas buscam atrair turistas ao oferecerem atividades dirigidas ao turismo, porém muitas vezes esses processos mostram como resultado a banalização da cidade, vista simplesmente como objeto de consumo”.

Dessa maneira, o turismo desponta coberto de convicções ideológicas, revelado em espaços distintos, pois tem como base um sistema de mercado cuja essência se manifesta através de desigualdades. De acordo com Coriolano (2006, p. 372) o turismo, por si só, não gera justiça socioambiental e equidade econômica. Segundo a autora:

o discurso sobre o turismo é situado como opção para o desenvolvimento dos países, estados e municípios. Mas, na prática, é uma superestimação de seu desempenho, criando falsas expectativas, sem possibilidades de solução aos problemas sociais e ambientais existentes. Pois não desenvolveu as regiões pobres, nem distribuiu a riqueza do país, além de não consolidar territórios, apenas organizar outros. Acrescentou problemas onde foi tratado como política para atender a acumulação capitalista em detrimento das necessidades básicas dos trabalhadores locais.

Nesse cenário, Cruz (2006) afirma que há uma disputa dos novos usos turísticos do espaço com aqueles que já existiam, provocando, ainda mais, divergências entre esses diversos atores sociais que querem entrar no território. A partir desse entendimento, é nítido que o espaço é social e apresenta duas relações dialéticas: de um lado, o turismo produz ou transforma um espaço com a finalidade de atender aos interesses do capitalismo, do outro, apropria-se de um espaço onde as relações sociais se reproduzem, apesar da existência da atividade turística (SOUZA; BAHL; KUSHANO, 2013).

Nesse sentido, é notório que a produção do espaço, no contexto do capitalismo, é diversa, porém há possibilidades para atenuar e reduzir esses efeitos negativos provenientes da produção desigual, começando com a participação efetiva das populações residentes (MARTINS FILHO, 2020). Ressalta-se que é importante que os outros atores do turismo, como: poder público, turistas, veranistas e empresários, participem da construção e do planejamento das localidades turísticas.

À vista disso, são necessárias ações, pois, caso isso não ocorra, a apropriação do espaço acontecerá, exclusivamente, numa visão de mercado, que marginaliza a população e os seus espaços, permitindo somente, aqueles que possuem situação econômica elevada, o poder de consumir tais lugares (LOPES JUNIOR, 2010).

Desse modo, é preciso dizer que o planejamento pode atender aos anseios da população residente, desde que sirva como uma ferramenta que traga igualdade social. Todavia, a saída para os conflitos pertinentes à vida cotidiana precisa ir além do planejamento estatal, pois este está saturado por conteúdos ideológicos propostos pelos atores hegemônicos (SILVA, 2009). Para Cruz (2006, p. 343):

como o turismo acaba afetando, de uma forma ou de outra, a vida de todos, que vivem no lugar e como os efeitos desejados do turismo são sempre bem-vindos, as populações residentes dos lugares receptores de turistas devem buscar inserir-se nas decisões que dizem respeito ao turismo na sua cidade e na sua região.

Sendo assim, Coriolano (2003), citada por Lopes Junior (2010), relata que, para requerer o desenvolvimento na localidade, é imprescindível novos acordos que contemplam os diferentes atores sociais que estão ligados ao turismo. Nesse pensamento, o autor afirma que:

se organizar e descobrir novos caminhos para entrarem nessa cadeia produtiva do turismo. Não de cima para baixo, mas de baixo para cima. [...] Querem uma participação feita do local para o global, porque a feita do global para o local, vem esmagando, destruindo, sem dar chance aos pobres. A que inicia de baixo para cima, do local para o global prioriza o local, é o homem que vai encontrar uma forma de ganhar o espaço dele, a sobrevivência e defender sua cultura. Portanto, uma saída seria desenvolver uma política de desenvolvimento voltado para o homem, para o desenvolvimento social, e isso exige a negação desse modelo global. Para encontrarmos o caminho temos que negar esse modelo global (CURIOLANO, 2003 *apud* LOPES JUNIOR, 2010, p. 89).

Posto isso entende-se que a relação entre o turismo e um espaço geográfico só é plena quando traz justiça social e ambiental. Dessa forma, existe a maior possibilidade de redistribuição do que é produzido do ponto de vista econômico (SOUZA; BAHL; KUSHANO, 2013).

Assim, na próxima etapa, realiza-se um levantamento cronológico, identificando os diferentes atores sociais que habitaram a região de Visconde de Mauá, em diversos períodos históricos. Além disso, mostra-se quais foram as atividades criadas por esses, ao longo dos anos, até chegar no turismo, que é hoje a principal atividade da região. Também se aborda as características geográficas da área de estudo, como os aspectos físicos, a localização e o acesso. E por fim, apresentam-se os dados socioeconômicos da região com o objetivo de facilitar o entendimento da força que o turismo exerce no local.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO E ANÁLISE REGIONAL DE VISCONDE DE MAUÁ

Neste capítulo, realizam-se a contextualização e análise regional de Visconde de Mauá. No primeiro momento, aborda-se o histórico, apresentando os diferentes atores sociais que habitaram a região. Na sequência, apresentam-se as características da área de estudo, entendendo a localização e os aspectos socioeconômicos desse destino turístico.

2.1 O histórico da região de Visconde de Mauá

De acordo com Rocha (2001), antes de outros processos de ocupação, a região onde se localiza Resende já era habitada pelos indígenas Puris. Nos séculos XVII e XVIII, durante o ciclo do ouro, bandeirantes e aventureiros se interiorizavam e desbravavam essas áreas, pois os minérios, retirados no local, entravam na rota do ouro que provinham de Minas Gerais. Segundo Quinteiro (2012, p. 11), a atividade:

levou à matança indiscriminada desses indígenas, tanto por tropas do governo, contratadas para eliminá-los e matá-los, como por contaminação intencional por varíola. Os Puris contaminados foram dizimados e a posse de terra confirmada pelos ‘homens brancos’. Após 1788, parte dos índios que sobraram foram confinados em uma aldeia e parte fugiu rumo à Serrinha e à Visconde de Mauá. Lá encontraram os índios Botocudos, inimigos naturais dos índios Puris e bem mais fortes. Para os que ficaram na aldeia pouco se sabe, mas em 1857 restavam apenas 133 representantes indígenas.

Desse mesmo entendimento compartilha Lopes (2021, p. 3-4), ao afirmar que:

semelhante a muitas outras comunidades indígenas, os Puris tiveram suas terras invadidas, seus corpos violados e foram submetidos ao trabalho compulsório por meio da escravização, houve muito enfrentamento e resistência, no entanto, foram dizimados, sobrevivendo poucos vestígios que permeiam o folclore regional.

É necessário ressaltar que a suposição da dizimação total dos indígenas Puris na região é refutada em estudos de Pachamama (2021). A pesquisadora apresenta, a partir de análises baseadas em oralidades, com pessoas de ascendência originária Puri, a presença desse povo no momento atual.

O povo Puri, no tempo presente, não tem uma aldeia, mas, sim um território. Repito: temos território. Aqui refiro-me ao nosso território na Serra da Mantiqueira, trechos e espaços no Sul de Minas Gerais. A explicação mais lógica para que remanescentes Puri estejam localizados em regiões distintas, como Zona da Mata (MG), o Vale do Paraíba (RJ) e Mantiqueira (MG, RJ, SP), é o fato de que, em determinado período de nossa história, acentuou-se o deslocamento, por conta de fatores externos, como a ameaça da escravidão indígena. No entanto, esse deslocamento cessa e pequenos grupos se estabelecem no território da Mantiqueira ou nas proximidades. Propomos a ideia de território como local de pertencimento, de memória e história. Nesse sentido, percebe-se o território construído como um espaço de relações sociais, onde há o sentimento de pertencimento dos atores locais, processo de identidade construída e associada ao espaço da ação coletiva, em que são criados laços de solidariedade (PACHAMAMA, 2021, p. 49).

Portanto, as atuações de pessoas remanescentes dos Puris, na Mantiqueira, reafirmam a presença desse povo a partir da história de uma parcela de originários. Ressalta-se que essa

cultura está presente em espaços e lugares de memórias como a Pedra Sonora, na Serrinha do Alambari. Para Pachamama (2021), esse espaço, tombado pelo Patrimônio Histórico e Paisagístico do município de Resende, representa a expressão cultural e de espiritualidade desse povo⁷.

Os sítios arqueológicos são evidências significativas da presença ancestral do povo Puri na região, assim como a Pedra Sonora. Apesar de pouco estudados, esses ambientes são “preciosos para o registro da história tanto do povo Puri quanto de outros povos que transitavam pela região. Na região de sul de Minas e na Mantiqueira, na região do Rio de Janeiro, nas Vilas da Serrinha, Visconde de Mauá e Fumaça, há evidências desses sítios” (PACHAMAMA, 2021, p. 52).

Mais adiante, após o ciclo do ouro, surgiam as grandes fazendas de cana-de-açúcar, mas o produto principal viria em 1875, que era o café e começava a ser plantado na região. No cenário econômico do século XIX, na baixada resedense, situada à margem do Rio Paraíba do Sul, o cultivo do café ganhava expressividade, representando o “Império do Café no Vale do Paraíba Sul Fluminense” (ROESLER, 2019, p. 11). A região do Vale do Paraíba se tornou um grande espaço de riquezas do Brasil, pois era dali que escoava a produção do café, utilizando mão de obra escrava, e seguia até o porto do Rio de Janeiro.

Contudo, em 1888, com a abolição da escravatura no Brasil, ocorre a crise da produção cafeeira, que também impactou o Vale do Paraíba. De acordo com Rocha (2001), é dentro desse contexto que a história da colonização da região de Visconde de Mauá se inicia, ou seja, quando o governo brasileiro busca novos caminhos para substituir a mão de obra escrava, recentemente liberta.

Nesse momento, a região do Vale do Paraíba, através de políticas governamentais, começa a receber imigrantes europeus que chegavam ao Brasil para trabalhar nas lavouras e atender as demandas da elite brasileira, que objetivava “embranquecer” a população. Consequentemente, na passagem do século XIX para o século XX, esses imigrantes foram encaminhados para o trabalho em plantações de café e nas indústrias urbanas. Segundo Rocha (2001, p. 12), essa foi a maneira encontrada pelo governo brasileiro para sanar a falta de mão de obra, ocasionada pela abolição da escravidão. Além disso, somava-se ao interesse de alguns governos, de estados europeus, que procuravam alternativas para reduzir o excedente de trabalhadores sem oportunidades de emprego em seus países.

Dessa forma, a estratégia adotada, pelo Governo Imperial, para destinar estes migrantes europeus, se baseava em duas políticas de organização: a de migração e a de colonização. A primeira colocava, o migrante europeu, prontamente nas plantações de café para preencher o espaço deixado pelos negros libertos. Já a segunda, pretendia:

introduzir imigrantes europeus não para estabelecê-los nas grandes fazendas, mas nos chamados ‘núcleos coloniais’, como pequenos centros organizados em pequenos lotes de terra e com o objetivo de realizar uma pequena produção de alimentos vendida nos mercados das cidades brasileiras (ROCHA, 2001, p. 15).

Destarte, as terras concedidas pelo imperador de Portugal ao Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá, foram escolhidas para a efetivação dessa colônia. Cabe ressaltar que, segundo Rocha (2001), no ano de 1870, o Governo Imperial concedeu ao Visconde esse

⁷ A história contada na região sobre sua origem indígena narra que naquele local, os Coroados disputavam a posse das terras com os Puri. Certo dia, uma liderança Puri, fazendo reconhecimento do local, recebeu uma flechada no pescoço. Impossibilitado de gritar para pedir ajuda e sentindo que ia morrer, ajoelhou-se junto à pedra, deixando seu machado cair sobre ela. A pancada emitiu um som que ecoou pela encosta. Ao constatar o fenômeno, o indígena bateu outras vezes com o machado. Curioso com o ruído que ouviram, seus companheiros não tardaram a chegar ao local a tempo de salvá-lo. Acredita-se na região que quem bate na pedra e provoca seu som característico é protegido de todos os males (PACHAMAMA, 2021, p. 51).

espaço para explorar o carvão mineral, na Serra da Mantiqueira. Desse modo, o pensamento, de criar uma colônia de imigrantes, já era apontado desde 1889.

A ideia do aproveitamento destas terras para a formação de núcleos coloniais surgiu, pela primeira vez, à época da especulação financeira no início da República. Num breve período, que vai de 1889 a 1892, ao estimular novas atividades, ocorreu uma intensa especulação, revelada nos famosos ‘booms’ da Bolsa de Valores do Rio. Facilidade de crédito, abundância de títulos e mesmo companhias fantasmas marcaram a euforia destes anos. Foi neste clima que o Comendador Henrique Irineu de Souza – filho e herdeiro do Visconde de Mauá – obteve por contrato, permissão para instalar dois núcleos coloniais em suas terras: os núcleos ‘VISCONDE DE MAUÁ’ (no Vale do Rio Preto) e ‘ITATIAIA’ (no Vale do Campo Belo). O contrato entra em vigor em 1889, estipulando que o Governo seria responsável pela introdução e transporte dos colonos, comprometendo-se em construir estradas e indenizar o proprietário pelos gastos feitos na instalação dos núcleos e sustento provisório dos imigrantes. As previsões eram bastantes pretensiosas e falavam em receber cerca de quinhentas a mil famílias de colonos (ROCHA, 2001, p. 24).

Para Rocha (2001), existiram interesses especulativos e políticos na criação desse primeiro núcleo colonial, cujos objetivos eram valorizar a terra e proporcionar políticas do governo. Portanto, no período em que acontecia a colonização desses núcleos, foram introduzidas, na região, culturas de batatas, feijão, milho, horticultura, frutas, além da fabricação de queijos.

Em seguida, com a morte do Visconde de Mauá, em 1889, o seu filho, Henrique Irineu de Souza, herda as terras e obtém o direito de criar núcleos coloniais na região do Vale do Rio Preto e no Vale do Rio Campo Belo, em Itatiaia. Na concepção de Rocha (2001), havia um contrato que atribuía ao governo a responsabilidade de assegurar aos colonos o transporte, a construção de estradas, os gastos na instalação dos núcleos e os sustentos provisórios dos imigrantes, deixando evidente a participação do governo que incentivava imigrantes europeus a ocuparem o interior do Brasil. No entanto, essa primeira tentativa de colonização no ano de 1889, na região de Visconde de Mauá, não obteve sucesso, pois o governo não assumiu os seus compromissos, acarretando a desativação do núcleo.

No final de 1890, a experiência foi dada como fracassada. A questão dos transportes (construção de estradas) foi apontada como o principal problema dos núcleos. Apesar disso, tanto o Governo quanto o Comendador não executaram as determinações do contrato e os 60 contos de réis (60.000\$000) disponíveis à experiência evaporam-se com o fracasso dos núcleos e a dispersão dos colonos (ROCHA, 2001, p. 24).

Posteriormente a essa primeira tentativa frustrada de colonização, o governo em 1908, instala na região uma comissão para organizar os novos núcleos coloniais (Mauá e Itatiaia), através da demarcação de lotes coloniais, construção e reformas de estradas, bem como fundação de casas. Em 30 de abril de 1908, o governo do estado do Rio de Janeiro obteve as terras do antigo Núcleo Mauá, que pertenciam ao Henrique Irineu de Souza. Ao final de 1908, chegavam os imigrantes europeus em Resende. Dentre eles vieram: suíços, alemães, austríacos, portugueses, espanhóis, russos, poloneses, franceses, italianos e húngaros que objetivavam se tornar camponeses no Brasil (ROCHA, 2001).

O trabalho no ‘Núcleo Mauá’ correspondia à regra dos demais núcleos coloniais, sendo predominantemente de caráter familiar, semelhante em muitos aspectos ao dos camponeses europeus. O imigrante ganhando o título provisório ou comprando o título definitivo da terra, mantinha consigo seus instrumentos, com perspectiva de trabalhar na pequena produção de alimentos. Eventualmente, ele poderia tornar-se um assalariado do Estado, prestando trabalho na construção de caminhos vicinais e

melhoramentos em geral da colônia, mas era da produção agrícola que pretendia viver (ROCHA, 2001, p. 27).

Os núcleos de Mauá e Itatiaia ganharam evidência como os dois únicos organizados no estado do Rio de Janeiro, dentro dessa nova fase da política de colonização. Assim, com a desvalorização das terras e a queda da produção, em larga escala, para suprir o mercado externo, a produção de alimentos passa a ter o objetivo de abastecer as grandes cidades, como o Rio de Janeiro e São Paulo (ROCHA, 2001). Logo, é nessa conjuntura que o governo federal funda o Núcleo Colonial de Visconde de Mauá e o Núcleo Colonial de Itatiaia em 1908 (Figura 4).



Figura 4 – Imagens do modo de vida no núcleo Mauá

Fonte: Acervo do Museu Bühler, julho/2022.

Vale ressaltar que, os imigrantes no Núcleo Colonial de Visconde de Mauá encontravam muitas dificuldades, como: ferramentas rudimentares, sementes de má qualidade e condições desfavoráveis da terra. Destaca-se o acesso à sede de Resende que também era difícil, mesmo após a implantação da estrada, pois só eram permitidos a passagem de animais ou carros de boi. Segundo Rocha (2001), uma viagem que saía de Resende ao Rio de Janeiro, pela Estrada de Ferro Central do Brasil, levava aproximadamente 5 horas, ao passo que os 34km, da sede de Resende até o núcleo colonial, era concluída em 12 horas a cavalo ou 48 horas em carro de boi, veículo este utilizado para escoar a produção dos colonos europeus.

Assim, por motivos de instabilidade e estagnação econômica da colônia, os colonos começaram a abandonar o núcleo em 1916. De acordo com Rocha (2001), os conflitos existentes na colônia tiveram duas vertentes totalmente diferentes: a primeira vinda do Governo Federal, visto que a baixa produtividade do núcleo colonial veio dos imigrantes que foram acusados de não serem agricultores. Em contrapartida, os imigrantes alegavam a má gestão dos núcleos e afirmavam que a terra não era boa para o cultivo e criação.

O Governo Federal instalou escritórios técnicos, farmácia, duas escolas, observatório meteorológico, olaria, ‘campo de demonstração’, padaria, igreja, carpintaria e diversos comerciantes abriram três armazéns de víveres em Visconde de Mauá. Mas o funcionamento disto tudo foi sempre muito limitado. Segundo informações de ex colonos entrevistados, professores, técnicos, médicos ou farmacêuticos não permaneciam muito tempo em Visconde de Mauá e a presença oficial foi muito intermitente.

[...]

Para fiscalizar as vendas criava-se uma ‘caderneta do devedor’ que registrava a conta corrente dos colonos. Esta ‘caderneta’ funcionava como principal vínculo do Estado com o imigrante, estabelecendo não só as regras de acesso à propriedade, como garantindo a extração de determinada renda pelos órgãos oficiais, com juros anuais de 3% (ROCHA, 2001, p. 28-29).

Esse conflito aumenta com a atuação de determinados setores da sociedade resendense que, insatisfeitos com os resultados dos núcleos coloniais europeus, começam a divulgar notícias falsas sobre os colonos nos jornais locais. Salienta-se que, nos anos de 1910, esses periódicos já atacavam os colonos, rotulando-os de não agricultores, de praticarem atos de libertinagem e de serem anarquistas ao se revoltarem contra o governo. Cabe mencionar que, naquele momento, o imigrante europeu é visto como um “potencial inimigo externo e que representa um perigo para a nação” (ROCHA, 2001, p. 34).

Desse modo, foi a partir do fracasso da colonização imigrante que o governo autorizou a venda dos lotes a qualquer indivíduo que tivesse interesse nas terras. Sendo assim, muitos fazendeiros mineiros compraram e dividiram as terras coloniais. Contudo, mesmo após a emancipação, algumas famílias de imigrantes, do Núcleo Mauá, permaneceram no local, sendo eles: os Bühler, Frech e Büttner. Um dos motivos da permanência foi o matrimônio com fazendeiros mineiros, criando raízes nas comunidades no início do século XX (ROCHA, 2001).

Vale explicar que esses trabalhadores trouxeram, para a região de Visconde de Mauá, o modelo de pecuária adotado no alto do Vale do Rio Grande, sul de Minas Gerais, lugar de onde procedia a maioria desses mineiros. Desse processo, resultaram novas funções na região, como: retirantes, vaqueiros, roçadores, além dos tropeiros, que possuíam a incumbência de levar a produção para outros lugares. É o que relata Rocha (2001, p. 46) ao afirmar que:

as novas fazendas passaram a cuidar da criação de gado leiteiro. O leite foi tratado nos mesmos moldes rústicos da pecuária do alto do Vale do Rio Grande, sul de Minas Gerais, de onde provinha a maioria destes mineiros. Implantou-se a pecuária extensiva, contando com o trabalho dos ‘colonos do leite’ (‘retireiros’, ‘vaqueiros’, ‘roçadores’, etc) e com a participação direta da família do fazendeiro. Para tornar viável esta produção e articulá-la ao mercado consumidor, determinados fazendeiros com alguns recursos, instalaram uma série de ‘fabriquetas de queijo’ nos diversos subvales tributários do Rio Preto (Cruzes, Pavão, Campo Alegre, Alcantilado, Flores, Funil e Rio Preto). Estes queijos, levados por tropas de burros, passaram a ser vendidos em Resende e mesmo no Rio de Janeiro.

Destaca-se que a produção de leite rendeu elevados lucros aos produtores da região. No entanto, em 1947, a produção de queijo sofreu uma queda, relativa ao interesse da Cooperativa Municipal de Resende na compra do leite *in natura*. Tal medida desestimulou o beneficiamento do leite, acarretando o fechamento de fábricas artesanais de queijo na região. Somado a esse fato, na década seguinte, a inflação disparou e o preço do litro do leite não acompanhou o mesmo ritmo, ocasionando o empobrecimento dos fazendeiros (COSTA, 2001).

Além disso, outros fatores contribuíram para essa decadência, como a falta de suporte técnico da Cooperativa e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER). Também houve o fato de o leite produzido na baixada resendense possuir o preço mais

competitivo e se encontrar próximo às áreas consumidoras (ETRM, 2002 *apud* MAIA, 2013). Assim, muitos pecuaristas, desestimulados, começaram a abandonar a produção e vender as propriedades. Várias dessas terras foram adquiridas por veranistas ou transformadas em meios de hospedagem, pois o turismo apontava como uma alternativa de renda. É o que relatam Villela e Maia (2009):

até os anos 70, a produção leiteira constituía-se na maior fonte de renda entre os fazendeiros que vieram de Minas Gerais. Porém, na década de 70, a baixa remuneração do leite e a produtividade local pouco significativa forçaram os fazendeiros a venderem suas terras para construção de casas de veraneio e transformarem suas próprias casas em pousadas. Estas pousadas improvisadas incutiram na população a cultura do turismo como uma possibilidade alternativa de renda, e não como uma atividade principal (VILLELA; MAIA, 2009, p. 40-41).

Vale lembrar que, no final da década de 20, o turismo surge sem abandonar a produção agropecuária. A nova atividade parte das famílias de imigrantes que resistiram à emancipação da colônia e viram, nas belezas naturais da região, como o “astral alpino” e os acessos ao Pico das Agulhas Negras, fontes de recursos. Nesse contexto, no ano de 1922, a região de Visconde de Mauá registra os seus primeiros veranistas, na sua maior parte componentes da Escola Alemã do Rio de Janeiro⁸ e funcionários do Banco Alemão, que buscavam entender como era a vida dos colonos imigrantes alemães. Já três anos após, a família Büttner constrói a primeira pousada para atender a esses hóspedes e, em 1930, as famílias Frech e Bühler (Figura 5) também repetiram o mesmo feito (ROCHA, 2001).



Figura 5 - Família Bühler abre as portas de sua casa para receber os primeiros turistas
Fonte: Acervo do Museu Bühler, julho de 2022.

Conforme Rocha (2001), em 1937, é criado o Parque Nacional de Itatiaia, que exercia a função de proteger as terras onde fica a região de Visconde de Mauá. É, nesse momento, que o turismo ganha notoriedade, aguçando o interesse de viajantes naturalistas e cientistas que vinham do Rio de Janeiro e da Europa (SERRANO, 1993). Nessa conjuntura, a atividade turística segue presente nesse destino e, na década de 1970, recebe uma nova corrente migratória de grupos alternativos, que ficaram conhecidos na região como “hippies” (Figura 6). Nesse período, vivendo sob a ditadura militar no Brasil, muitos jovens chegam inspirados pelo

⁸ A Deushe Schule, hoje Colégio Cruzeiro, teve sua denominação alterada em 1943, no contexto em que as instituições dos países do Eixo tiveram que ser abraçadas (MASCARENHAS, 2009, p. 7).

movimento contracultural da década de 60, nos Estados Unidos, que era contrário à tradicional cultura ocidental, marcada pelo conservadorismo, capitalismo e consumismo.

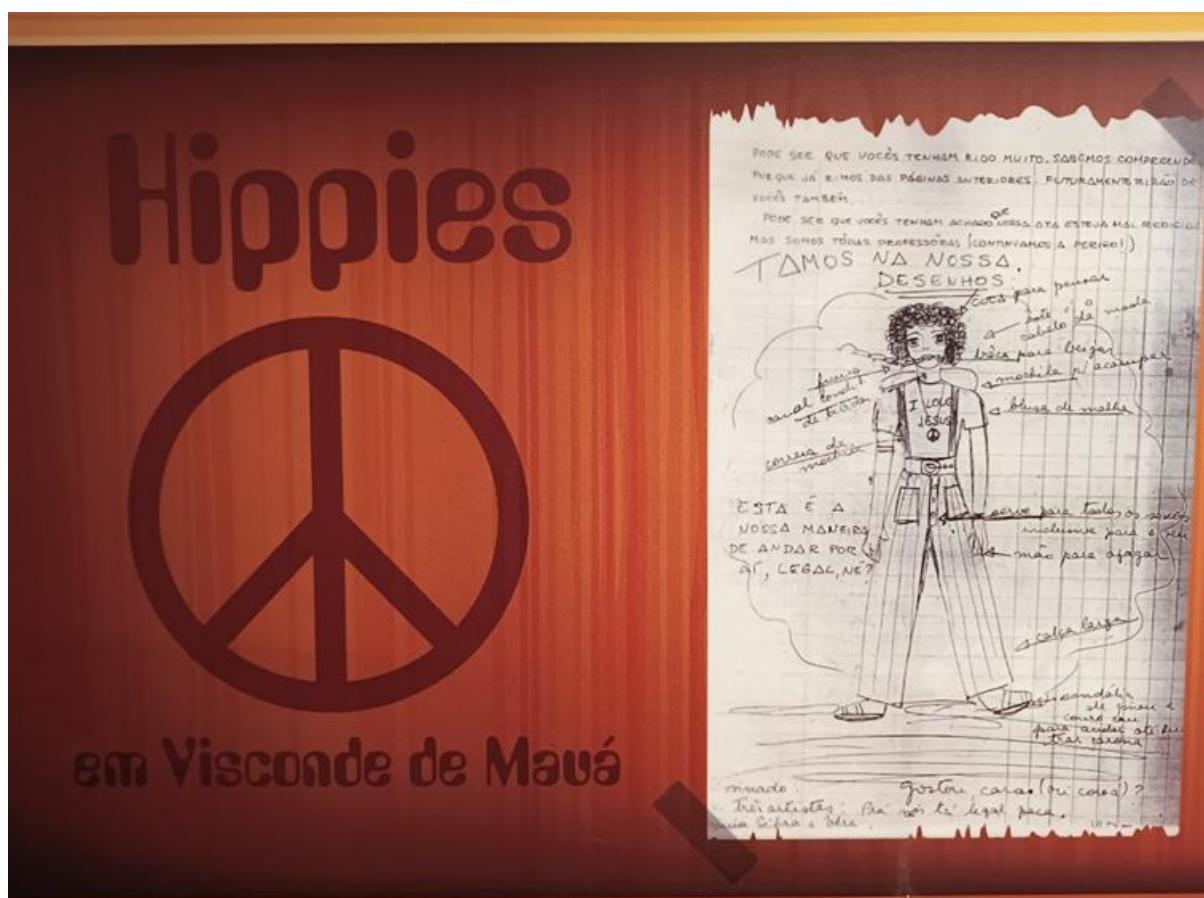


Figura 6 - Painel, museu Bühler, destacando a chegada dos hippies na região de Visconde de Mauá no início dos anos 1970

Fonte: Acervo do museu Bühler, julho de 2022.

Por ser um lugar singular, de beleza natural, com a presença de muitos rios e cachoeiras, a região de Visconde de Mauá atraiu muitos jovens nesse período e a vila de Maromba foi o principal destino escolhido pelos “hippies”. A presença desses novos atores sociais trouxe mudanças e um estilo de vida totalmente diferente daqueles que já moravam no lugar. Destaca-se que esses buscavam um maior contato com a natureza e costumavam se reunir para interações sociais e culturais. Em depoimento de um integrante dessa nova leva migratória, foi relatado a criação de vários espaços e eventos.

Nessa época, aqui era um lugar muito frutífero musicalmente e hoje ainda existem inúmeros músicos. Com isso, o povo foi se acostumando a ter eventos e artistas tocando. Nesse período, construímos um espaço cultural chamado Galpão Maringá, na vila de mesmo nome, que virou sucesso por muito tempo. Esse espaço também era um local de decisões políticas e sociais.

[...]

Além disso, criamos um outro espaço cultural chamado Circo Voador. Lá, ocorriam vários eventos com essa ‘galera’ que vinha da cidade, para cá, querendo ter uma vida mais integrada. Isso foi em 1974 e 1975 e o espaço não tinha portaria nem ingressos. Fazíamos apresentações artísticas como teatro, música, poema e circo (informação verbal)⁹.

⁹ Entrevista concedida por M.T. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (28 min.).

Nesse cenário, percebe-se que a imagem dos “hippies” sempre esteve atrelada à cultura. No entanto, para muitos, o conceito de hippie vai além da aparência e da “veia artística”, é o que explica uma moradora e organizadora da feira agroecológica da região.

As pessoas observam alguém com uma ‘miçanguinha’ e uns ‘dreads’ e acham que é hippie, mas não necessariamente é. O artesão, às vezes, é uma pessoa comum que talvez tenha começado a gostar de fazer um trabalho para viajar e viver uma cultura mais alternativa, vivenciar novas coisas, mas não necessariamente é hippie. Ela precisa ter uma alimentação natural, uma forma de vida mais respeitosa com a natureza, uma consciência no seu consumo, porque para mim hippie é isso. Ela vai procurar saber o que está comprando, que tipo de trabalho ela está ajudando, qual o tipo de consumo, como trata os resíduos de sua casa, para onde vai o resíduo que vai ser descartado no banheiro. Para mim, o conceito de hippie não é o que todo mundo diz “sou paz e amor”. Na minha visão, hippie é aquela pessoa que no dia a dia dela vai mensurar cada passo, cada escolha pensando na melhoria do planeta, na preservação e não no que é bom só para ela, mas sim no coletivo. É uma filosofia de vida na essência, não o que se mostra para os outros. Na Maromba, vocês vão ver um monte de gente que vai mostrar que é hippie, vai falar que é hippie, vai fazer sinalzinho para vocês, mas não são. Para mim, o movimento hippie vem para mostrar que somos um só, acabar com a ideia de individualismo do ‘meu’ e passar a ser o “nossa”. Ser hippie é um compromisso com a vida, uma atitude, é a cultura da vida (informação verbal)¹⁰.

Uma produtora rural e comerciante, também integrante desse movimento, complementa dizendo que:

o conceito de hippie, assim como o conceito de bruxa, dependendo da visão que a pessoa tenha, vai possuir um entendimento diferente. O hippie está ligado à um movimento iniciado em 1969 com a transformação da sociedade, uma mudança em busca de amor, de uma vida mais saudável, onde as pessoas não vivessem dessa maneira que se vive hoje, com esse excesso de consumismo, individualismo e desamor. Então, esse movimento de 1969, junto ao Woodstock e a Guerra do Vietnã, gerou tudo isso que foi um pouco da minha época (informação verbal)¹¹.

Portanto, entende-se que, boa parte daqueles que vieram para a região de Visconde de Mauá eram rotulados como “hippies” e na realidade não passavam de pessoas que estavam fugindo dos problemas das grandes cidades e buscando novas alternativas de vida. Esse é o relato de uma moradora, filha de um casal que morava no Rio de Janeiro e migrou para a região de Visconde de Mauá nesse período. A mesma afirma que os seus pais:

estão enquadrados dentro desse grupo, adoravam o campo, pois tinham a experiência de ter tido sítio e ficaram com aquela memória afetiva na cabeça, então achavam que poderiam viver no mundo rural. No entanto, se ‘estreparam’, porque a vida rural é superpesada, não é para qualquer um. A metade dos outros hippies construíram hotéis e viraram hoteleiros. Por isso acho que esse ‘hippie’ é um grande ‘sacão’ que bota um ‘monte’ de gente, tipo meus pais, que não têm nada de hippie, minha mãe nunca andou de saia ‘floridona’, mas a pegada deles era a comida, eram da Universidade Rural do Rio de Janeiro e ‘piravam’ nisso, de serem produtores e vieram parar aqui. Outros, era uma coisa musical ou artística, outros ainda tinham a ver com a fuga da cidade.
[...]

¹⁰ Entrevista concedida por N. G. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (47 min.).

¹¹ Entrevista concedida por F. T. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (38 min.).

É preciso ressaltar que, na década de 1980, já tinham pousadas em todos os vales. Nesse período já tinham publicidade e marketing nas revistas do Rio de Janeiro. Mas quem fez as pousadas e o marketing? Os hippies. Então, não faz muito sentido serem chamados de hippies. Na maioria, não eram pessoas que queriam ficar vivendo de feira de artesanato, eles só queriam buscar um outro modo de vida. Uma grande parcela fazia parte de uma burguesia que não queria fazer um concurso e trabalhar engravidado, preferia um outro modo de vida, comendo alimentos orgânicos e ‘abrindo mão’ do que o mundo urbano oferecia. Nesse sentido, eram contracultura mesmo. Então, dentro desse grupo tinha os que vinham em busca de outra alimentação, alguns por causa do sossego e outros pelo esoterismo (informação verbal)¹².

Segundo nesse entendimento, Mascarenhas (2004, p. 7) comprehende que a região recebeu integrantes de um “movimento alternativo de amplo espectro, abrangendo anarquistas, ‘hippies’, ecologistas e esotéricos dispostos a formar comunidades”. Assim, nessa perspectiva de uma vida alternativa, algumas foram criadas na região, dentre elas se destacam a Comunidade Céu da Montanha¹³, mais conhecida como Santo Daime, localizado no Mirantão, Bocaina de Minas/MG e a Ecovila Terra Una, em Liberdade/MG, que sugerem um modelo de vida solidário e ecológico, a fim de criar sociedades mais éticas, justas e igualitárias. Sobre esse momento, declara uma moradora da vila de Visconde de Mauá:

eu era jovem e buscava uma vida mais livre, a gente acreditava muito nisso, então acho que, nesse momento, houve uma saída de algumas pessoas da cidade, ou seja, jovens buscando uma alternativa de vida mais saudável e mais livre. Depois, aqui também, foi um lugar onde vieram se concentrar alguns movimentos místicos, como o Santo Daime, eu vim nessa leva. Conheci o Santo Daime com o Alex Polari e aí a gente veio formar uma comunidade em 1984, foi quando me mudei com a família. A comunidade está fazendo 40 anos agora e eu morei 10 anos por lá. Depois, teve o budismo também com a criação de um centro. Aqui, tem muitas pessoas que vêm buscar essa integração com a natureza (informação verbal)¹⁴.

No entanto, apesar da sua importância, poucas são as comunidades e ecovilas que ainda existem na região. Tal fato se justifica por elas estarem sustentadas nas relações entre pessoas, o que pode gerar conflitos. Somando-se a isso, a pressão externa, imposta pelo mundo capitalista, leva os indivíduos a buscarem novas formas de sobrevivência. É o que nos relata uma moradora e componente da feira agroecológica:

nós até viemos buscando essa proposta de viver em comunidade, era um sonho que nos movia, [...] a gente plantava arroz e milho. Então, recuperamos um pouco do que eles (os antigos hippies) viveram, inclusive foi no sítio que sediou o primeiro Encontro de Comunidades Alternativas, em 1983, no Vale das Flores, que fica em Mirantão (Bocaina de Minas/MG). Mas percebemos que essa relação, em comunidade, não é uma coisa muito simples, as pessoas vão chegando com seus ideais, mas as relações,

¹² Entrevista concedida por A. D. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (60 min.).

¹³ De acordo com o portal Centro de Documentação e Memória da Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal (ICEFLU), a igreja do Céu da Montanha foi aberta por um grupo liderado por Alex Polari de Alverga. O grupo se propunha a uma vida comunitária na região de Visconde de Mauá/RJ, baseada na agricultura, nos moldes da comunidade do Padrinho Sebastião. Disponível em: <https://www.santodaime.org/site/123-linha-do-tempo/1983/313-fundacao-do-ceu-da-montanha-em-maua>. Acesso em: 21 set. 2023.

É importante frisar que parte dos “hippies” chegou na região de Visconde de Mauá pela comunidade daimista ou se filiou a ela, mas não necessariamente todo o “hippie” é daimista ou que todo o daimista é “hippie”.

¹⁴ Entrevista concedida por F. T. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (38 min.).

às vezes, não ajudam e ainda tem a pressão do dia a dia para conquistar sua sobrevivência. Assim, vemos a importância de cada um ter o seu espaço, sua casa, mas compartilhamos as produções agrícolas e compostagem (informação verbal)¹⁵.

Além das comunidades, nesse período, a região também atraiu pessoas que buscavam tratamentos alternativos para a saúde, como a Somaterapia, criada pelo escritor e terapeuta Roberto Freire. Uma moradora da vila de Maromba descreve esse período:

ele fez uma comunidade, lá no alto da Cachoeira do Escorrega, que hoje em dia é o parque. Ele propunha umas vivências terapêuticas, onde todos ficavam nus, faziam sauna, iam para o rio, dançavam, enfim, tem muito esse apelo da terapia aqui. Ele vinha e ficava em uma pousada na Maromba e fazia esse movimento de transformação. Era um terapeuta bem avançado, uma pessoa bem legal, trazia gente da cidade, fazia exercícios de respiração, yoga e outras coisas. Esse movimento todo vindo para cá é porque Mauá tem essa característica, de ser um lugar que tem rios e cachoeiras, então as pessoas vieram para tomar banho de rio sem roupa, aí começou a ocorrer um certo choque com a comunidade local.

[...]

Tem uma coisa bacana, aqui, no lugar, acho que isso é uma herança dessa maneira nobre de viver que a gente quer. Tem movimentos de erveiras, roda de defumação, roda de capoeira, tem um monte de coisa que acontece. Tem um grupo fazendo articulação para entender tocar tambor, uma ‘galera’ sempre puxando coisas alternativas. Também tem muita procura por cura natural, terapia, tem bastante terapeuta, gente que vem aqui para se tratar. Lá, perto do Daime, inclusive tem um spa, no fundo, com várias ervas medicinais, muita gente tem vindo fazer trabalhos com os índios, tem um monte de coisa esotérica. Aqui, tem uma energia bem legal (informação verbal)¹⁶

Nesse contexto, é importante destacar que, apesar da região de Visconde de Mauá ter oferecido uma vida alternativa para muitos desses migrantes naquele momento, a questão relacionada ao trabalho não foi fácil, pois o espaço rural apresentava muitos obstáculos. Sem muitas escolhas, alguns foram trabalhar com a pecuária e outros com a agricultura, que é o caso da produtora de alimentos orgânicos e dona de uma loja de artigos naturais, que fica na vila de Visconde de Mauá.

No início foi bem difícil, nos primeiros anos fomos gastando tudo que tínhamos para poder nos manter e até descobrir como sobreviver, não foi fácil. Por isso muita gente entrou para a parte de turismo e eu também tentei, mas não gostei de ficar com hóspede atendendo não. Aí, começamos com gado para aproveitar a fazenda que era toda roçada: primeiro trabalhamos com queijaria, depois eu e minha família tentamos fazer de tudo para sobreviver, mas não deu muito certo, tanto que paramos de roçar o pasto e, hoje em dia, minha casa é uma mata, graças à Deus! Era caro, muito difícil roçar aquilo tudo para colocar a vaca e aí começamos a questionar que não tinha sentido aquilo, mas para tudo isso foram anos de trabalho (informação verbal)¹⁷

Convém mencionar que esses diferentes atores, que chegaram na região, eram essencialmente de origem urbana, muitos com formação universitária e com ideais

¹⁵ Entrevista concedida por N. G. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (47 min.).

¹⁶ Entrevista concedida por F. T. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (38 min.).

¹⁷ Entrevista concedida por F. T. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (38 min.).

socioambientais. Destaca-se que esses foram responsáveis por iniciar cultivos de base ecológica, adquirindo sítios na região, e que uma boa parte, desses primeiros produtores, possuía renda não-agrícolas ou reservas em dinheiro, facilitando a ousadia de investirem nessa forma de produção, até então menos praticada. Já as outras pessoas foram trabalhar em parcerias com restaurantes e comércios da região, como revela uma moradora da vila de Maromba e integrante da feira agroecológica:

minha fonte de renda não vem da agricultura porque o que tenho é basicamente para minha subsistência. Trabalho com grupos, faço alimentação vegetariana, forneço para lojas de produtos naturais, monto as barracas nos eventos das feiras e trabalho na cozinha de alimentos naturais de uma amiga. Então, vou fazendo um pouquinho de cada coisa dentro daquilo que acredito e subsistindo (informação verbal)¹⁸.

Assim, de acordo com Villela e Maia (2009), várias pessoas também passaram a se inserir na atividade turística. Os antigos moradores relataram que, aqueles que detinham um poder aquisitivo maior, montaram os seus estabelecimentos (hotéis, pousadas e restaurantes). Uma outra parte continuou trabalhando como artesãos e criaram a Feira Hippie, localizada na Cachoeira do Escorrega, vila de Maromba, que já existe há mais de 40 anos (Figura 7).



Figura 7 - Feira hippie na Maromba

Fonte: a autora, agosto de 2023.

Com essa propagação da região, fortalecida também pelos “hippies”, mais adiante, na década de 1980, cresce o fluxo de turistas (MASCARENHAS, 2004). Assim, os empresários, vindos do Rio de Janeiro e de São Paulo, percebendo a força do turismo na região, migraram e investiram em infraestrutura, incluindo hospedagens e até hotéis mais luxuosos, pois vislumbravam, na região de Visconde de Mauá, uma grande chance para o crescimento de seus lucros.

Nos anos 1980, a região vive um novo processo de imigração, desta vez com a chegada de empresários. Estes interessados em investir no setor de turismo tornando a estrutura turística da região mais complexa, com alguns investimentos de maior vulto, que incluíram a construção de hotéis de melhor qualidade e que necessitavam de um fluxo turístico menos sazonal (VILLELA; MAIA, 2009, p. 41).

¹⁸ Entrevista concedida por N. G. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (47 min.).

Posteriormente, segundo Mascarenhas (2004), nos anos 1990, a diversificação de opções de lazer e gastronomia converteram a região num importante polo turístico do estado fluminense. Dessa maneira, a decadência da agropecuária e a emergência de atividades não-agrícolas, tendência observada na Região do Médio Vale do Paraíba e outras regiões do interior fluminense, se relacionam com a expansão das cidades e do mercado de trabalho urbano em áreas rurais. As famílias, ligadas às atividades primárias, tiveram que buscar novas formas de obtenção de renda, seja pela indústria, comércio ou, mais recentemente, o turismo.

Observa-se que a atividade turística é um setor que vem ganhando, cada vez mais, destaque no interior fluminense. Essas mudanças em espaços rurais e a difusão de empregos não agrícolas, encontram-se atrelados ao intenso processo de urbanização que marca o estado. Conforme Marafon (2011), esse novo olhar sobre o meio rural está associado aos espaços pouco modificados que apresentam a natureza preservada ou com pequenas unidades familiares de produção. Essas áreas passam a desempenhar novas funções, relacionadas ao lazer, turismo e segundas residências, atendendo, principalmente, às classes média e alta da Região Metropolitana do estado (ALENTEJANO, 2005). Cabe ressaltar que essas novas funções, incorporadas aos espaços rurais, constituem-se em tendências observadas tanto em escala nacional quanto internacional.

Nesse contexto, o turismo adentra a área serrana da Mantiqueira, balizado em uma diversidade de atrativos naturais, pautado na questão ecológica e pelo clima ameno, advindo da altitude. Assim, essa atividade, na região de Visconde de Mauá, se amplia e engloba várias modalidades, como: o ecoturismo (*rapel*, tirolesa, *boia cross*, canoagem, *rafting*, *trekking*, etc.); turismo cultural¹⁹ (tropeirismo, festas do pinhão, etc.); e turismo gastronômico (trutas, pinhão, *fondue*, etc.), demonstrando a força de tal atividade nas transformações da região.

Sendo assim, entender todas essas mudanças, é de importante valia para um melhor planejamento futuro. A seguir, são apresentadas algumas características da área de estudo, a fim de conhecer a delimitação espacial e as singularidades desse destino turístico.

2.2 A localização e os aspectos socioeconômicos

A região de Visconde de Mauá, localizada no alto da serra da Mantiqueira, a cerca de 1.200 metros acima do nível do mar, abarca os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais e se expande por três municípios, são eles: Resende/RJ, Itatiaia/RJ e Bocaina de Minas/MG. Nesse vale, situa-se a microbacia do Alto do Rio Preto com muitas quedas-d'água e o rio de mesmo nome, fazendo a divisa entre os dois estados (Figura 8). Ademais, integra três Unidades de Conservação, a saber: a Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira; o Parque Estadual da Pedra Selada; e o Parque Nacional do Itatiaia.

¹⁹ Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura (BRASIL, 2010).



Figura 8 - Divisa entre os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais pelo Rio Preto
Fonte: a autora, julho de 2022.

Esse destino turístico engloba os seguintes aglomerados urbanos: a vila de Visconde de Mauá, conurbada com a localidade chamada Lote 10, no município de Resende; a vila de Maringá, dividida em Maringá/RJ e Maringá/MG, sendo a parte fluminense incluída ao município de Itatiaia e a parte mineira pertencente ao município de Bocaina de Minas; e a vila de Maromba, no município de Itatiaia (Figura 9). Essas vilas estão distribuídas ao longo do rio preto e são intercaladas por vales (Cruzes, Pavão, Gramá, Santa Clara, Flores e Alcantilado) com características rurais e de veraneio (DETZEL *et al.*, 2017).



Figura 9 – Mapa esquemático dos destinos turísticos da região de Visconde de Mauá
Fonte: Portal Visconde de Mauá. Disponível em: <http://www.viscondedemaua.com.br>. Acesso em: 2 ago. 2022.

Conforme Neves e Maia (2012, p. 23), o conjunto das quatro vilas estão “dispostas linearmente entre 1100 e 1300 metros de altitude, ao longo do Rio Preto”. A vegetação

predominante é a Mata Atlântica, o tipo de clima é definido como tropical de altitude, com temperaturas que variam de 11 C° no inverno e 20 C° no verão, sendo essa última, em sua boa parte, seguida por fortes chuvas (Figura 10 e 11).



Figura 10 - As vilas da região de Visconde de Mauá

Observação: imagem A: vila de Visconde de Mauá; imagem B: vila de Maringá/RJ; imagem C: vila de Maringá/MG; imagem D: vila de Maromba.

Fonte: a autora, janeiro de 2023.

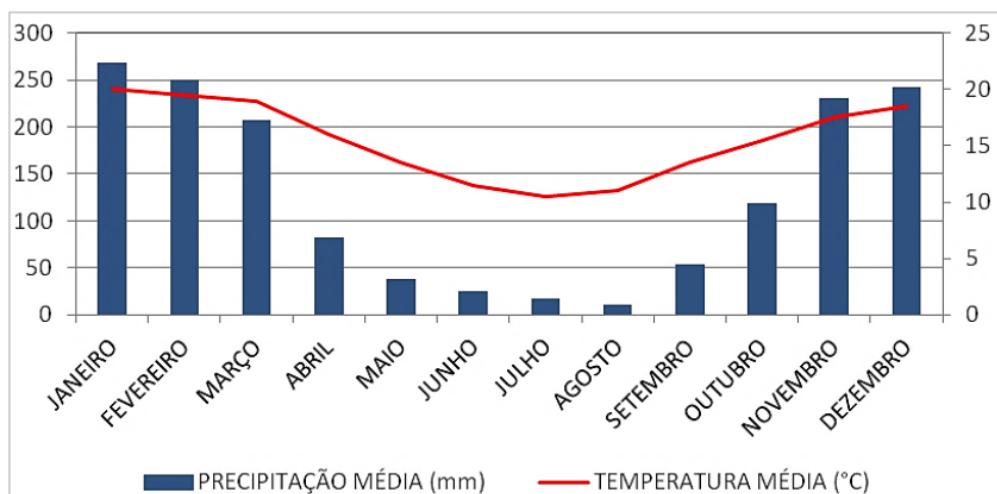


Figura 11 - Gráfico climático (climograma) de Visconde de Mauá/RJ

Fonte: elaborado por Detzel *et al.* (2017) com dados de Inmet (2015).

Observa-se que, a partir da correlação entre a temperatura e a precipitação na região de Visconde de Mauá, constata-se que os meses com a maior temperatura correspondem aos de maior intensidade de precipitações, sendo janeiro o mais quente e chuvoso. Já as menores temperaturas ocorrem entre os meses de maio a agosto, sendo julho e agosto os de menores índices de precipitação.

O acesso a vila de Visconde de Mauá ocorre, principalmente, através da rodovia Presidente Dutra (BR-116), no km 311, entre os municípios de Resende e Itatiaia, onde se

alcança a serra através da rodovia Coronel Tramujas Mader (RJ-163), numa estrada de, aproximadamente 30 km de extensão. Na sequência, pela estrada Mauá-Maromba (RJ-151), por cerca de 6 km, chega-se à vila de Maringá/RJ e seguindo por mais 3 km alcança-se à vila de Maromba. Vale destacar, que até o final de 2009, o acesso à região era mantido em condições rústicas e o governo do estado do Rio de Janeiro a transformou na primeira estrada-parque estadual (NEVES; MAIA, 2012).

Essa estrada foi criada com o intuito de melhorar o acesso às localidades da região, incentivando o movimento turístico e qualificando a intervenção de modo a promover o menor impacto ambiental. Inicia-se na localidade, denominada Capelinha, no município de Resende (RJ-163) e segue até a vila de Visconde de Mauá e Maringá, pela RJ-151. É importante frisar que a estrada não é pavimentada em alguns trechos entre Maringá e Maromba, por motivos de intervenção ambiental (Figura 12).



Figura 12 - Trechos da RJ-163 e RJ-151 incluídos no projeto da Estrada-parque Visconde de Mauá

Fonte: Plano Básico Ambiental - PBA Estrada-parque Visconde de Mauá - RJ-163 / RJ-151, Departamento de Estradas e Rodagem – RJ, 2009.

Concernente aos dados populacionais dos residentes nos municípios que compreendem a região de Visconde de Mauá, o Censo Demográfico de 2022 revela que Resende tinha uma população de 129.612 habitantes, já Itatiaia apresentava uma população de 30.908 habitantes, enquanto Bocaina de Minas, no estado de Minas Gerais, continha uma população menor com 5.348 habitantes (Tabela 1). Ademais, os dados revelam que o município de Resende e Itatiaia apresentaram um crescimento populacional mais expressivo, comparado ao município de Bocaina de Minas que quase não teve alteração, na comparação com censos de anos anteriores (Figura 13). Fora isso, os três municípios exibem baixa densidade demográfica, sendo Bocaina de Minas com 10,62, Itatiaia com 128,23 e Resende com 117,47 habitantes por quilômetro quadrado.

Tabela 1 - População residente por município da Região de Visconde de Mauá
População residente Censos IBGE

Municípios	1980	1991	2000	2010	2022
Bocaina de Minas (MG)	5.321	4.954	4.983	5.007	5.348
Itatiaia (RJ)	12.106	16.074	24.739	28.783	30.908
Resende (RJ)	75.229	91.574	104.549	119.769	129.612

Fonte: elaborada pela autora a partir de dados do censo demográfico de 1980, 1991, 2000, 2010 2022 (IBGE, 2022).

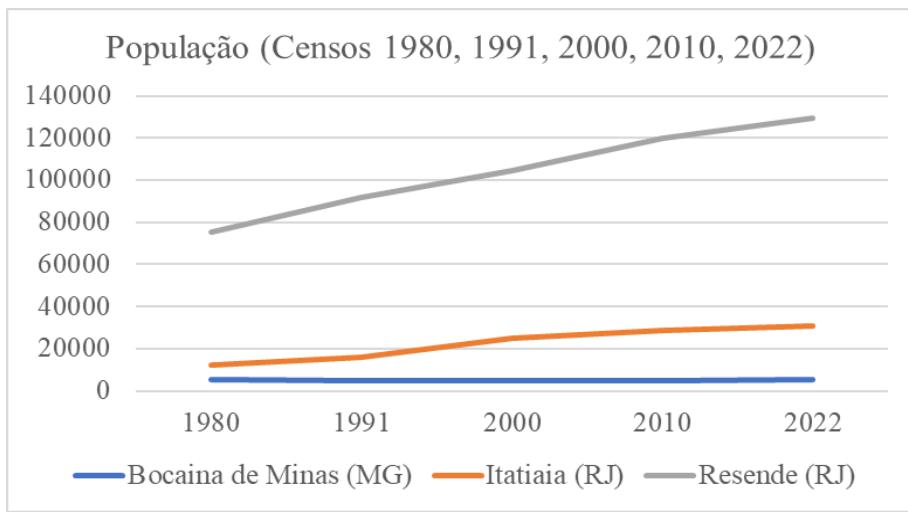


Figura 13 - População dos municípios de Bocaina de Minas (MG), Itatiaia (RJ) e Resende (RJ), segundo Censos do IBGE (1980, 1991, 2000, 2010)

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados dos censos demográficos de 1980, 1991, 2000, 2010, 2022 (IBGE, 2022).

De acordo com o portal MAUATUR (2022), a região de Visconde de Mauá apresenta, atualmente, cerca de 6 mil habitantes. Segundo dados do Plano de Manejo do Parque Estadual da Pedra Selada, as áreas da região, onde se concentram a maior parte da população, são as localidades conurbadas da vila de Visconde de Mauá e Lote 10²⁰ (DETZEL *et al.*, 2017).

A região possui, nas vilas, infraestruturas de atendimentos, como: escolas, farmácias, unidades básicas de saúde, posto de gasolina, agência dos correios, posto de policiamento e lojas. Além disso, possui equipamentos mais ligados ao turismo como meios de hospedagem, restaurantes e agências de entretenimento. Com relação à atividade econômica, o turismo se configura como o principal setor de renda, sendo acompanhado secundariamente pela atividade agropecuária.

Para Mascarenhas (2004), a diversificação de opções de lazer e gastronomia, nos anos 1990, converteram a região num dos mais importantes polos turísticos do Médio Vale do Paraíba. O destaque da urbanização turística são os núcleos de Maringá, Maromba e Visconde de Mauá. Essas vilas estão voltadas, principalmente, para atividades relacionadas ao atendimento turístico como restaurantes, lojas de artesanato e *souvenirs*, hotéis e pousadas. Consoante destacado pelo portal da MAUATUR (2022), as vilas podem ser apresentadas como:

situada nos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, a Vila de Maringá é cortada pelo Rio Preto e reúne sofisticação e simplicidade. A localidade possui hotéis, pousadas, lojas de artesanato, bares e restaurantes, além da Alameda Gastronômica Tia Sofia, um boulevard que atrai os amantes de um bom vinho ou chocolate quente.

[...]

Local de passagem para algumas cachoeiras, a Vila de Maromba ainda preserva a atmosfera do movimento hippie presente na região durante a década de 70 e reúne opções de artesanato, restaurantes e pousadas. Nas noites mais frias, a fogueira da praça é um local de encontro de pessoas para se aquecer e trocar conversas.

[...]

²⁰ Cabe mencionar que o IBGE não disponibiliza dados específicos para o distrito de Visconde de Mauá em Resende/RJ, mesmo esta área sendo um distrito do município. Já o município de Itatiaia não apresenta divisões distritais. O município de Bocaina de Minas apresenta duas divisões distritais com a vila de Maringá estando englobada no distrito de Mirantão.

A Vila de Visconde de Mauá, por ser a primeira vila criada, concentra boa parte dos serviços úteis ao visitante, como lojas e restaurantes. Além de abrigar o Centro Cultural da Região, onde são realizados eventos como a Feira de produtos orgânicos.

Vale ressaltar que, no passado, a vila da Maromba era a mais procurada pelos turistas. Entretanto, atualmente, ela vem perdendo essa posição para as vilas de Maringá e Visconde de Mauá. É o que relata uma moradora da vila de Maringá/RJ:

nas décadas de 1970, 80 e 90, a vila mais turística era a vila de Maromba. As pessoas ficavam tocando em volta de uma fogueira na praça central, tinham vários barzinhos, tinha uma mega feira de artesanato todo o final de semana, era um lugar muito turístico. Já a vila de Maringá só tinha movimento durante o dia e aí, hoje, isso foi totalmente invertido. Maringá é a vila que mais recebe turistas apresentando os principais estabelecimentos da região. Portanto, esse processo está acontecendo com a vila de Mauá, que não era turística e vem inaugurando muitos estabelecimentos (informação verbal)²¹.

Em conformidade com informações coletadas nas Secretarias de Turismo da região, essas mudanças podem ser explicadas pela mudança no perfil dos turistas. Antes, a vila de Maromba era muito procurada por jovens atraídos por movimentos alternativos, porém, hoje, esse público já não possui a mesma representatividade. Quanto à vila de Maringá, ressalta-se que se tornou um extenso aglomerado, praticamente, destinado a serviços sofisticados para turistas.

Já a vila de Visconde de Mauá, que tinha as feições mais tradicionais, concentrando os serviços voltados à comunidade local, a partir da construção da estrada-parque, passou por uma revitalização que estimulou o aumento do fluxo turístico na vila. Constatase que esses estabelecimentos, antes direcionados aos moradores, como por exemplo uma loja na entrada da vila, que no passado era um açougue, agora vende alimentos artesanais, típicos da região. Desse modo, observa-se a mudança de função de alguns estabelecimentos. Um representante da Secretaria de Turismo de Resende complementa:

nos finais de semana, a vila de Mauá fica cheia de turistas circulando. Estão surgindo lojas voltadas para os visitantes que, antigamente, eram comércios para a população local, mas agora atendem ao setor turístico, como as cafeteria, por exemplo (informação verbal)²².

Destaca-se também que, no passado, a vila de Visconde de Mauá não possuía equipamentos ligados ao turismo, mas, com a chegada da estrada, esses equipamentos chegaram e os serviços ofertados sofreram modificações. Segundo um antigo morador da vila de Maringá/RJ:

a vila de Mauá era um deserto, você olhava e via uma luz que acendia lá no final da rua. O ponto mais importante da vila durante muito tempo, foi um armazém que funcionava como um mercado. O dono pertencia a uma família tradicional da região e todos aqui tinham conta nesse armazém. Além disso, na vila, também existia uma resfriadeira de leite e um local para abastecimento de gasolina na região. Porém, quando asfaltaram a estrada, essa vila recebeu um ‘banho de butique’. Melhoraram

²¹ Entrevista concedida por A. D. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (60 min.).

²² Entrevista concedida por T. R. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (59 min.).

várias coisas, arrumaram as ruazinhas todas e com isso o ‘cara’ que tinha um pequeno armazém antigo não conseguiu se manter (informação verbal)²³.

Nesse sentido, percebe-se que, a partir dessa revitalização, a vila passou a disponibilizar estabelecimentos turísticos e deixou de desempenhar a principal função, que era a de atender a população local. Essa incumbência, hoje, é estabelecida pela localidade do Lote 10, que é uma extensão da vila de Visconde de Mauá. Nela, encontram-se pequenos mercados, lojas de materiais de construção, borracharias, mecânicas de automóveis e salões de cabeleireiro, ou seja, serviços que satisfazem às demandas, principalmente, da comunidade. Salienta-se que, nessa área, também existem estabelecimentos voltados ao turismo, como restaurantes e pousadas, porém com valores dos serviços mais acessíveis que nas vilas principais. Já nos vales da região (Cruzes, Pavão, Gramá, Alcantilado e Santa Clara) prevalecem ambientes rurais com fazendas, sítios, casas de veraneio, além de serem áreas que dispõem de hospedagens e restaurantes.

Uma outra atividade econômica relevante, favorecida pelo clima ameno e qualidade da água da região, é a criação de trutas. Essa prática despontou nos anos 1990 para atender a restaurantes e pousadas (DETZEL *et al.*, 2017). Ademais, é significativa a comercialização de “queijos, fabricados em laticínios de propriedades de Minas Gerais, de alimentos artesanais, como licores, geleias, chocolates e de outros produtos artesanais, como roupas, bijuterias e tecelagem” (QUINTEIRO, 2008, p. 55).

Vale esclarecer que, com a substituição da pecuária e agricultura por atividades, vinculadas ao turismo, essas produções estão em declínio na região. Segundo Detzel *et al.* (2017, p. 69), “há um baixo índice de ocupação agrícola das terras, sendo a produção destas voltada quase que exclusivamente para o abastecimento de hotéis, pousadas e restaurantes ou à venda de produtos para os veranistas e turistas”. Junto a isso, as limitações impostas pela legislação ambiental contribuem para a restrição dos trabalhos dos produtores. Observa-se que as atividades, ligadas ao turismo, configuram-se como as principais fontes de arrecadação econômica da região. À vista disso, no próximo capítulo, são discutidas as estratégias do turismo para mercantilizar esse destino turístico.

²³ Entrevista concedida por M.T. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (28 min.).

3 A CRIAÇÃO DA IMAGEM TURÍSTICA COMO FATOR DETERMINANTE PARA A VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO

No presente capítulo, argumenta-se a criação da imagem turística como fator determinante para a valorização do espaço. No primeiro momento, analisam-se os conceitos de Patrimônio Natural, Ecoturismo e Unidades de Conservação. Na sequência, desenvolve-se o conceito de patrimônio cultural, junto às apropriações do passado histórico e as invenções das tradições. Como parte da criação da imagem turística, abordam-se os Tropeiros do Parmesão, a importância simbólica da semente do pinhão, além da compreensão do turismo cultural e a produção de seus espaços na região de Visconde de Mauá.

3.1 O patrimônio natural e o ecoturismo em Unidades de Conservação

O turismo vem impulsionando o movimento de patrimonialização do espaço natural, em razão da importância dada aos elementos naturais (BELLO, 2015). Para Alves (2016), o patrimônio é identificado como um espaço demarcado e, legalmente protegido, incluindo tanto obras do patrimônio histórico-cultural quanto do patrimônio natural. De acordo com Souto (2012, p. 53), a partir de 1948, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) têm estabelecido debates acerca da noção de patrimônio e definiu o termo em bases amplas, incluindo:

monumentos históricos, conjuntos urbanos, locais sagrados, obras-de-arte, parques naturais, paisagens modificadas pelo Homem, ecossistemas e diversidade biológica, tesouros subaquáticos, objetos pré-históricos, peças arquitetônicas e tradições orais e imateriais da cultura popular.

Conforme Scifoni (2008), a natureza ao ser reconhecida, em 1970, como Patrimônio Natural pela UNESCO, através do processo de tombamento, passou a ser compreendida como parte da sociedade e mantida por meio das práticas sociais, preservando a memória cultural da coletividade. Nesse contexto, Serrano (1993) afirma que os lugares, ou melhor, alguns tipos de lugares, passam a ganhar sentidos e valores atribuídos pelas pessoas. Ito (2010, p. 5) destaca a importância da paisagem no crescimento do fluxo turístico e explica que “é a primeira instância do contato do turista com o lugar visitado”, tornando-se mercadoria a ser apropriada.

Scherer *et al.* (2017) sustenta que a atividade turística, em virtude de interesses capitalistas, percebeu que o patrimônio natural poderia ser transformado em um patrimônio a ser consumido. Thévenin (2009) compartilha do mesmo pensamento, ao explicar que lugares são vendidos como mercadorias, devido à procura do turismo em consumir territórios com forte influência da natureza.

Ressalta-se que apesar do turismo ter se apropriado das belezas naturais, por saber que esses elementos exercem forte atração nas pessoas, os gestores do turismo têm demonstrado preocupação com as questões ambientais. Não é por acaso que tem crescido a pauta ambiental em debates que buscam discutir o cuidado com os recursos naturais (GOMES; SANTOS; CORDEIRO, 2020). Assim, as Unidades de Conservação (UC's), que são as áreas de preservação, agrupadas conforme a restrição ao uso, surgem com o objetivo de garantir a biodiversidade. É importante destacar que a ideia de criação de áreas protegidas, como é identificada hoje, já aparecia na segunda metade do século XIX (DIEGUES, 2008):

as bases teóricas e legais para se conservar grandes áreas naturais foram definidas na segunda metade do século XIX, quando da designação de hectares da região nordeste de Wyoming como Parque Nacional de Yellowstone, em 1872. De acordo com Nash, essa destinação foi ‘o primeiro exemplo da preservação de grandes áreas naturais no interesse público’ (DIEGUES, 2008, p. 101).

Segundo Diegues (2008), após a criação desse parque, outros países adotaram a mesma iniciativa. No Brasil, o primeiro Parque Nacional foi criado em 1937, no município de Itatiaia, estado do Rio de Janeiro. A finalidade de criação desse espaço ocorreu em fomento à pesquisa científica, lazer e turismo para todos os visitantes.

No intuito de fortalecer as iniciativas de preservação ambiental, em toda extensão territorial brasileira, foi criada a legislação de proteção das Unidades de Conservação (UC), intitulada como Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), sob a Lei nº 9.985/2000. Nos parâmetros da Lei, a UC, denominada Parque, tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais, de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas, o desenvolvimento de atividades educativas e a interpretação ambiental, além de recreação em contato com a natureza e do turismo ecológico.

À vista disso, as paisagens naturais “tornam-se pretextos para a descoberta, a iniciação, à educação e o espírito de aventura e, dessa forma, dão origem a um novo mercado, o ecoturismo” (RUSCHMANN, 1997, p. 21). Em concordância com o autor, Souza (2012) reitera que as paisagens, que pouco sofreram modificações, foram as apropriadas pelo turismo alternativo ou de natureza, também chamado de ecoturismo. Vale destacar que o debate sobre essa modalidade é relativamente recente. A definição de Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, elaborada em 1994 pelo Grupo de Trabalho Interministerial em Ecoturismo, ainda continua sendo referência no país.

Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva a sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas. (BRASIL, 1994, p. 19).

Desse modo, por ser conhecida como um paraíso ecológico fluminense, a região de Visconde de Mauá, nos últimos anos, tem atraído muitos visitantes que buscam desfrutar de suas belezas naturais, através do ecoturismo. Essa região é conhecida pelo clima ameno, pela qualidade do ar e exuberância da vegetação, fazendo do lugar muito especial para práticas de lazer²⁴.

Dentre os principais atrativos, destaca-se o Pico da Pedra Selada (Campo Alegre, Resende/RJ), que é um afloramento rochoso em forma de sela de cavalo, a qual dá nome ao Parque Estadual. Possui 1.755 metros de altitude e oferece visibilidade para o Pico das Agulhas Negras, também para o Vale do Paraíba e Serra da Bocaina. Outro, muito procurado pelos visitantes, é a cachoeira do Escorrega (vila de Maromba, Itatiaia/RJ), uma espécie de tobogã, com cerca de 20 metros de extensão. E, por último, o Poção da Maromba (Maromba, Itatiaia/RJ), que é uma piscina natural, rodeada de rochas, com uma pedra ao alto que proporciona um salto nas águas do poço de 7 metros (Figura 14).

²⁴ Segundo Dumazedier (2000, p. 34), o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para reposar, seja para divertir-se, recrear-se ou entreter se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

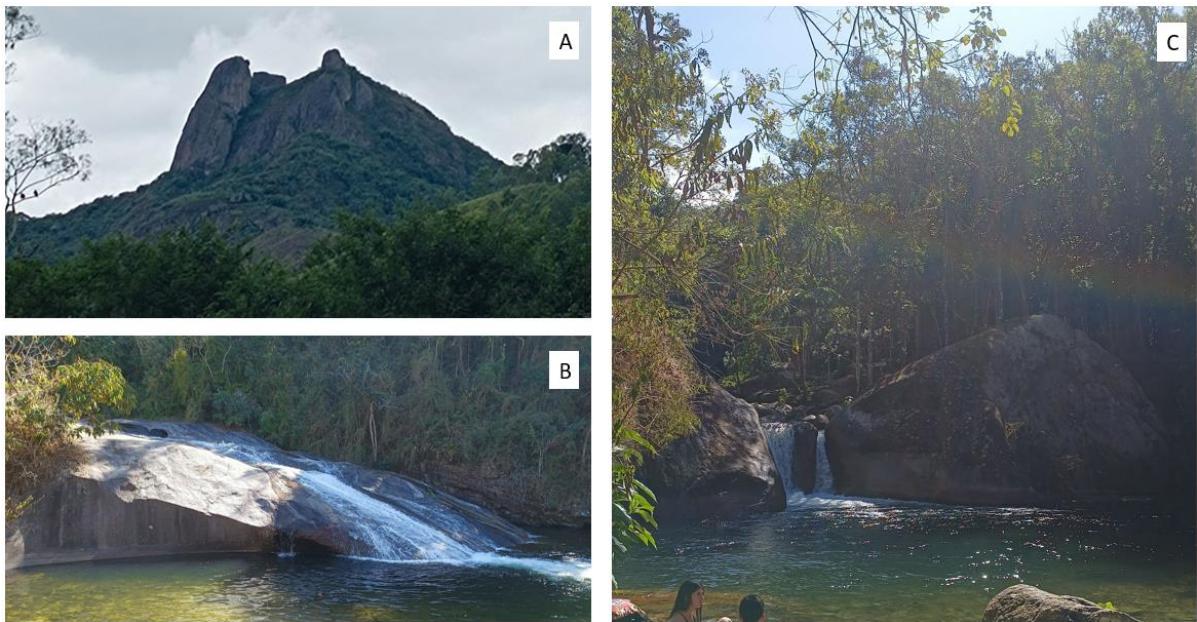


Figura 14- Principais atrativos naturais da região de Visconde de Mauá

Observação: imagem A- Pico da Pedra Selada; imagem B- Cachoeira do Escorrega; imagem C- Poção da Maromba
Fonte: a autora, julho de 2022.

Diante dessas paisagens naturais deslumbrantes, o ecoturismo se estabelece como, mais uma atividade oferecida pelo capital. Nessa região, o turismo de aventura faz parte do projeto “Rotas do Paraíso – Caminho Eco Aventuras”, em que o visitante interage com a paisagem local através de atividades, como: trilhas, *boia cross*, *rapel*, cachoeirismo ou *cascading*, *rafting*, *off-road*, *trekking*, entre outras. Algumas dessas são oferecidas no Parque das Corredeiras, localizado no Vale do Alcantilado – Bocaina de Minas/MG (Figura 15).



Figura 15 – Atividades de ecoturismo desenvolvidas no Parque das Corredeiras, Vale do Alcantilado/MG

Fonte: Parque Corredeiras. Instagram: parquecorredeiras. Disponível em: <https://www.instagram.com/parquecorredeiras/>, Acesso em: 12 mar. 2023.

Esse projeto, criado no ano de 2019, a partir de uma parceria entre o Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas do Rio de Janeiro (Sebrae RJ) e a MAUATUR, elaborou rotas

²⁵turísticas na região. São seis caminhos que sugerem passeios e vivências por diferentes atrativos, que são: o Caminho de Encantos e Sabores Gastronômicos; o Caminho da Hospitalidade; o Caminho das Aves; o Caminho Eco Aventuras; o Caminho das Oliveiras e Orgânicos; e o Caminho das Artes e Ofícios.

Em conformidade com Passos e Rejowki (2020), o conceito de rota turística pode ser entendido como o caminho ou o percurso composto de um conjunto de atrativos, sejam eles naturais, esportivos, históricos e culturais, capazes de motivar o interesse de pessoas para encontrá-los. Trata-se de uma estratégia importante para a promoção de elementos naturais, culturais e históricos de uma área aliada à comercialização turística. Segundo MTUR, essas rotas podem se constituir em produtos turísticos que representam um “conjunto de atrativos, equipamentos e serviços turísticos, acrescidos de facilidades, ofertado de forma organizada por um determinado preço” (BRASIL, 2007, p. 51).

Cabe mencionar que, as diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, já incluíram em seus objetivos o “aproveitamento do ecoturismo como veículo de Educação Ambiental para turistas, comunidades locais e empreendedorismo do setor” (NEIMAN, 2008, p. 40). Para Neiman (2007), o ecoturismo pode ser uma oportunidade de transformar o visitante em um apoiador das questões ambientais, à medida em que a experiência do visitante é orientada pela sensibilização e mudança de percepções. Indubitavelmente, ao interpretar uma paisagem, o visitante percebe o mundo a partir do seu olhar, da sua história e a experiência vivida no local pode levar à construção de novos saberes. O autor acrescenta dizendo que:

a educação, a percepção e o lúdico são utilizados para possibilitar a expansão de uma consciência conservacionista através, sempre, do envolvimento afetivo das pessoas com a natureza e as culturas locais, numa tentativa de apropriação desse novo território como sendo seu (NEIMAN, 2007, p. 60).

Conforme a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, a Educação Ambiental (AE) acontece através de:

processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade²⁶ (BRASIL, 1999).

Assim, como em várias outras partes do Brasil e do mundo, na região de Visconde de Mauá, o ecoturismo também se desenvolve em Unidades de Conservação²⁷. A saber: Área de

²⁵ A criação de Rotas Turísticas pelo Brasil faz parte da política de desenvolvimento econômico para diferentes lugares do país. Segundo a EMBRATUR, já começou o mapeamento e diagnósticos de 30 rotas turísticas estratégicas do Brasil, distribuídas em 158 municípios e contemplados pelo programa Investe Turismo. A parceria, firmada entre o Ministério do Turismo e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), permitirá traçar as condições de transporte nessas rotas, incluindo a estrutura existente, integração dos modais e a disponibilidade de informações aos turistas (BRASIL, 2020).

²⁶ Sustentabilidade tem a ver com sustentável, durável. É aquilo que se sustenta por muito tempo. A partir da década de 1960, um novo conceito de desenvolvimento começou a se consolidar, verificando-se desde então uma maior preocupação da comunidade internacional com os limites do desenvolvimento econômico do planeta. Esse desenvolvimento está diretamente relacionado ao modelo de consumo vigente, aos efeitos negativos da acumulação e do desperdício, e aos riscos da degradação do meio ambiente (BRASIL, 2007, p. 16).

²⁷ O SNUC define 12 unidades de conservação agrupadas conforme seu nível de restrição em Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável. O grupo das Unidades de Proteção Integral é composto pelas seguintes categorias de unidade de conservação: Estação Ecológica; Reserva Biológica; Parque Nacional; Monumento Natural e Refúgio da Vida Silvestre. As Unidades de Uso Sustentável são: Área de proteção

Proteção Ambiental da Mantiqueira; Parque Nacional de Itatiaia; e Parque Estadual da Pedra Selada (PEPS).

Dentre as Unidades de Conservação, presentes na região de Visconde de Mauá, destaca-se o Parque Estadual da Pedra Selada, por possuir a sua sede localizada na vila de Visconde de Mauá e desenvolver importantes atividades que incluem elementos naturais e culturais para os residentes e turistas.

De acordo com o Plano de Manejo, o PEPS é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral e é administrado pelo Instituto Estadual do Ambiente (INEA). O mesmo foi inaugurado em 15 de junho de 2012, pelo Decreto nº 43.640 e apresenta uma área total de 8.036 há, localizada nos municípios de Resende/RJ (6.302 há) e Itatiaia/RJ (1.733 há). Isto é, está, parcialmente, inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) Federal da Serra da Mantiqueira e com porções do seu limite na Zona de Amortecimento²⁸ do Parque Nacional de Itatiaia (DETZEL *et al.*, 2017). Outros principais atrativos, apresentados pela UC, são: o Pico da Pedra Selada; a Trilha do Bosque do Visconde; o Poço do Marimbondo; e o Centro de Visitantes, localizado na sede do parque (Figuras 16, 17, 18).

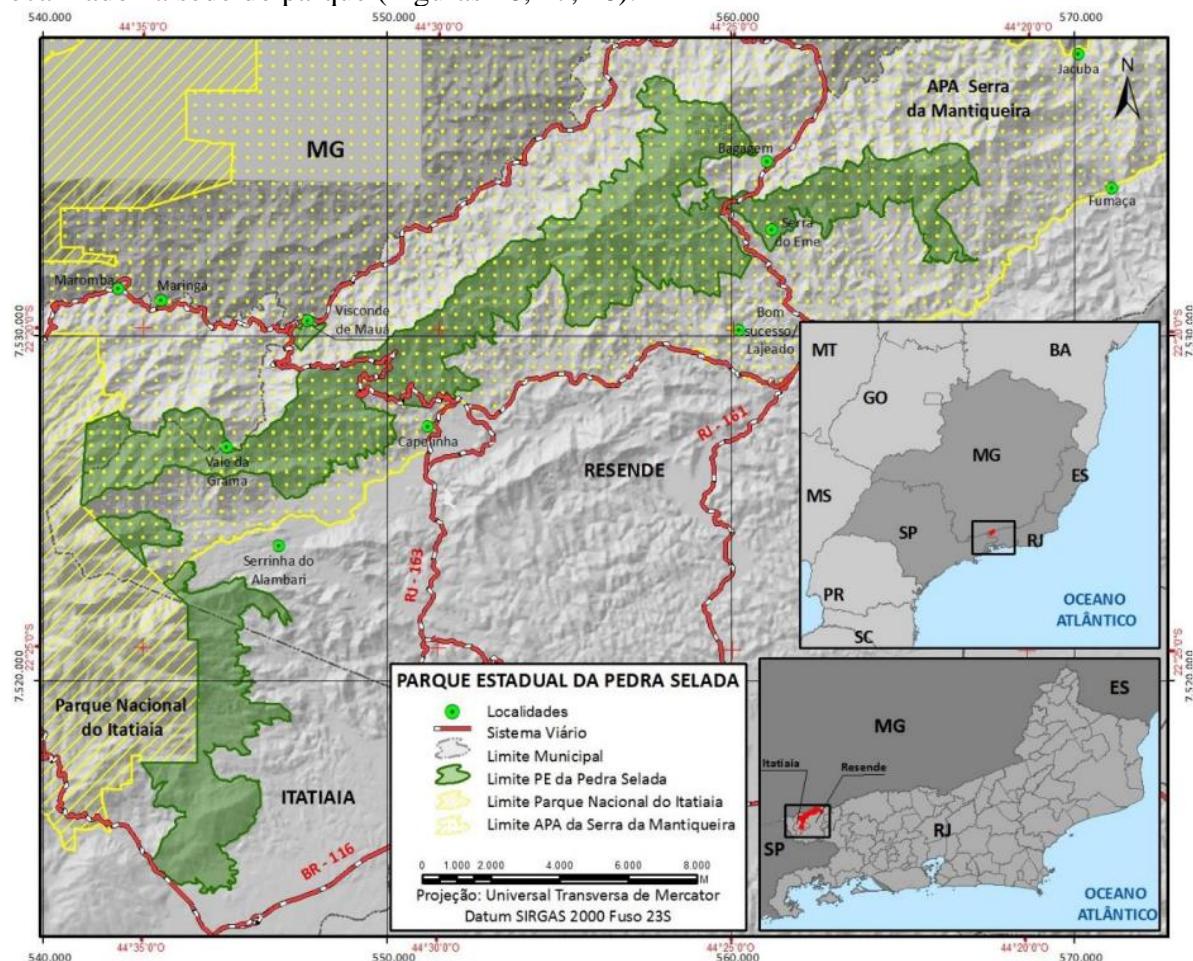


Figura 16 – Imagem representando os limites do Parque Estadual da Pedra Selada

Fonte: Detzel *et al.*, 2017.

Ambiental; ÁREA de Relevante Interesse Ecológico; Floresta Nacional; Reserva Extrativista; Reserva de Fauna; Reserva de Desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular do Patrimônio Natural (BRASIL, 2000).

²⁸ Segundo a lei 9.985/2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (Snuc), zona de amortecimento é o entorno de uma unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade (BRASIL, 2000).



Figura 17 – Placa, no PEPS, indicando a localização do parque e os seus principais atrativos
Observação: Poço do Marimbondo, Pico da Pedra Selada, Trilha do Bosque do Visconde e a sede do parque, onde fica o Centro de Visitantes
Fonte: fotografia da autora, janeiro de 2023, vila de Visconde de Mauá.



Figura 18 – Frente da sede do PEPS, onde se localiza o Centro de Visitantes (vila de Visconde de Mauá, Resende/RJ)
Fonte: a autora, janeiro de 2023.

É relevante mencionar que, nessa sede, também funcionam a Administração Regional da prefeitura de Resende, assim como o Centro de Referência da Assistência Social (Cras) para atendimento à população. As reuniões acontecem no auditório, que também é disponibilizado para encontros de escolas da região.

Na sede do Parque, logo na entrada, está o Centro de Visitantes. Nesse espaço, estão presentes os guardas-parques²⁹ da UC que orientam os visitantes sobre os atrativos e os projetos desenvolvidos na Unidade. Posteriormente, os guardas-parques oferecem uma breve aula de educação ambiental e todos são informados da importância do parque para a preservação e realização de atividades ecoturísticas. Desse modo, entende-se que, em uma UC, é fundamental que os turistas estejam cientes das regras e das condições que devem ser respeitadas, garantindo, assim, um percurso responsável pelo parque.

Mais adiante, no Centro de Visitantes são apresentados alguns projetos elaborados na UC, dentre eles: o Projeto de Monitoramento de Avifauna (Figura 19), com os registros do programa anual, desenvolvido pelo INEA, denominado “Vem Passarinhár”, com quase 300 espécies de aves encontradas no parque; e o Projeto de Monitoramento da Flora da região, com explicação das espécies nativas da Mata Atlântica, catalogadas dentro dos limites do parque. Além disso, conta com uma exposição de algumas sementecas com diferentes sementes dessa flora. (Figura 20).



Figura 19 – Painel apresentando o Projeto de Monitoramento de Avifauna
Fonte: fotografia da autora, janeiro de 2023, vila de Visconde de Mauá.

²⁹ Segundo o INEA, a criação do cargo de guarda-parque, pelo decreto nº 42471 de 25 de maio de 2010, visou consolidar uma doutrina de cuidado permanente com as unidades de conservação da natureza e a atenção constante com os seus visitantes. Para esse instituto, os guardas-parques são profissionais capacitados para atuar diretamente nas unidades de conservação de proteção integral estaduais e suas respectivas zonas de amortecimento. Além de receber e orientar visitantes, têm como atribuições também monitorar trilhas; prevenir e combater incêndios florestais; apoiar a fiscalização de desmatamentos e outras infrações ambientais; realizar ações de busca e salvamento; realizar atividades de educação e interpretação ambiental; manejo de fauna; apoio à pesquisa científica e, ainda, desempenhar ações de caráter socioambiental junto às comunidades do entorno das UCs (BRASIL, 2010).



Figura 20 – Painel com a apresentação do Projeto de Monitoramento de Flora junto às sementecas
Fonte: fotografia da autora, janeiro de 2023, vila de Visconde de Mauá.

Outro importante espaço do PEPS é o auditório (Figura 21). Esse, além de servir como espaço de interação, também abriga o Projeto Núcleo de Memória Socioambiental. A criação desse projeto objetiva a preservação do patrimônio natural, a valorização da identidade cultural das comunidades locais e o incentivo ao turismo no PEPS e em outros lugares turísticos da região de Visconde de Mauá (Figura 22).



Figura 21 – Apresentação de projetos relacionados à educação ambiental no auditório do PEPS
Fonte: Auditório do PEPS. [Resende], 10 jun. 2022. Instagram: Pepedraselada. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ceeypvnu_rq/. Acesso em: 25 abr. 2023.



Figura 22 – Imagens do espaço Núcleo de Memória Socioambiental da região de Visconde de Mauá
 Observação: imagem A- Quadro que mostra a agricultura no tempo em que era a principal atividade da região; imagem B- Quadro que identifica a chegada dos primeiros turistas; imagem; imagem C- Quadro que apresenta as condições precárias das estradas; imagem D- Quadro que exibe os primeiros automóveis na região.

Fonte: Acervo do PEPS, fotografia da autora, janeiro de 2023.

Vale mencionar que o PEPS é aberto para visitação, todos os dias da semana, e é muito procurado, tanto pela população residente quanto pelos turistas, que buscam apreciar as belezas naturais e culturais da região. Uma das ações ecoturísticas, implementada na UC, é a “Caminhada por Trilhas”. Destaca-se que a ideia de trilha, durante muito tempo, era somente a da prática de esportes de aventura (*mountain bike, trekking*, por exemplo), ligada ao turismo ecológico ou contemplação da natureza, mas hoje, tem servido como um valioso instrumento de educação ambiental (ROCHA; BARBOSA; ABESSA, 2010).

A trilha realizada no PEPS é classificada, por seus organizadores, como interpretativa³⁰ e localiza-se no Bosque do Visconde. Tem o seu início ao lado da sede da UC e possui 1200 metros de percurso total, sendo considerada como grau leve de dificuldade. Ela possibilita uma visão panorâmica da vila de Visconde de Mauá, da Serra da Mantiqueira e da

³⁰ Segundo Sekima (2017), trata-se de um ambiente que proporciona ensino em espaços não formais, viabilizando encantamento, descobertas, ensinamentos e aprendizagens aos seus usuários.

Pedra Selada. Destina-se à comunidade local, turistas e pesquisadores com o objetivo de desenvolver diversas atividades de lazer, ensino, pesquisa, extensão e, ainda, promover novos hábitos, atitudes e valores que busquem à proteção ambiental.

Ressalta-se que área inicial do Bosque está em processo de restauração florestal, com plantio de mudas de árvores nativas, realizado, juntamente, com alunos das escolas da região. Mais adiante, a trilha percorre um trecho de bosque em uma pequena amostra da Mata Atlântica, classificada como Florestas Ombrófila Mista, onde se destacam as bromélias e algumas espécies de aves nativas (INEA, 2023). Com um percurso em torno de 30 minutos, observa-se um bosque de araucárias e mirantes, em pontos estratégicos, com vista para a Pedra Selada (Figura 23).



Figura 23 – Trilha do Bosque do Visconde, no PEPS

Observação: imagem A- Guarda-parque percorrendo a trilha; imagem B- Bosque de araucárias no caminho da trilha; imagem C- Vista panorâmica da serra da Mantiqueira e da vila de Visconde de Mauá; imagem D- Mirante para observação da Serra da Mantiqueira.

Fonte: a autora, janeiro de 2023, vila de Visconde de Mauá.

Ainda sobre essa trilha, complementa o guarda-parque:

antes, as pessoas precisavam ir a lugares distantes para fazer uma trilha, como a Pedra Selada ou Poço do Marimbondo. Hoje, elas possuem uma aqui, atrás da sede do parque, que é a Trilha do Bosque do Visconde. Também estamos implementando uma sensorial que atenda ao público com necessidades especiais. Já estamos construindo os canteiros sensoriais, vamos instalar os cabos guias, fazer um piso tátil, ainda num espaço curto, mas voltado para atender todo tipo de público. E nessa trilha, a gente começa a apresentar a fauna e flora local, especificamente pela altitude da serra da Mantiqueira. Sai de Resende, a 400 m, e chega, aqui com quase 1300 m e alcançando na Maromba quase 2000 m.

Aos turistas que chegam, nós perguntamos quanto tempo ficarão na região, onde estão hospedados e oferecemos uma trilha guiada num final de semana, seja na sexta ou sábado. Aí, eles voltam, já com um grupo específico, e fazemos uma curta ou longa, dependendo do grupo. Temos duas para isso: a trilha do Bosque do Visconde (de 1 km) e a trilha do Batambu (de 4 km), ambas circulares, onde o turista entra e sai pelo mesmo local que entrou com toda uma imersão na mata atlântica, todo um visual da região. A de maior altitude, por exemplo, além de oferecer a imersão na mata atlântica,

tem essa visão de cima da região onde pode ser visto o ponto mais alto do estado do RJ, que é o Pico das Agulhas Negras (informação verbal).³¹

Para Siqueira (2004), as trilhas permitem que os visitantes interpretem a paisagem através dos significados e relações que permeiam o ambiente. Dessa forma, a natureza tem um novo entendimento, levando o visitante a pensar, de maneira crítica, sobre os recursos a serem protegidos.

É preciso mencionar que os visitantes são orientados a não tirarem os galhos, folhas, flores e frutos das árvores, pois essas ações fazem barulho e assustam os animais, provocando a fuga das aves de seus ninhos. Quanto ao descarte do lixo, o guarda-parque explica que, durante todo o percurso da trilha, a maioria dos visitantes ficam preocupados porque não encontram lixeiras ao longo do caminho, mas a instrução passada é a seguinte:

se você leva seu lixo pesado na trilha e o consome, fica mais leve. Então, você pode trazê-lo de volta, ao invés de 51ncon-lo onde o animal terá acesso podendo carregar aquele lixo para dentro da floresta e morrer ao consumi-lo. Aí, mostramos que não precisa ter lixeira na trilha, pois o turista que vai fazê-la, tem que ter a consciência de que ele não pode deixar o lixo lá. Ele tem que trazer e descartar onde existe coleta, separação, ou seja, onde existe o cuidado com o que é lixo e com o que é reciclável ou compostável (informação verbal)³².

Segundo o guarda-parque, grande parcela dos visitantes não tem muito conhecimento sobre o que é uma UC. No entanto, ele observa que isso vem mudando, nos últimos anos, pois o público está mais consciente no que tange à poluição. O simples fato de pensarem no descarte do lixo de forma correta, mostra que estão preocupados com a preservação da paisagem que tanto apreciam.

Ainda sobre o destino do lixo, o entrevistado explica que há, dentro da sede do parque, duas composteiras: uma orgânica e outra de leira. A orgânica é para onde vai o resto de comida da cozinha do parque e, às vezes, da escola que fica ao lado da sede. A outra, de leira, é de limpeza de jardinagem que atende tanto o parque quanto aos residentes quando fazem limpeza em seus quintais. Dessa composteira, é retirada a terra tratada para hortas, canteiros e jardins.

Em relação ao número de visitantes, há um sistema de monitoramento das trilhas, através do Eco-contador³³, além do livro de cume e de outro livro na sede, os quais registram as assinaturas. Desses dados, tiram-se médias mensais e anuais. Vale destacar que a contagem pelo Eco-contador de trilhas, realizado na trilha do Bosque do Visconde e do Poço do Marimbondo, é mais pontual. Já o livro de cume, utilizado na trilha da Pedra Selada, segundo relatos do guarda-parque, vem passando por dificuldades de monitoramento.

O guarda-parque salienta que, desde o ano de 2019, os livros de cume, oficiais do parque, começaram a ser substituídos por outros do sítio do proprietário. Entretanto, o

³¹ Entrevista concedida por P. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (54 min.).

³² Entrevista concedida por P. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (54 min.).

³³ Eco-contadores são sistemas de monitoramento de fluxo de visitantes em trilhas que geram informações precisas sobre como são utilizadas. A partir daí, é possível pensar como diluir a quantidade de visitantes, saber qual trilha é mais utilizada, qual necessita maiores cuidados ou presença de guardas-parques. Um dos modelos de sensores é o conhecido como "lousa acústica": sensor que fica enterrado no leito da trilha, invisível e sensível à variação da pressão exercida através de uma pisada de pelo menos 10 kg. O equipamento coleta e transmite dados sobre quantidade de visitantes, sentido da marcha (entrada e saída da trilha) e a hora de passagem por aquele ponto (MATIAS, LINDOSO, LORENZETTO, 2013). O sensor "lousa acústica" é o utilizado nas trilhas do Poço do Marimbondo e Bosque do Visconde.

proprietário do principal acesso à Pedra Selada, eventualmente, faz a coleta desses exemplares de cume e se recusa a disponibilizá-los para contagem. Diante disso, o procedimento atual é a visita ao atrativo e o registro fotográfico das páginas para cômputo. Há de se destacar que o monitoramento, no Centro de Visitantes, é realizado a partir da assinatura de um livro na sede do parque, contudo nem todos os visitantes assinam (Tabela 2). Assim, entende-se que esses acontecimentos vêm impossibilitando um cálculo mais confiável.

Tabela 2 – Registro de frequência mensal de visitantes nos principais atrativos do PEPS – ano de 2022

Método	Local	Ano 2022												
		jan.	fev.	mar.	Abr.	mai.	Jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.	Total
Eco-contador	Bosque do Visconde	182	124	112	162	376	310	238	108	122	126	108	82	2050
Eco-contador	Poço do Marimbondo	476	524	460	722	384	444	739	268	278	386	327	248	5256
Livro de Registro	Centro de Visitantes	266	204	153	433	319	812	733	358	399	300	349	412	4738
Livro de cume	Pedra Selada	98	303	171	443	497	571	719	348	298	190	100	86	3824
Total PEPS		1022	1155	896	1760	1576	2137	2429	1082	1097	1002	884	828	15868

Fonte: Arquivo PEPS, 2022, adaptado pela autora, 2023.

A partir dessa tabela, percebe-se que, entre os meses de abril a julho de 2022, foram os períodos de maior visitação ao PEPS, corroborando com os relatos de alguns entrevistados quanto aos meses mais expressivos de turistas na região. De acordo com esses informes, os meses referentes ao outono e inverno são os mais requisitados pelos visitantes, na busca de temperaturas mais baixas, proporcionadas pela geografia da região. Além disso, constata-se que os atrativos mais visitados foram o Poço do Marimbondo, seguido pela Pedra Selada. Outro dado, fornecido pelo parque, mostra o número de visitantes entre os anos de 2019 e 2022 (Tabela 3).

Tabela 3 – Registro de frequência de visitantes aos principais atrativos do PEPS, entre os anos de 2019 a 2022

Método	Local	Registro de frequência por ano			
		2019	2020	2021	2022
Eco-contador	Bosque do Visconde	1651	1121	1731	2050
Eco-contador	Poço do Marimbondo	7267	7547	8392	5256
Livro de Registro	Centro de Visitantes	2839	527	1233	4738
Livro de cume	Pedra Selada	1252	823	5368	3824
Total PEPS		13009	10018	16724	15868

Observação: cabe mencionar que o Centro de Visitantes esteve fechado entre os meses de abril de 2020 a junho de 2021, em razão das restrições implementadas pela pandemia da Covid-19.

Fonte: Arquivo do PEPS, 2022, adaptado pela autora, 2023.

Nesses dados, constata-se que, no ano de 2020, ocorreu uma queda nas visitações em comparação aos outros anos, evento que pode ser explicado devido ao primeiro ano da pandemia da Covid-19, com restrições mais rígidas impostas pelos governantes e a ausência de vacinas no Brasil nesse período. Nos anos de 2021 e 2022, observa-se uma elevação dos números de visitantes pela retomada de algumas atividades após o início da vacinação e uma tendência observada nos relatos, de alguns entrevistados, na busca de turistas pela procura por ambientes mais naturais e sem grandes aglomerações. Ademais, nota-se que o Poço do Marimbondo, que possui uma trilha de 280 metros em descida íngreme, por dentro da floresta

de Mata Atlântica até a beira do rio Marimbondo, foi o atrativo mais visitado em comparação aos outros, nos últimos quatro anos, observados na tabela.

Além das trilhas, que são atrativos buscados pelos visitantes, o parque também desenvolve outros projetos de educação ambiental, intitulados “PEPS interativos”. São eles: Jardim das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs)³⁴, Hotel de abelhas nativas solitárias, Estufa, Viveiro de mudas, Laboratório de Hortas e Centro de Estudos Ambientais e Beneficiamento de Sementes (CEABS). A seguir, são apresentados cada um deles:

- Jardim das PANCs

O jardim das PANCs é um projeto que foi elaborado em 2018, pela equipe do PEPS, sendo a primeira Unidade do estado a inserir as PANCs na educação ambiental, segurança e conscientização alimentar dos visitantes. As PANCs, em geral, possuem alto valor nutricional, sendo algumas consideradas superalimentos. Além de todos esses benefícios, as PANCs também são cultivadas em equilíbrio com o meio ambiente, pois não utilizam agrotóxicos e fertilizantes (Figura 24).



Figura 24 – Cultivo de PANCs na sede do Parque Estadual da Pedra Selada
Fonte: a autora, janeiro de 2023, vila de Visconde de Mauá.

³⁴ O termo PANC foi criado em 2008 pelo Biólogo e Professor Valdely Ferreira Kinupp e refere-se a todas as plantas que possuem uma ou mais partes comestíveis, sendo elas espontâneas ou cultivadas, nativas ou exóticas que não estão incluídas em nosso cardápio cotidiano. Existem no Brasil pelo menos 3 mil espécies de plantas alimentícias com ocorrência conhecida no Brasil. Estima-se que em nosso País pelo menos 10% da flora nativa (4 a 5 mil espécies de plantas) sejam alimentícias. As PANCs representam espécies com grande importância ecológica, econômica, nutricional e cultural, que auxiliam uma melhor distribuição e produção dos alimentos, aliando-se à rusticidade e fácil manejo. Isso, em resumo, corresponde a mais sustentabilidade para os sistemas vivos (KELEN *et al.*, 2015).

- Hotel de abelhas nativas solitárias

A equipe do parque criou o Hotel de abelhas nativas solitárias em maio de 2021, com o objetivo de desmistificar a concepção genérica da existência de uma única espécie de abelha (*Apis melífera*). Além disso, a criação dos “hotéis” possui como finalidade abrigar abelhas solitárias, que não produzem mel e têm vida curta (Figura 25).



Figura 25 – Hotel de abelhas nativas solitárias na sede do PEPS

Fonte: a autora, janeiro de 2023, vila de Visconde de Mauá.

De acordo com informações, disponibilizadas na rede social do PEPS, essas abelhas ocupam o hotel para:

pôr as crias, montar um ninho e acompanhar o desenvolvimento delas. Em geral, na natureza, essas abelhas criam ninhos em tronco de árvores ou em galhos. Elas são muito importantes na polinização de frutíferas, com destaque para o maracujá e a acerola (PEPEDRASELADA, 2022).

- Estufa

A estufa foi desenvolvida em 2018 e apresenta benefícios na produção de mudas, como a germinação das sementes em temperaturas certas, pois, cada semente possui a sua faixa ideal de temperatura para esse processo. O espaço também protege as mudas de chuva, granizo e vento, proporcionando um microclima adequado para produção de mudas em grandes quantidades (Figura 26).



Figura 26 – Estufa na sede do PEPS

Observação: imagem A- Vista externa da estufa; imagem B- Interação com alunos da escola Municipal de Resende. Fonte: Imagem A- a autora, janeiro de 2023, vila de Visconde de Mauá. Imagem B. PEPS interativo – Estufa. [Resende], 10 jun. 2022. Instagram: Pepedraselada. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ceeypvnu_rq/. Acesso em: 25 abr. 2023.

- Viveiro de mudas

O viveiro de mudas foi concebido no início de 2018 e atrelado ao projeto da estufa, tem por objetivo criar um ambiente protegido, onde as condições para o desenvolvimento das plantas sejam ideais. Também busca produzir mudas de espécies nativas da Mata Atlântica para auxiliar na recuperação de áreas degradadas no interior e no entorno da UC, além de proporcionar, à comunidade local e turistas, o envolvimento na questão ambiental, doando algumas dessas mudas (Figura 27).



Figura 27 – Viveiro de mudas na sede do PEPS

Fonte: Imagem A- a autora, julho de 2022, vila de Visconde de Mauá; imagem B- PEPS interativo – Viveiro de mudas. [Resende], 13 jun. 2022. Instagram: Pepedraselada. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ceeypvnu_rq/. Acesso em: 25 abr. 2023.

- Laboratório de hortas

Com mais de dez anos de criação, o laboratório de hortas tem por objetivo chamar atenção sobre os conceitos de segurança e alimentação saudável. A equipe do PEPS, através da educação ambiental, realiza periodicamente visitas às escolas para debater esses conceitos com os alunos, além de monitorar a evolução das mudas de origem orgânica. (Figura 28).



Figura 28 – Laboratório de hortas na sede do PEPS

Observação: imagem A- Vista do Laboratório de Hortas; imagem B- Atividades educativas com alunos de escola municipal da prefeitura de Resende.

Fonte: Imagem A- a autora, julho de 2022, vila de Visconde de Mauá; imagem B- PEPS interativo – Laboratório de horta. [Resende], 13 jun. 2022. Instagram: Pepedraselada. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ceeypvnu_rq/. Acesso em: 25 abr. 2023.

- Centro de Estudos Ambientais e Beneficiamento de Sementes (CEABS)

O CEABS foi inaugurado em março de 2022 e é um local onde se realiza todo o processo de beneficiamento das sementes (limpeza, secagem e armazenamento). Também efetua trabalhos de educação com as escolas próximas e atende estudantes de universidades, uma vez que oferece uma estrutura semelhante à de um laboratório, disponibilizando lupas, microscópio, estufa de secagem, bancadas, pipetas, entre outros (Figura 29).

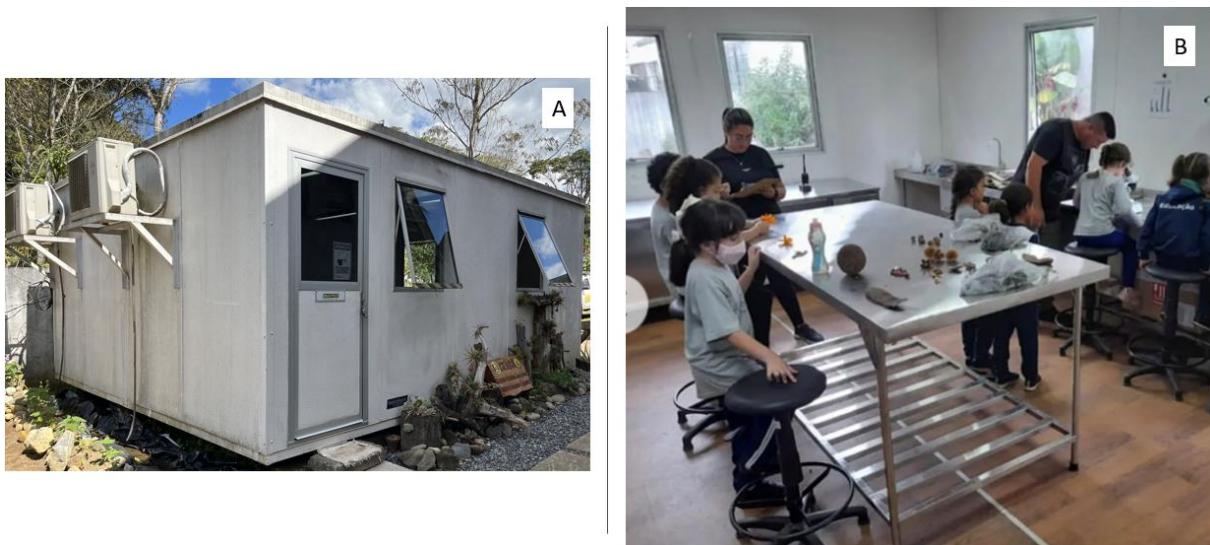


Figura 29 – Laboratório CEABS, na sede do PEPS

Observação: imagem A- Vista externa do laboratório; imagem B- Vista do interior do laboratório.

Fonte: Imagem A- a autora, julho de 2022, vila de Visconde de Mauá; imagem B- PEPS interativo – CEABS. [Resende], 14 jun. 2022. Instagram: Pepedraselada. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ceeypvnu_rq/. Acesso em: 25 abr. 2023.

Ademais, segundo o guarda-parque, no Bosque do Visconde acontece o plantio de mudas junto à comunidade. Para ele (informação verbal)³⁵, “seria muito fácil nós irmos, até lá, para roçar a área e fazer o plantio de árvores nativas, mas optamos por trabalhar juntos”. Nesse projeto, são plantadas mudas nativas, por exemplo as quaresmeiras, ao longo do córrego, que são árvores típicas de mata ciliar, além das araucárias, símbolo da região (Figura 30).



Figura 30 – Crianças plantando araucárias no Bosque do Visconde

Fonte: Educação ambiental com as escolas. [Resende], 14 jun. 2022. Instagram: Pepedraselada. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ceeypvnu_rq/. Acesso em: 25 abr. 2023.

O mesmo entrevistado reitera que, em algumas árvores, são colocadas placas com nomes das escolas e turmas, ou seja, registra-se o nome do morador para ganhar o sentido de pertencimento. “Por um tempo, nós plantávamos algumas árvores e, às vezes, estavam

³⁵ Entrevista concedida por P. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (54 min.).

vandalizadas e então pensamos que a melhor forma seria somar as forças e implementar o espírito participativo, pois quem planta junto, cuida junto" (informação verbal)³⁶. Também acrescenta que:

aqui, na região da prainha, atrás daquela casa azul histórica, em frente à sede do PEPS, nós em 2013, plantamos 30 araucárias, todas com 50 centímetros. Hoje, elas estão com mais de 5 metros. Dessas 30, sobraram 10. É o símbolo do que a gente começou naquele momento plantando sozinhos. Hoje, nós temos essa mesma ação, mas agora feita no coletivo. Nas escolas, os antigos moradores estão entendendo o projeto e o seu valor (informação verbal)³⁷.

Como dito anteriormente, a araucária é uma árvore que fomenta o turismo e a economia na região de Visconde de Mauá. Ressalta-se que essa, em tempos remotos, também serviu para delimitar propriedades, é o que relata o entrevistado:

você vai observar nos morros e perceber que tem uma fileira de araucária, porque antes ela dividia as propriedades. Disso daf, começou a formar os bosques de araucárias. Aqui mesmo, na região, temos uma grande quantidade no vale do Pavão, Bagagem e Campo Alegre (informação verbal)³⁸.

Assim, percebe-se a importância da araucária nas práticas da comunidade local e para valorizá-la, ainda mais, foi criado, no parque, um projeto artístico e cultural chamado de "Mantiqueira, biodiversidade que inspira arte". Essas peças ficam expostas no Centro de Visitantes, mais precisamente na Sala de Exposições (Figura 31) e o projeto busca a interação da Mantiqueira com os artistas e as suas obras, através de pinturas, esculturas, artes plásticas, entre outros. O guarda-parque disserta:

nós procuramos os artistas locais e oferecemos o espaço do parque para que eles expusessem suas obras de dois a três meses. Nós disponibilizamos um coquetel de abertura dessa exposição, evento esse aberto para a comunidade e turistas. Desse modo, as pessoas aqui, começaram a conhecer os artistas da região através da pintura, escultura, poesia. Os artistas se surpreenderam ao dizer que não estavam pagando nada para ter a sua obra divulgada e ainda foram surpreendidos com um coquetel de abertura. Nesses coquetéis são utilizados muito da culinária local, além das PANCS (informação verbal)³⁹.

³⁶ Entrevista concedida por P. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (54 min.).

³⁷ Entrevista concedida por P. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (54 min.).

³⁸ Entrevista concedida por P. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (54 min.).

³⁹ Entrevista concedida por P. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (54 min.).

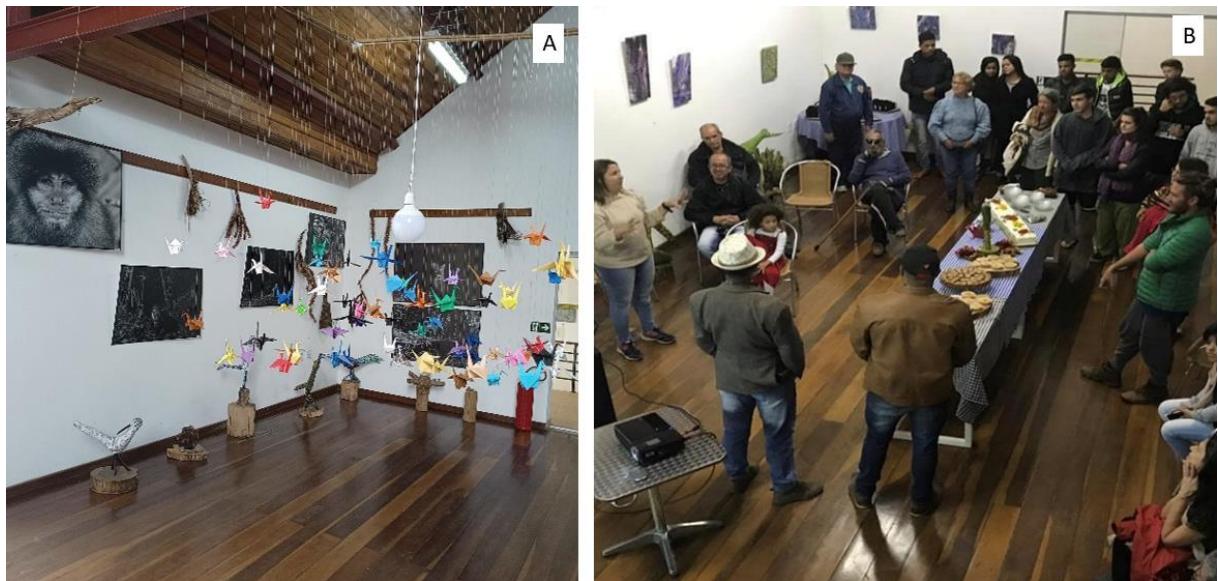


Figura 31 – Salão de Exposições do PEPS

Observação: imagem A- Salão com exposições de artistas locais; imagem B- Coquetel de abertura do projeto “Vem Passarinhar”, com a exposição de esculturas de aves, PEPS, setembro de 2019.
Fonte: A- a autora, janeiro de 2023; B- Salão de exposições [Resende], 14 set. 2019. Instagram: Pepedraselada. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ceeypvnu_rq/. Acesso em: 25 abr. 2023.

Segundo o guarda-parque, é importante frisar que, todos esses projetos de educação ambiental, foram criados na tentativa de levar o parque até a comunidade e também trazer a mesma para dentro do parque. Ele complementa dizendo:

desde quando a gente começou a trabalhar aqui, pensamos que não adiantaria ter o parque inserido na localidade se essa não abraçasse o parque. Então, a primeira coisa que fizemos foi trabalhar dentro das escolas. Procuramos todas as escolas, no entorno do parque, e começamos um ciclo de palestras. Não era uma coisa pontual, era sistemática, em que a gente atendia todas às turmas, daquela escola, com palestras e dinâmicas. Por exemplo, começamos com uma palestra sobre o que é uma unidade de conservação e passamos a elaborar formas dinâmicas de explicação do que seria uma unidade de conservação (o seu conceito, aplicabilidade, o que ela soma). Hoje em dia, nos livros de sétima série, você já tem um capítulo todo, sobre unidades de conservação, coisas que, na minha época de escola, não existia (informação verbal)⁴⁰.

Conforme o entrevistado, após o ciclo de palestras, foi oferecido um curso no parque com os alunos selecionados pelas escolas (com direito a uniforme e material doados pelo PEPS), por um período de três meses. Desse processo, formaram-se os Guardas-Parques Mirins (GP MIRINS) com o objetivo de dar continuidade ao projeto de educação ambiental que visa proteger a UC.

Para o guarda, a partir desse contato com as crianças, os pais foram alcançados. Esses responsáveis são os mesmos que, a princípio, foram contra a criação do parque. Ele explica que, na época, houve muita manipulação política com informações erradas e incompletas, gerando distanciamento da comunidade para com o parque:

com a aproximação dos alunos, inevitavelmente ocorreu a integração da comunidade com o parque. Então, a gente conseguiu mostrar para ela que viemos para somar e a educação ambiental foi a forma de chegar na população. Mantivemos isso, até hoje, com as palestras nas escolas indo e trazendo à mesma aqui para dentro. Nesse

⁴⁰ Entrevista concedida por P. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (54 min.).

contexto, os filhos e a escola tiveram papéis fundamentais no esclarecimento aos pais dos reais objetivos da criação do PEPS (informação verbal)⁴¹.

O entrevistado afirma que muitas escolas fizeram parte desse projeto e continuam participando de outros. Elas estão localizadas em Maromba, Jacuba, Bagagem, Vargem Grande, Penedo, além da Escola Municipal Francisco Quirino Diniz e a Escola Estadual Antônio Quirino, que ficam na vila de Visconde de Mauá. É importante mencionar que, de acordo com o guarda-parque, o trabalho poderia ser muito maior se não fossem as restrições.

Hoje, estamos um pouco limitados por conta de combustíveis para ir até essas escolas. Aí, temos que optar por fazer monitoramentos ou educação ambiental. Então, a gente tenta ‘casar’ os dois para continuar. Agora vai começar o ano letivo, por isso já estamos falando com as escolas em agendar uma reunião para montarmos, dentro do cronograma da escola, nossas visitas do ano todo e saber das disponibilidades, dessas, para vir à sede e realizar atividades mais específicas (informação verbal)⁴².

Uma professora, de uma escola pública na vila de Mauá, acrescenta que:

o PEPS foi uma grande conquista da vila e desde então vem fazendo um trabalho de excelência, digo isso como professora, é um diferencial gigante e é muito importante tê-lo aqui. Eu envio um e-mail querendo agendar um circuito de interpretação ambiental no PEPS, aí eles mandam um arquivo com cinco trilhas diferenciadas, todas muito interessantes (informação verbal)⁴³.

Além desses projetos de educação ambiental, o PEPS também costuma disponibilizar o seu espaço para a realização de outros eventos, como a feira realizada por produtores agroecológicos da região (Figura 32). Nessa, os produtores vendem produtos ecológicos (*in natura* e processados), artesanatos e, nos dias de realização do evento, normalmente, os artistas locais também executam apresentações musicais.



Figura 32 – Feira realizada por produtores agroecológicos, na sede do PEPS
Fonte: a autora, agosto de 2023.

⁴¹ Entrevista concedida por P. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (54 min.).

⁴² Entrevista concedida por P. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (54 min.).

⁴³ Entrevista concedida por A. D. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (60 min.).

Ressalta-se que a feira tem o propósito de aproximar quem produz de quem consome, já que os feirantes são os principais produtores das mercadorias disponibilizadas. Nesse contexto, convém destacar, segundo entrevistas com participantes da feira, a importância desse ambiente como local de encontro, conversas e aprendizado.

A relevância do apoio a iniciativas, como a feira agroecológica, está na manutenção dos pequenos produtores na atividade agrícola, além do incentivo às produções, ambientalmente corretas e nos esclarecimentos de informações sobre esses produtos, mais sustentáveis, à população local e aos visitantes. Em função disso, constata-se a importância do apoio do parque, cedendo o espaço para a existência dessa feira⁴⁴. Logo, entende-se que o parque é muito significativo para a população residente e para os visitantes, pois preserva o patrimônio natural e cultural da comunidade local, além de incentivar e apoiar projetos socioambientais na região.

No entanto, é necessário destacar que, apesar da região ser protegida por leis ambientais e o PEPS desenvolver vários projetos de educação, os problemas ambientais persistem. Conforme o diagnóstico apresentado no Plano de Manejo do Parque Estadual da Pedra Selada, esses obstáculos estão relacionados ao meio físico: solos rasos com forte erodibilidade e altos índices pluviométricos com retiradas da cobertura vegetal (DETZEL *et al.*, 2017). Assim:

a inexistência da proteção oferecida pela vegetação, por sua vez, acarreta e/ou acelera diversos eventos geomorfológicos, em especial eventos erosivos, que geralmente afetam os cursos d'água e, por conseguinte, afetam o abastecimento de água e as atividades econômicas associadas aos recursos hídricos (DETZEL *et al.*, 2017, p. 138).

Consoante Detzel *et al.* (2017), ao longo da história, a agricultura e a pecuária no Brasil foram desenvolvidas a partir da remoção da vegetação nativa para a criação de pastagens e áreas de cultivo. Com poucas exceções, foram mantidas a mata ciliar no entorno de rios e nascentes. A retirada da cobertura vegetal das margens dos canais de drenagem era, inclusive, uma estratégia dos pecuaristas para facilitar o acesso dos animais à água. Desse modo, a escassez dessa vegetação é capaz de favorecer a ocorrência de processos erosivos nas margens dos rios, podendo ocasionar a perda de solo e até mesmo danos materiais.

A erosão marginal também gera maior disponibilidade de sedimentos, que são levados pelo rio até os pontos de menor velocidade e energia das águas, onde são então depositados no fundo do leito, podendo causar assoreamento, estreitamento de canal e, consequentemente, enchentes. Além dos efeitos geomorfológicos, a ausência de mata ciliar pode ocasionar alteração na qualidade da água desses corpos hídricos que, muitas vezes, são utilizados para o abastecimento da população (DETZEL *et al.*, 2017, p. 133).

Um outro problema muito comum, na região de Visconde de Mauá, é referente às queimadas. Segundo os guardas-parques, os incêndios nas florestas acontecem por três motivos: forma natural, em determinadas épocas do ano, devido à escassez de chuva; forma criminal, provocados pela queima de “lixo verde”, como restos de folhas e podas; ou pelo descarte de guimbas de cigarros. Destaca-se que as queimadas trazem consequências graves para a fauna, flora, hidrografia, além de afetar a saúde das pessoas (Figura 33).

⁴⁴ Cabe mencionar que a feira não possui um local fixo para a sua realização, já ocorrendo em outras partes da vila de Visconde de Mauá, como na calçada ao lado da sede do PEPS, na Aldeia dos Imigrantes e no espaço cultural Beatles.



Figura 33 – Imagens de queimadas, na área do PEPS, durante a estiagem do ano de 2022

Fonte: Estiagem durante o inverno de 2022. [Resende], 14 jun. 2022. Instagram: Pepedraselada. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ceeypvnu_rq/. Acesso em: 25 abr. 2023.

É importante mencionar que o parque conta com o apoio da comunidade, dos bombeiros e guardas-parques (Figura 34) no combate às queimadas. A equipe da UC, na temporada de estiagem, durante o inverno de 2022, recebeu 9 ocorrências e combateu vários focos de incêndios florestais, aplicando 105 Notificações Preventivas de Incêndio (NPI) em áreas de grande incidência. O guarda-parque complementa:

fazemos a notificação preventiva de incêndio e temos uma meta de realizar 20 mensais durante o ano todo, ou seja, são 240. Dividimos o parque em 4 áreas críticas de incêndios, então lá embaixo na Fazenda Aleluia, próximo a Pedra Selada, Bonsucesso, Vale do Pavão e das Cruzes, são as áreas críticas que a gente tem. Tentamos cobrir todas essas áreas com a notificação preventiva de incêndio, que é de caráter educativo. Mas aí a gente pega o CPF e endereço, então se acontecer um incêndio lá, aí a pessoa não vai dizer que não sabia, que não podia, porque já foi orientada, portanto pode gerar multa (informação verbal)⁴⁵.



Figura 34 – Combate às queimadas na área do PEPS durante a estiagem do ano de 2022

Fonte: Queimadas no PEPS. [Resende], 14 jun. 2022. Instagram: Pepedraselada. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ceeypvnu_rq/. Acesso em: 25 abr. 2023.

⁴⁵ Entrevista concedida por R. B. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (21 min.).

Diante desse cenário, é notório o desempenho do PEPS na preservação da Mata Atlântica e dos corpos hídricos, além de proteger e resguardar as populações de animais e plantas nativas da região. A seguir, mostra-se que a atividade turística, na região de Visconde de Mauá, não só se apropriou do patrimônio natural, como também vem investindo na valorização do patrimônio cultural, a fim de mercantilizar o espaço e se diferenciar nesse mundo globalizado.

3.2 O patrimônio cultural, as apropriações do passado histórico e as invenções das tradições

De acordo com Scalco *et al.* (2021), o conceito de patrimônio, até meados do século XX, restringia-se a bens materiais imóveis. No Brasil, os primeiros bens, identificados como patrimônio, datavam do período colonial. Contudo, na década de 1980, essa concepção de patrimônio foi estendida, abarcando bens culturais móveis e imóveis, materiais e imateriais, além de bens naturais identificados por grupos sociais que buscavam mantê-los para as futuras gerações. Nessa conjuntura, a Constituição de 1988 ampliou a ideia de patrimônio. No Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, esse conceito representava o Patrimônio Histórico e Artístico e foi substituído, no texto da Carta Magna de 1988, pelo artigo 2016, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Esse versa que:

constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III- as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados à manifestações artístico-culturais; V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Desse modo, ficam garantidas, por lei, as manifestações culturais e os saberes, preservando a memória, identidade e tradições do povo brasileiro. Le Goff (1990) confirma isso ao ressaltar o valor da memória, associada à preservação da identidade, ao longo da história.

É necessário explicar que, numa perspectiva mercantil, o capital também tem se apropriado da cultura, utilizando-a como valor de troca, mudando, de alguma maneira, as relações e o cotidiano das comunidades locais. Dessa forma, o turismo, com a globalização, procura se apoderar das expressões culturais da população autóctone com a intenção de mercantilizar até mesmo o seu modo de vida.

Ressalta-se que, nas últimas décadas, novos destinos foram sendo inseridos à oferta turística, o que levou ao aumento da concorrência. Esse fato implicou na semelhança entre os lugares trazendo dificuldades aos consumidores para diferenciar tais produtos, ou seja, somente as imagens com belas paisagens já não dariam conta de fascinar os turistas (CAMARGO; CRUZ, 2006).

Diante disso, surge a exigência de atribuir sentido a essas paisagens, inserindo também a figura humana nesse pacote turístico. Camargo e Cruz (2006, p. 7) afirmam a importância de “destacar certo diferencial: sua gente, seu espírito e sua genialidade, mostrando dessa forma, aos consumidores potenciais, outros motivos para viajar”. Souza, Varum e Eusébio (2017, p. 92-93) complementam tal concepção ratificando que:

em busca de atender a essas mudanças de atitudes, comportamentos e exigências dos turistas, a oferta do setor do turismo necessita se posicionar diante desse novo mercado. Isto é, há a necessidade de entender esses novos comportamentos, hábitos, preferências, desejos e necessidades para que consigam delinear novas estratégias que ajudem a oferta a permanecer atualizada e inovadora diante da atual realidade.

Essa demanda pelo “diferente”, “exótico” e desconhecido vem ganhando destaque. Logo, o turista, com mais informações e exigências, busca experimentar e não somente contemplar, demonstrando que o capital agrupa valor à cultura, atribuindo-lhe status econômico (LEITE, 2011). Bianchin e Marcelino (2017, p. 4) explicam que:

é como se o exercício anterior (da colonização) de se olhar o diferente, o exótico voltasse à tona, mas dessa vez essa busca se dá a partir de um imaginário construído, já conhecido e com referências. O diferente não é novo e totalmente desconhecido, ao contrário, busca-se informações a respeito do que se quer conhecer.

Nesse sentido, as populações tradicionais, que durante anos ficaram “esquecidas”, agora têm ganhado evidência com o turismo. Percebe-se que nessas comunidades há uma grande oportunidade de negócio ao se destacarem como espaços de resistências com as suas tradições e costumes, fazendo uma contraposição à cultura hegemônica. Então, o lugar turístico se apresenta dialético e dinâmico quando começa a adquirir as novas formas e funções, a partir da turistificação do lugar. É o que menciona LUCHIARI (1998, p. 17) *apud* FRATUCCI (2000, p. 129):

novas formas contemporâneas de espacialização social, por meio das quais estamos construindo novas formas de sociabilidade, mais híbridas e mais flexíveis. [...] estabelece-se uma relação entre antigas paisagens e velhos usos e novas formas e funções, impulsionando a relação do lugar com o mundo, que o atravessa com novos costumes, hábitos, maneiras de falar, mercadorias, modo de agir.

Conforme Fratucci (2000), o processo de reinvenção da identidade do lugar é constante. Por isso, torna-se dinâmico, mostrando a heterogeneidade espacial, onde o velho e o novo acabam se fundindo nesse processo. Para o autor, é o mercado turístico internacional que exige o interesse em preservar a identidade local, porque os turistas, em sua maioria, são de países ricos e buscam pelo fantasioso paraíso perdido. Já as comunidades receptoras, que são pobres, conservam a “autenticidade local”. É o que direciona o documento “Turismo cultural: orientações básicas”, do Ministério do Turismo:

pode-se dizer que a relação cultura e turismo fundamenta-se em dois pilares: o primeiro é a existência de pessoas motivadas em conhecer culturas diversas e o segundo é a possibilidade de o turismo servir como instrumento de valorização da identidade cultural, da preservação e conservação do patrimônio, e da promoção econômica de bens culturais (BRASIL, 2006, p. 10).

Na concepção de Maldonado (2009, p. 29-30), “a riqueza cultural se manifesta (...) com um colorido e uma expressividade (...), o fator humano e cultural da experiência é o que cativa o turista e precede a simples motivação de imersão a natureza”. Isto é, a cultura atrai com as suas múltiplas facetas.

Posto isso, a partir da valorização e criação de aspectos culturais para incremento do turismo, analisam-se os papéis desempenhados com base nas imagens dos Tropeiros do Parmesão e da semente do Pinhão para a região de Visconde de Mauá.

3.2.1 Tropeiros do Parmesão

De acordo com Scalco *et al.* (2021), nos séculos XVIII, XIX e XX, a serra da Mantiqueira, em Minas Gerais, foi palco do tropeirismo⁴⁶. Essa atividade se desenvolveu no Brasil, durante o período colonial, onde as tropas faziam o serviço de transporte de mercadorias e de pessoas, até meados do século XX, para complementar a atividade ferroviária, mas acabou com a chegada das rodovias. Tal ação ficou definida como “Tropeirismo Clássico” (ALGATÃO, 2015).

No entanto, há ainda a atividade tropeira em lugares mais distantes, onde a ferrovia não chegou e as estradas são muito precárias, chamada de “Tropeirismo Residual”. Destaca-se que essa variação da atividade se vincula à imagem do tropeirismo clássico quanto a forma, “mas não estabelece dependência, visto que o tropeiro contemporâneo, [...] seria seu maior expoente, insere-se em uma lógica de mercado outrora inexistente” (ALGATÃO, 2015, p. 3).

Nesse contexto, Albatão (2015) explica que, em muitos lugares do Brasil, o sentido atual da atividade tropeira tem como objetivo ajudar as comunidades que estão isoladas geograficamente em relação às cidades grandes, gerando renda para as pessoas que não têm condições financeiras para utilizar os transportes mais modernos. Assim, a reconstituição da atividade tropeira se assemelha ao Tropeirismo clássico, mas, em tempos atuais, ganha uma conotação que se introduz na sociedade de consumo.

Portanto, percebendo que a atividade dos tropeiros poderia servir como instrumento de valorização e preservação da identidade cultural, o turismo se apropriou do passado histórico do tropeirismo no Brasil e inventou essa tradição com intuito de atrair turistas, fundamentado no discurso de desenvolvimento econômico para a região.

Hobsbawm e Ranger (1984, p. 111), afirmam que as tradições “que parecem ou se apresentam como antigas são muitas vezes bastante recentes em suas origens, e algumas vezes são inventadas”. Sendo assim, quando o turismo faz uso das tradições, práticas singulares são criadas e se diferenciam daquelas que já existiam, passando a ser inseridas na experiência patrimonial. Logo, é importante realçar que essas “tradições inventadas” fazem parte de um projeto político, pois possuem:

funções políticas e sociais importantes [...]. Porém, até que ponto elas serão manipuláveis? É evidente a intenção de usá-las, aliás, frequentemente, de inventá-las para a manipulação; ambos os tipos de tradição inventada aparecem na política, e primeiro principalmente (sociedade capitalistas) nos negócios (HOBBSBAWM; RANGER, 1984, p. 315).

Ratifica-se que algumas tradições são inventadas pela sociedade capitalista para serem comercializadas, por isso vários atos simbólicos, realizados pelos turistas, como o contato com os tropeiros, significariam o elo entre o presente e a sua tradição, ainda que não tivessem sido produzidos e examinados pela história. Desse modo, a atividade turística “seria uma ferramenta de lazer contemporâneo em um cenário de tradições inventadas, mas tidas como antigas” (BRUSADIN, 2014, p. 9)

De acordo com Hobsbawm e Ranger (1984), as explicações para o uso do passado, como tradição, manifestam-se pelo tempo presente na atividade turística. As tradições inventadas criam o seu próprio passado à medida que se utilizam da repetição como método.

É preciso mencionar que, alguns municípios brasileiros, já declararam o tropeirismo como patrimônio cultural imaterial. Alguns exemplos dessa certificação da Rota dos Tropeiros

⁴⁶ O tropeirismo não foi somente uma alternativa de transporte ou o ciclo econômico e social que substituiu o bandeirismo no início do século XVIII, teve relação direta com o povoado brasileiro, contribuindo para consolidação de fronteiras e mudando a história das relações comerciais do país (DOMINGUES, 2003, p. 278).

estão, no estado do Paraná, com 16 municípios do norte ao sul e no município de Taubaté, no estado de São Paulo. Por conseguinte, alguns pesquisadores e ativistas da região sul propuseram o reconhecimento do tropeirismo nas esferas nacional e internacional, como relata a reportagem:

‘queremos ver o tropeirismo reconhecido como bem imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e cultural da humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco)’, diz Solera, que vem trabalhando, dentro do projeto Tropeiro Brasil, em parceria com o museu de Ipoema e a Universidade de Girona, na Espanha, onde há um curso de turismo cultural (WERNECK, 2012).

Vale ressaltar que, em 2010, a atividade dos tropeiros ganhou destaque no turismo da região de Visconde de Mauá, com a exibição de reportagens feitas pela Rede Globo de televisão, no Programa Globo Rural, sob o título “Tropeiros do Parmesão”⁴⁷. Segundo Albatão (2015, p. 10-11), “após a divulgação, grande parte dos turistas passou a procurar pelos tropeiros de Visconde de Mauá para comprar os produtos diretamente de suas mãos”. Desde então, o trade turístico passou a explorar os “novos” atores sociais, ofertando aos turistas não só os seus produtos, mas também as suas histórias.

Salienta-se que a trajetória semanal dos tropeiros começa na sexta-feira, pela manhã, em Itamonte/MG, município vizinho à região. Eles atravessam a Serra da Mantiqueira e o Parque Nacional das Agulhas Negras, depois percorrem o vale do Rio Preto, que separa os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, e chegam à vila de Maromba no início da noite. É o que explica o tropeiro de 65 anos, morador de Itamonte/MG:

eu saio de Serra Negra, em Itamonte/MG e até alcançar a ponte da cachoeira do Escorrega, em Maromba, eu levo 4 horas. Até aqui, (Maringá/RJ), levo cinco, seis horas. Eu chego na sexta-feira e vou embora no domingo, de manhã. A gente inicia no Escorrega, em Maromba e vai descendo por Maringá/RJ, percorre pelo vale do Pavão, Vale das Cruzes e vai passando pelas pousadas (informação verbal)⁴⁸.

Na sequência, descansam na casa de parentes e amigos, para no dia seguinte iniciarem as suas vendas na região. Ele ratifica dizendo: “venho mesmo chovendo, só não venho se estiver chovendo muito mesmo, porque aqui tem muitas pousadas e as pessoas ficam esperando os produtos para servirem na mesa do café” (informação verbal)⁴⁹. Diante de toda essa trajetória, fica evidente que há muito comprometimento do tropeiro com os estabelecimentos turísticos. De acordo com o tropeiro, a dificuldade de viajar por longas horas no dia, parece valer a pena, não somente pelo dinheiro que recebe com a venda dos produtos, mas, também, pela necessidade de dar continuidade a um trabalho que começou há muitos anos e resiste até os dias de hoje (Figura 35). O mesmo acrescenta:

⁴⁷ Tropeiros do Parmesão – parte I - Reportagem programa Globo Rural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LYvEINa2J38>. Tropeiros do Parmesão – parte II - Reportagem programa Globo Rural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=118XOC1X4CI>. Tropeiros do Parmesão – parte III - Reportagem programa Globo Rural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F9p4dN64yFs>.

⁴⁸ Entrevista concedida por L. R [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (13 min.).

⁴⁹ Entrevista concedida por L. R [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (13 min.).

meu pai já era tropeiro, então eu continuei essa prática. Comecei a trabalhar com oito anos de idade na roça. O tropeiro leva mercadoria, faz frete e busca material. No final de semana, nós vendemos os produtos para as pousadas e os turistas também. Todo fim de semana venho aqui, para região de Visconde de Mauá e isso já tem 35 anos (informação verbal)⁵⁰.



Figura 35 – Tropeiro do Parmesão, na vila de Maringá/RJ
Fonte: a autora, janeiro de 2023.

Cabe frisar que o tropeiro, dessa região, associa essa atividade a outras, também ligadas ao rural, na tentativa de aumentar o seu rendimento. Nesse sentido, o entrevistado relatou que, nos dias em que não está trabalhando como tropeiro, realiza outras funções no campo, como: a produção de laticínios e os ofícios na roça. “Durante a semana, nós trabalhamos em casa fazendo queijos, roçando o pasto, a gente faz de tudo” (informação verbal)⁵¹. Além disso, os tropeiros também herdaram de seus antepassados a função de atravessadores/intermediários, ou seja, ainda levam a produção de vizinhos junto às suas, para serem comercializadas na região de Visconde de Mauá (ALGATÃO, 2015). Eles vendem vários produtos, como assegura o entrevistado (Figura 36):

nós trazemos queijo, geleias, doces e mel, ou seja, de tudo um pouco. A maior parte é nossa produção e, o que não é nosso, a gente traz dos vizinhos, amigos, que são produtores rurais também. Lá, nós não temos uma grande produção, então cada um

⁵⁰ Entrevista concedida por L. R [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (13 min.).

⁵¹ Entrevista concedida por L. R [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (13 min.).

faz um pouco de queijo, outros, geleias, uns, produzem o mel e alguns, doces (informação verbal)⁵².



Figura 36 – Placa presa à sela da mula anunciando os produtos comercializados pelos tropeiros, na vila de Maringá/RJ.

Fonte: a autora, janeiro de 2023.

Segundo o tropeiro, mesmo com toda a divulgação na mídia sobre essa atividade, nos últimos anos, o número de venda dos produtos vem diminuindo devido ao crescimento de estabelecimentos comerciais na região. “Antes, tinham menos turistas e era melhor para vender. Hoje, acho que pela concorrência com o elevado número de lojas, vem diminuindo. Antigamente, Mauá quase não tinha lojas, hoje, são várias” (informação verbal)⁵³.

Nesse cenário de dificuldades, somam-se os obstáculos do trajeto e a facilidade dos meios de transportes mais modernos, logo alguns tropeiros estão optando por trazer as mercadorias em carros, pois é bem mais simples. Entretanto, o entrevistado relata que muitos turistas não gostam de comprar dessa forma e escolhem à moda antiga, “eles preferem quando a gente chega na mulinha mesmo e perguntam se é o queijo da serra da Mantiqueira” (informação verbal)⁵⁴. Ainda complementa dizendo:

Os turistas gostam muito, dão a preferência para nós. Ontem mesmo, encontrei uns turistas que disseram que estavam esperando o tropeiro. Pessoas que vêm do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais também querem comprar as nossas mercadorias. Às vezes, a gente encontra pessoas lá, da nossa terra (Itamonte/MG), que dizem que querem encontrar a gente aqui.

O turista se acostumou, gosta de comprar o queijo parmesão da Mantiqueira, ou seja, o produto direto da roça. Nós fazemos dois preços: um para os lojistas revenderem e

⁵² Entrevista concedida por L. R [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (13 min.).

⁵³ Entrevista concedida por L. R [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (13 min.).

⁵⁴ Entrevista concedida por L. R [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (13 min.).

outro diretamente para o turista, pois não tem como vender para os lojistas no mesmo valor. Às vezes, até três preços, depende do movimento também (informação verbal)⁵⁵.

Desse modo, além de poder “barganhar o preço”, os turistas escolhem esse contato direto com os tropeiros pela experiência do “pacote turístico”. Portanto, não é somente o ato de comprar por comprar, há também uma necessidade que boa parte dos turistas têm em conhecer a história do tropeirismo, uma atividade tão diferente das que eles encontram nas cidades grandes (Figura 37). Isso se confirma na fala do tropeiro:

eles (os turistas) querem saber muitas coisas. Essa prática é muito antiga, eu sou de 1958 e já existia, muitos já morreram. Meu pai era tropeiro, mas vendia pelas áreas do Registro, em Minas Gerais e eu era bem pequeno e já acompanhava aprendendo desde criança (informação verbal)⁵⁶.

Na perspectiva de Fratucci (2000, p.130), a partir dessas vivências, o conceito de turismo se ratifica quando resulta do momento de “encontro de alteridades, onde é possível a troca de experiências socioculturais e do enriquecimento pessoal (...), ou seja, o turismo acontecendo enquanto fenômeno sociocultural e não apenas como atividade econômica”.



Figura 37 – Turistas comprando produtos diretamente com o tropeiro
Fonte: a autora, janeiro de 2023, vila de Maringá/RJ.

Nesse contexto de interações sociais entre tropeiros, residentes e turistas, percebe-se o quanto é importante essa atividade para o turismo na região, no entanto, a mesma parece estar com os “dias contados”. É importante ressaltar que, boa parte dos tropeiros, também já estão desistindo dessa função, devido a idade avançada e aos problemas de saúde. E ainda, os seus

⁵⁵ Entrevista concedida por L. R [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (13 min.).

⁵⁶ Entrevista concedida por L. R [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (13 min.).

descendentes estão optando por outras alternativas de renda no turismo, como declara o entrevistado:

somos poucos, mas antigamente éramos uns oito tropeiros. Hoje, praticamente, só sobrou eu, pois a ‘rapaziada’ agora não quer mais fazer esse trajeto até aqui, estão trabalhando na roça mesmo ou no turismo. Antigamente, lá só existiam as fazendas e as casinhas, mas agora está chegando muita ‘gente de fora’. Um amigo meu já está até montando uma pousadinha.

Essa viagem do tropeiro leva o dia inteiro, é muito pesada. Então, as pessoas não querem mais isso, nenhum jovem quer seguir essa tradição. Quando eu parar, acho que não vai existir mais. Tem um companheiro, de uns setenta e poucos anos, que parou por não conseguir mais fazer o trajeto. Ele está mexendo com uma pousadinha por lá.

Tem uns que vêm de carro, aí é mais para fazer entrega em lojas e pousadas, não faz a venda direta para o turista (informação verbal)⁵⁷.

Em específico ao tropeiro da região de Visconde de Mauá, caso se aposente ou venha falecer, os produtos não deixarão de existir e de serem vendidos, mas a figura do tropeiro, sim, poderá acabar, pois a geração atual já sinalizou que não tem interesse em manter a atividade. Portanto, entende-se que estimular a prática do tropeirismo na região é uma forma de perpetuar a atividade desses atores sociais. Além disso, é necessário que haja interesse do setor turístico em preservar tais memórias, criando museus, por exemplo, como os que já existem nas cidades de Itabira/MG, Boituva/SP e Castro/PR. Nesses lugares também se divulgam a cultura e tradição em rotas tropeiras, com visitas a locais antigos, além de projetos escolares com o intuito de resgatar a história de vida do tropeiro, reproduzindo os seus trajetos com pousos em ranchos, comidas típicas, cavalgadas, etc.

Ao dar continuidade a essa mesma lógica de apropriação da cultura local, o próximo subcapítulo trata do pinhão, que é outro elemento de destaque na região de Visconde de Mauá. A cada ano, através da mercantilização de eventos e festivais, a demanda por essa semente cresce, vira objeto de consumo e atrai os turistas, assim como também orgulham aqueles que têm uma relação direta com a araucária.

3.2.2 Visconde de Mauá – a capital do pinhão

Destaca-se que a região de Visconde de Mauá, conhecida pelas belezas naturais e pelo clima ameno, possui o título de Capital Nacional do Pinhão, sob a Lei nº 7198, de 08 de janeiro de 2016. No entanto, essa lei se respalda e se justifica na importância econômica que o pinhão traz para o crescimento do turismo, mas não valoriza o aspecto cultural que essa semente tem para a comunidade local. É o que se percebe na concepção de Rodrigues (2018, p.7), ao 70ncontr-la:

a lei apresenta uma visão simplista da importância do pinhão para a região, uma vez que julga o pinhão como importante por seu valor para a economia local e como um atrativo turístico gastronômico, deixando de lado todo o aspecto cultural que a semente da araucária tem. Através das memórias e dos ‘causos’ que me foram narrados em diversas conversas, foi possível perceber que o pinhão era presente na vida cotidiana dessas pessoas e que tinha uma importância para os moradores da região que não era apenas econômica, e esse aspecto a lei não contemplava.

⁵⁷ Entrevista concedida por L. R [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (13 min.).

É importante explicar que o pinhão é o fruto da araucária (Figura 38) e o símbolo da Serra da Mantiqueira, além disso essa semente possui uma identidade local que está ligada à memória afetiva da comunidade. É possível encontrar-lo nas árvores, no chão, como alimento, nas lojas (Figura 39), nas festividades, nas lembranças e nas histórias de cada residente. Ou seja, esse elemento já faz parte da cultura da região de Visconde de Mauá.



Figura 38 – Árvores da espécie araucária, na vila de Visconde de Mauá
Fonte: a autora, janeiro de 2023.



Figura 39 – Sementes de pinhão e produtos processados para a venda, em uma loja tradicional da região, na vila de Visconde de Mauá

Observação: imagem A: sementes de pinhão; imagem B: cerveja à base de pinhão.
Fonte: a autora, janeiro de 2023.

Salienta-se que a semente do pinhão também tem sido apropriada pelo turismo com as justificativas de preservação da memória e desenvolvimento econômico da região. Nessa lógica, muitas festas foram inventadas como estratégias para alavancar o turismo. Umbelino *et al.* (2011) afirma que os eventos e festivais podem facilitar a divulgação da cultura do lugar. Para ele, esses como atividades turísticas, podem dinamizar os setores de serviço e comércio, além de aumentar a mobilidade populacional.

Nesse contexto, as festividades na região foram criadas e adquiriram “autenticidade”, devido ao discurso da tradição. Um bom exemplo é a “Temporada do Pinhão”, que se inicia no mês de maio, no período de colheita da semente, onde são realizados três eventos de maneira simultânea: a Festa do Pinhão, o Concurso Gastronômico do Pinhão e o Salão do Pinhão.

A Festa do Pinhão foi criada, em 1993, por pessoas da própria comunidade. É uma festa gratuita e realizada em área aberta, na vila de Visconde de Mauá. Ela tem durabilidade de três dias com a apresentação de artistas locais e nacionais. Nesse espaço, também é possível encontrar pratos típicos da região, como: pinhão cozido, doces de pinhão, além de bebidas como as cervejas de pinhão. Esse evento é de grande importância para os turistas e antigos moradores, pois nele se estabelecem as relações sociais no espaço e, dessa forma, a cultura do pinhão se mantém viva na memória das pessoas (Figura 40).



Figura 40 – Festa do Pinhão 2023

Observação: imagem A: vista da área onde se realizou o evento; imagem B: cartaz de divulgação do evento. Fonte: Festa do pinhão [Resende], 19 mai. 2023. Instagram: Prefresende. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Csd5HfxugYy/> Acesso em: 15 jun. 2023.

Na visão de uma atendente de loja e antiga moradora da vila de Visconde de Mauá (informação verbal)⁵⁸, a Festa do Pinhão é bem interessante e movimenta a cidade, mas “nos últimos anos virou a Festa do ‘peão boiadeiro’”. Em sua fala, realça que “aquela festa do pinhão, como de antigamente, já não se encontra, agora o que existe é segregação social”. Ela relata

⁵⁸ Entrevista concedida por L. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (43 min.).

que “a festa veio crescendo muito e servindo para fins eleitoreiros, além de um impacto ambiental violento”. Outra moradora da vila de Maromba complementa:

a festa do Pinhão saiu da essência dela, que era de valorizar a cultura do Pinhão. Aí, foi entrando uma ‘cultura de massa’, e hoje, você encontra de tudo na festa do Pinhão. Para mim é meio fora do contexto, mas muita gente gosta e é o evento mais esperado da comunidade, porque não existe muita atividade para os jovens daqui. [...] Eu já não estou mais tão apaixonada pela região como já estive antes, pois percebo que o que vim buscar não está tanto como imaginava, não tenho certeza se vou passar minha vida inteira aqui (informação verbal)⁵⁹.

Nesse sentido, percebe-se um descontentamento de alguns moradores com as transformações impostas em eventos tradicionais da região, sem a participação e opinião dos moradores locais. É importante acentuar que, junto a esse festival, ocorre o Concurso Gastronômico. Ali, reúnem-se Chefs, de dentro e fora da região, com o intuito de desenvolver as melhores receitas com a semente do pinhão. Então, essas são julgadas por Chefs renomados e por um júri popular que elegem uma entrada, um prato principal e uma sobremesa (Figura 41).



Figura 41 – Divulgação da 25^a temporada do concurso gastronômico do pinhão, realizado no ano de 2018
Fonte: Disponível em: <http://viscondeinforma.blogspot.com>. Acesso em: 12 fev. 2023.

Em vista disso, o Concurso Gastronômico atribui novos usos e sentidos à cultura do pinhão, agregando valor à semente. Logo, a população entende que a cultura do pinhão, além do valor econômico, tem um valor simbólico, pois os turistas procuram a região a fim de conhecer essa prática.

No entanto, apesar desse evento se apropriar da cultura local, boa parte das pessoas, que moram na região, informou que não frequenta o evento porque não é gratuito. Uma atendente de uma loja e moradora antiga da vila de Visconde de Mauá destaca que “é preciso pagar para entrar, ficou mais sofisticado” (informação verbal)⁶⁰. Evidencia-se, portanto, que o mercado excluiu os verdadeiros “donos” desse patrimônio e incluiu aqueles que podiam pagar por ele, que são os turistas.

Compreende-se, então, que há interesses na organização desse evento e isso pode impactar na preservação do pinhão. Tal fato também pode levar à segregação da prática cultural, implicando no afastamento da comunidade frente a esse festival, dividindo os moradores que,

⁵⁹ Entrevista concedida por N. G. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (47 min.).

⁶⁰ Entrevista concedida por L. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (43 min.).

na sua maior parte, acabam sendo excluídos por não terem condições financeiras de frequentá-lo. Como consequência desse processo, o elemento cultural, que faz parte da identidade deles, deixa de ser uma tradição construída nas relações culturais para se tornar um espetáculo para os turistas.

Assim, entende-se que as expressões culturais mostram a identidade existente do lugar e o modo como as pessoas se reproduzem no espaço. Porém, a atividade turística pode impactar as comunidades, através de transformações, mudando a maneira como se percebem, vivem e concebem o espaço. É o que relata Bustos Cara (1996), citado por Lima (2011, p. 156), ao afirmar que, às vezes, a população residente precisa se transformar em “população artificial” para atender às necessidades dos visitantes.

Consoante Fratucci (2000), apesar da prática ser social, o fenômeno do turismo também é uma prática econômica que, muitas vezes, acaba levando a uma interpretação errada de que tudo que está em seu entorno precisa ser convertido em capital e lucro. Uma vez transformado o legado cultural em produto de consumo, perde o seu significado. A cultura já não importa por si só, mas torna-se importante devido aos seus efeitos econômicos (BARRETO, 2000).

Destaca-se que, além desses dois eventos, também é realizado o Salão do Pinhão, no Centro Cultural, localizado na vila de Visconde de Mauá. Esse espaço foi criado em 2006 e reúne obras de música, fotografia, literatura e artes plásticas de artistas locais, tendo como tema a Araucária. É pertinente dizer que, mais que divulgar e promover as obras, esse espaço é um lugar de encontros e rodas de conversas entre os visitantes e os visitados. (Figura 42).



Figura 42 – Centro Cultural Visconde de Mauá

Fonte: a autora, janeiro de 2023.

De acordo com a curadora do Salão, a região de Visconde de Mauá, durante muito tempo, foi procurada por suas belezas naturais. No entanto, nos últimos anos, os turistas têm buscado conhecer, de perto, a cultura da localidade. Para a entrevistada, o diálogo entre o turismo ambiental e cultural é extremamente necessário.

Estamos dentro da Área de Proteção da Mantiqueira e ainda somos vizinhos do Parque Nacional de Itatiaia. Além disso, temos um Parque que foi criado, há mais de 10 anos, que é o Parque Estadual da Pedra Selada. Isso, demonstra o interesse ambiental dessa

região e como é importante termos o turismo cultural e ambiental dialogando (informação verbal)⁶¹.

Ressalta-se que, para expor no Salão do Pinhão, é preciso que a obra esteja relacionada ao tema, que é o pinhão. Segundo a entrevistada, não precisa ser um trabalho em que necessariamente vejam o pinhão, pode ser abstrato, ou seja, somente a matéria prima. Em seus relatos, explica que o:

Sr Jorge, antigo morador e artesão, já participou diversas vezes. Ele cria peças com troncos de araucárias, faz pássaros, por exemplo. Aí, alguns podem dizer: mas o que o pássaro tem a ver com o pinhão? Ele é um disseminador da semente (informação verbal)⁶².

É importante mencionar que essas exposições são para atender aos turistas, artesãos locais e a comunidade, mas, durante a pandemia, boa parte das atividades presenciais do evento teve o seu ciclo interrompido, mudanças foram necessárias, abrindo caminho à exposição virtual, com obras de artistas nacionais e internacionais. É o que demonstra a curadora, ao afirmar que:

na pandemia, o Salão foi 100% virtual. Cinco países participaram e eu recebi trabalho até da Romênia. Tem muitos artistas que gostam de participar de eventos mundo afora. Fiz também uma exposição virtual dos trabalhos do artesão Sr Jorge.

Assim, em 2020, o Salão do Pinhão foi totalmente virtual e em 2021 foi híbrido. Em 2022 continuou híbrido e, pela primeira vez, com patrocínio. No total foram 65 expositores, de 6 países diferentes (informação verbal)⁶³.

Dessa maneira, conforme destaca a curadora, esses eventos acabam sendo valorizados, pois através dessas práticas, têm crescido o número de turistas que se interessam pela história do pinhão. Ademais, a cada ano aumenta o número de trabalhos para a exposição e apresentação no Salão do Pinhão, mostrando que os eventos têm um papel significativo no desenvolvimento artístico e cultural da região (Figuras 43).

⁶¹ Entrevista concedida por A. N. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (46 min.).

⁶² Entrevista concedida por A. N. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (46 min.).

⁶³ Entrevista concedida por A. N. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (46 min.).

XVIII Salão do Pinhão

Edição virtual e presencial

Arte e Natureza

Desenho - Pintura - Escultura - Fotografia - Bordado - Arte Digital



Abertura, terça feira, 16 de maio de 2023, às 18h

Exposição até 25 de junho,
de sexta a domingo e feriados das 11 às 17h
Durante a semana, visitas escolares previamente agendadas



Apoio Cultural



Produção e Realização



Figura 43 – Folder de divulgação da 18^a edição do evento Salão do Pinhão com exposição de algumas obras de pinturas, desenhos e artesanatos apresentadas em edições anteriores
Fonte: Centro Cultural Visconde de Mauá. Facebook: Centro Cultural Visconde de Mauá. Disponível em: <https://www.facebook.com/Centro%20Cultural%20Visconde%20de%20Mauá/>. Acesso em: 4 jul. 2023.

Assim, na perspectiva de proteger e, ao mesmo tempo, divulgar a cultura local, muitos espaços foram criados, na região de Visconde de Mauá, com a finalidade de ofertar aos visitantes e moradores, conhecimento e experiências memoráveis.

3.2.3 O Turismo cultural e a produção de seus espaços

Os lugares turísticos estão criando estratégias que os distinguem dos outros, como experiências mais agradáveis ou uma imagem peculiar no imaginário dos consumidores. Para Beni (2004), o turismo é uma das primeiras atividades voltadas para a economia da experiência e esse modelo de turismo tem crescido e ganhado espaço no mercado, uma vez que os seus produtos e serviços são diferenciados.

É nesse quadro de criação de imagens diferenciadas que, nos últimos anos, a região de Visconde de Mauá vem se destacando no turismo cultural. Esse destino turístico, além de se

apropriar das tradições, também produziu espaços que buscam resgatar a memória e a identidade da cultura local. Esses têm por objetivo preservar, conservar e restaurar o patrimônio local, atraindo muitos visitantes que procuram novos conhecimentos e vivências.

Em conformidade com Reis (s/d), o homem moderno não dispensa o conforto proveniente da técnica, mas também entende a necessidade de manter o patrimônio como expressão viva da humanidade. Então, ao preservar um patrimônio, passado e presente se conectam, proporcionando às pessoas o conhecimento da sua história, da sua própria existência. Ferreira (2018, p. 11) vai além e explica que, mesmo em lugares não turísticos, é necessário a proteção legal, pois a ideia de preservação do patrimônio é muito mais abrangente que o seu valor econômico, decorrente da atividade turística.

Nesse cenário, vários espaços foram produzidos na região de Visconde de Mauá e fazem parte do turismo cultural. A localização deles foi organizada em um folder (com imagens, mapa e legenda) para melhor direcionar os visitantes (Figura 44). Esse projeto disponibiliza um percurso artístico e nele são apresentados aos turistas e residentes, diversos espaços culturais, como: ateliês, lojas de artesanatos, livrarias, teatro, centro cultural, museus, dentre outros locais para visitação, conectando espaços, obras e autores.

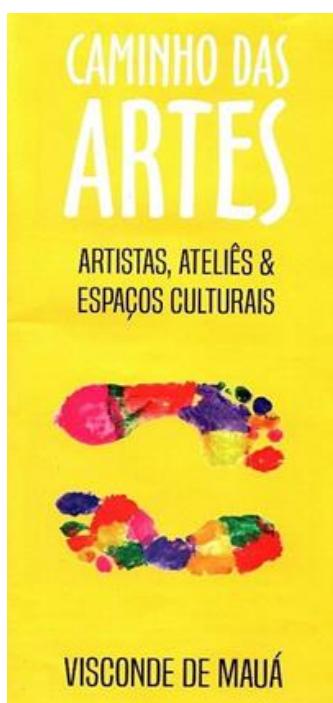


Figura 44 – Capa do folder cultural Caminho das Artes
Fonte: folder do Centro Cultural Visconde de Mauá, 2017.

À vista disso, apesar dessa região ofertar mais de trinta espaços culturais, a presente pesquisa aponta os três mais procurados. A saber: o Centro Cultural Visconde de Mauá, o Ateliê Jorge Brito e o Museu Espaço de Memória Bühler. Ademais, também apresenta o espaço Editora Pachamama, por sua relevante resistência e representatividade na região.

3.2.3.1 Centro Cultural Visconde de Mauá (CCVM)

O Centro Cultural Visconde de Mauá fica localizado na vila de Visconde de Mauá. Consoante a curadora, desde abril de 2004, abriga parte da produção artístico-cultural da região de Visconde de Mauá (RJ-MG) e realiza diversas atividades nas áreas de artes plásticas.

fotografia, exposições, bazares e feira de livros anuais. Nesse espaço, ocorre também a apresentação de corais com vários concertos musicais, incluindo música erudita e popular, valorizando a produção local (Figura 45).



Figura 45 – Imagens de eventos realizados no Centro Cultural Visconde de Mauá
Fonte: Folder do Centro Cultural Visconde de Mauá, 2019.

O espaço também possui uma biblioteca comunitária (Figura 46) com mais de 4.800 livros e periódicos, oferecendo à comunidade local e aos turistas a oportunidade de leitura. A curadora enfatiza que o CCVM tem envolvimento com as escolas e associações, disponibilizando oficinas de artes, de educação ambiental e abrindo o seu espaço para reuniões de interesse comunitário, cooperando, de forma ativa, com os assuntos que dizem respeito à região.



Figura 46 – Biblioteca do Centro Cultural Visconde de Mauá
Fonte: a autora, janeiro de 2023.

É necessário ressaltar que o Centro Cultural não é um espaço mantido pelo governo, mas sim por apoiadores que se identificam com o projeto. Entretanto, esse local já foi escolhido por ações governamentais de incentivo à cultura, como a Semana Brasileira de Museus/Primavera dos Museus, realizada pelo Instituto Brasileiro de Museus e o Circuito Nacional Tela Verde, elaborada pelo Ministério do Meio Ambiente.

As iniciativas do CCVM (em conjunto com seus parceiros culturais), já foram contempladas com o Prêmio de Cultura Macedo Miranda, oferecido pela Fundação Casa da Cultura Macedo Miranda/Prefeitura de Resende nos anos 2007, 2009, 2011, 2012 e 2013. [...] Tornou-se Ponto de Leitura em setembro de 2009, depois de participar de edital do Ministério da Cultura, e Ponto de Cultura, em maio de 2010, num convênio firmado entre Minc e Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, ampliando a abrangência das suas atividades. [...] Em 2014, através de edital estadual, a biblioteca do CCVM ampliou seu acervo e suas atividades literárias (CCVM, 2019).

Nesse contexto de valorização cultural, Añaña, Anjos e Pereira (2016) explicam que as artes, o entretenimento e o lazer se utilizam do conhecimento, da diversão, da emoção, da alegria e da paz para agregar valor às experiências, tanto dos residentes quanto dos visitantes que vão aos destinos turísticos em busca de novos aprendizados.

De acordo com o Sebrae (2015), nos últimos anos, a experiência do turismo cultural vem se expandindo na vida das pessoas, tornando-se uma necessidade básica dos consumidores. O turismo, além de proporcionar aos visitantes, atividades como a visitação e observação de paisagens, também tem incluído a experiência como um diferencial.

Brambilla, Baptista e Vanzella (2014, p. 29) revelam que “o turismo [...] inclui o interesse pela vivência e experiência na localidade visitada, proporcionando uma melhor compreensão da vida local e um intercâmbio de experiências entre visitantes e visitados”. Essa prática turística é tudo o que o turista vive, ou seja, quanto mais esse conhecimento alcançar os cinco sentidos (olfato, audição, tato, visão e paladar) do viajante, mais proveitoso e memorável ela será (AGAPITO *et al.*, 2014).

Segundo Almeida (2017), trata-se de uma economia da experiência, que não almeja mudar os padrões de consumo do homem moderno, mas se apresenta como uma recente

ferramenta que possibilita o deslocamento para destinos turísticos e a circulação para diferentes lugares do dia a dia.

3.2.3.2 Ateliê Jorge Brito

Um outro espaço turístico, muito procurado na região, é o Ateliê Jorge Brito, que fica localizado no Lote 10. Jorge Brito é um artista, que hoje com 88 anos, é um dos moradores mais antigos da vila de Visconde de Mauá (Figura 47)⁶⁴. As suas obras levam a refletir sobre várias questões, como o respeito e a preservação da fauna brasileira.



Figura 47 – Sr Jorge Brito com uma de suas obras. Ao fundo, a Pedra Selada
Fonte: a autora, janeiro de 2023.

É importante mencionar que o Sr. Jorge Brito é descendente do povo originário Puri. Para ele, a influência da cultura ancestral está presente em vários aspectos de sua vida, como o

⁶⁴ A imagem teve o consentimento do Sr Jorge Brito durante a entrevista.

reconhecimento de ervas medicinais e na arte de construir as suas esculturas. O artista disserta que os indígenas fazem muitos trabalhos utilizando madeira e penas. “Eu vou no mato e vejo uma raiz e já sei o que vou fazer, ninguém está vendo nada e eu já estou vendo uma escultura” (informação verbal)⁶⁵. A maioria das peças representa animais da região da Mantiqueira, tendo como predomínio as espécies de pássaros e peixes, que são as preferidas do artista (Figura 48).



Figura 48 – Algumas peças do acervo do artista Jorge Brito
Fonte: Catálogo Soltando os bichos: a arte de Jorge Brito, 2013.

Além de escultor, o artista relata possuir outros talentos que encantam turistas e residentes da região: “sou poeta, faço música, toco viola com um dedo só, sou benzedor, curador, pedreiro, carpinteiro e jardineiro. Fui escolhido como o melhor jardineiro da região, então tem muitos ofícios que sei fazer” (informação verbal)⁶⁶.

Somando-se a isso, também participa da realização de algumas festividades e ainda desenvolve atividades educativas (Figura 49). “Faço oficinas com as crianças: na primeira oficina fizemos 33 peças, num único dia, além das brincadeiras. As crianças ficam encantadas” (informação verbal)⁶⁷.

⁶⁵ Entrevista concedida por BRITO, Jorge. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (40 min.).

⁶⁶ Entrevista concedida por BRITO, Jorge. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (40 min.).

⁶⁷ Entrevista concedida por BRITO, Jorge. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (40 min.).

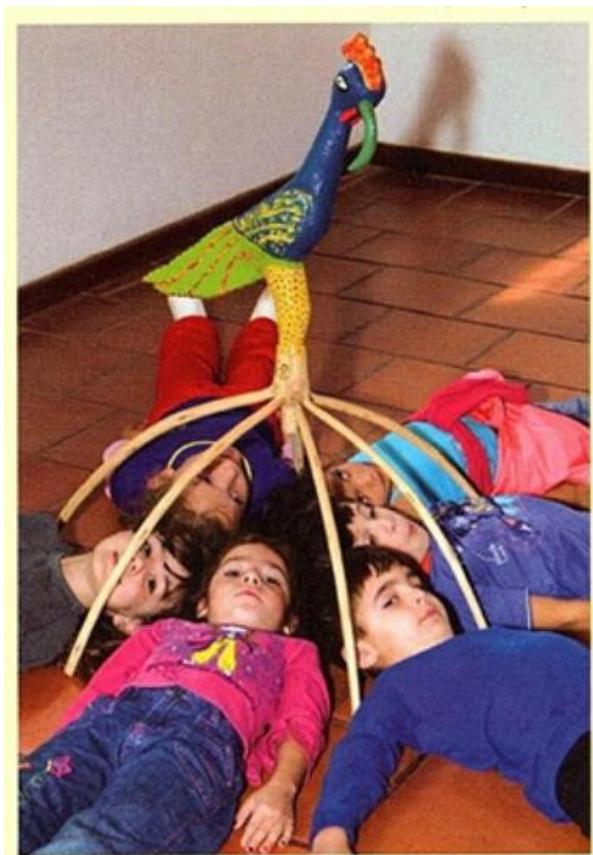


Figura 49 – Crianças em visita guiada ao CCVM interagem com obra de Jorge Brito, em maio de 2009
Fonte: Catálogo Soltando os bichos: a arte de Jorge Brito, 2013.

Um dos guardas-parques do PEPS enfatiza que o artista Jorge Brito foi um dos primeiros expositores e virou símbolo do projeto “Mantiqueira, biodiversidade que inspira arte” com as suas esculturas que fazem parte do contexto paisagístico da sede do PEPS. Essas peças são administradas pelo CCVM e estão no parque somente para exposição, podendo ser vendidas a partir do contato com o Centro Cultural. Ele reitera que, se o artista quiser, pode deixar uma peça acautelada com o parque para que fique permanentemente exposta. “Em nosso auditório, temos peças do Jorge Brito e de vários outros artistas locais, que durante o período de exposição, deixaram algumas peças. Assim, nós divulgamos os artistas e as suas artes” (informação verbal)⁶⁸.

Cabe destacar que o talento desse escultor já ultrapassou os limites da região de Visconde de Mauá. As suas obras já estiveram em exposições na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)⁶⁹ no ano de 2014, além de percorrerem outros estados brasileiros e até mesmo alguns países como Grécia e Turquia.

Nesse contexto, Camargo e Cruz (2006, p. 9) afirmam que “a arte carrega o ambiente de refinamento, de cultura, aqui entendida como cabedal de conhecimentos, portanto confere ao consumidor do produto, certo ‘status quo’ que é reconhecido pela sociedade”. Por isso, muitos lugares turísticos se apropriam da imagem de produtos, como as obras de arte, e,

⁶⁸ Entrevista concedida por P. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (54 min.).

⁶⁹ Esculturas de Jorge Brito em exposição na Uerj. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/educacao/esculturas-de-jorge-brito-em-exposicao-na-uerj/> Acesso em: 22 mai. 2023.

automaticamente, de seus autores. Isto é, estar num ambiente de arte é agregar poder ao consumidor.

Salienta-se que é inquestionável a importância do Sr Jorge Brito para a cultura local, no entanto sua origem indígena não é valorizada pelo turismo na região. Dentro desse contexto, percebeu-se que não há símbolos da cultura dos Puris, indicado em placas, bustos, nomes de escolas ou ruas, que demonstrem a presença desse povo originário da Mantiqueira.

Convém ainda mencionar, um episódio importante na região, em que ocorreu uma consulta popular para a escolha do nome de uma escola, que fica na vila de Visconde de Mauá. Estava em pauta homenagear os indígenas Puris ou um prestigiado comerciante e político da região, mas, ao final da votação, a escola recebeu o nome do popular comerciante.

Outro ponto que expressa o descaso e a tentativa de apagamento da história dos Puris está no fato dessa escola ter sido construída em cima de um sítio arqueológico do povo originário, demonstrando, mais uma vez, a dificuldade que esses remanescentes têm em garantir a memória de seus antepassados. Pachamama (2021), também ressalta que a existência de relatos e documentos que insistem em dizer que o povo Puri está extinto, reforçam a invisibilização da história dos nativos dessas terras.

Vale destacar que a localidade do Lote 10, caracterizada por uma marcante presença de descendentes desse povo, enfrenta segregação de alguns residentes da vila de Visconde de Mauá. Segundo informações de uma entrevistada indígena, em sua época escolar, “os alunos descendentes dos Puri sentiam-se discriminados” (informação verbal)⁷⁰. Ainda de acordo com a mesma, normalmente, quando se abordavam temas referentes aos povos indígenas, esses espaços reproduziam a figura do indígena romântico, com a presença de adereços, para justificar a sua identidade. Em consonância com essa declaração, Pachamama (2021) explica que, por conta dos processos de violência simbólica e preconceito, muitas famílias evitam falar sobre a sua ancestralidade.

Essa constatação de se negar a cultura indígena é compartilhada por outra entrevistada, também Puri. Ela relata a falta de identificação que alguns descendentes têm de suas origens, pois têm vergonha ou medo de se declararem indígenas, mas depois de algumas conversas, a mesma explica que eles acabam relatando as histórias de seus ancestrais.

Atrelado a isso, um outro aspecto que chama a atenção é o fato de existir um espaço denominado “Aldeia dos Imigrantes”⁷¹, na vila de Visconde de Mauá (Figura 50). Esse nome, por si só, soa excludente, e parece fazer menção apenas aos imigrantes europeus, invisibilizando àqueles que primeiro habitaram a região, os Puris. Ressalta-se que esse espaço se caracteriza nas redes sociais como um shopping a céu aberto, reunindo lojas de artesanato, chocolates, cafés e roupas.

⁷⁰ Entrevista concedida por E. P. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (35 min.).

⁷¹ A ideia de criar um espaço com o nome de “Aldeia dos Imigrantes” não é fato específico da região de Visconde de Mauá, pois em Nova Petrópolis (Rio Grande do Sul) também existe o Parque Aldeia dos Imigrantes. Esses espaços foram criados com o objetivo de valorizar a tradição dos imigrantes europeus e atrair visitantes.



Figura 50 – Entrada do espaço Aldeia dos Imigrantes
Fonte: a autora, julho de 2022, vila de Visconde de Mauá.

Ademais, nesse ambiente funcionam dois espaços culturais: o Centro Cultural Visconde de Mauá (CCVM) e a editora Pachamama, que é a primeira formada por uma mulher indígena no Brasil. Esse último, inaugurado na Aldeia dos Imigrantes em 2021, representa um local de resistência com livros, artesanatos e acessórios que contam a história dos povos originários da região. Diante de tamanha representatividade, na sequência, foi apresentada a Editora Pachamama, um ambiente que, apesar de grande importância, não faz parte do circuito turístico “Caminho das Artes”, da região de Visconde de Mauá.

3.2.3.3 Editora Pachamama

A Editora Pachamama, fundada em 2015, é protagonizada por mulheres indígenas e alinhada ao ideário de democratização da leitura e da escrita. As obras abordam temas relacionados às culturas dos povos originários, registrando os conhecimentos e as histórias, em livros bilíngues. A editora também abarca outras publicações que apresentam singularidades com a defesa da diversidade e dos direitos humanos (PACHAMAMA, 2021) (Figura 51).



Figura 51 – Editora Pachamama, vila de Visconde de Mauá
Fonte: autora, janeiro de 2023.

Os primeiros livros, criados e publicados pela editora, estavam relacionados ao projeto “Heranças Indígena, Memória Afetiva e História”. Conforme Pachamama (2021, p. 32-33), os livros são espaços de memória, afeto e movimento.

A publicação de livros para as crianças originárias, que contemplem suas realidades, idiomas, e cultura, é um dos pontos cruciais da editora, que objetiva considerar crianças originárias (e não indígenas) sobre a história dos Povos Originários, assim como oportunizar a publicação de autores originários. [...] Em tempos em que os territórios indígenas estão muito mais ameaçados, a palavra é uma forte aliada de nossas lutas.

É necessário frisar que, desde a chegada dos colonizadores, o território e a cultura dos povos indígenas têm sido violados no Brasil. Nessa perspectiva, o projeto, empenhado pela editora, mostra-se como uma maneira de afirmação e reconhecimento das suas ancestralidades. Destaca-se que os incentivos conquistados pela editora levaram a publicação de outras obras e o seu compartilhamento por diversas aldeias no Brasil.

Em 2017, fomos contemplados com o projeto literário ‘Mulheres Indígenas em Contexto Urbano’ – aprovado pela Lei de Incentivo SEC-RJ – Mitã Yakã Pyguá (2017), que resultou na publicação do Livro ‘Guerreiras’ e do livro infanto-juvenil plurilíngue ‘Taynôh’ (Guarani, Xavante, Português e Espanhol), distribuídos em várias aldeias como: do povo Guarani, em Brakuí, Pirajuí, Arapongas, Tekora Ara Hovey; do povo Xavante, em Barra do Garça (GO); do povo Karib, AM; dos Guajajara, MA; dos Bakairi, MT; dos Krahô, TO; Puri, MG, dentre outras além de territórios indígenas e não indígenas (PACHAMAMA, 2021, p. 33).

Durante muito tempo, a cultura e vivências dos povos indígenas foram escritas por homens brancos, letrados e fora do contexto desses povos ancestrais, levando a um movimento que ocupou um pretenso lugar na literatura indígena, com poesias e ficções que buscavam revelar, ao Brasil, um personagem presente no interior do país, representado pela figura indígena idealizada através de traços caricatos. Esse período, conhecido como indianista, é

anterior à movimentação política e de produção literária alcançadas nas décadas de 1970 e 80, quando teve início um processo de conscientização política, de organização social e luta para a garantia dos direitos dos povos originários. Entretanto, esses estereótipos e preconceitos ainda são propagados (CARVALHO; SANTOS, 2023). Posto isso, entende-se por literatura indígena:

textos escritos, ilustrados e idealizados pelos próprios indígenas, de dentro de suas vivências, sejam elas nos espaços rurais ou urbanos, e sejam individualmente ou de autoria coletiva, em sua maioria estimulados e iniciados como forma de registro das histórias orais dos avós, avôs, anciões e conhecedores da história local onde vivem os autores dessa literatura (JEKUPÉ, 2009; GRAÚNA, 2013; MUNDURUKU, 2021 *apud* CARVALHO; SANTOS, 2023, p. 6).

A promulgação da lei nº 11.645 de 2008, que regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena nas escolas, foi um estímulo à escrita indígena (CARVALHO; SANTOS, 2023). No entanto, como lembra Pachamama (2021, p. 34), essa lei ainda não é cumprida da melhor forma. Desse modo, a editora, a partir do programa “Culturas Indígenas, Identidades, Histórias e a lei 11.645/2008”, consegue uma “série de desdobramentos para a divulgação e valorização das culturas dos Povos Originários, como intervenções, projetos em escolas e espaços públicos, bibliotecas, assentamentos, museus, dentre outros”.

É importante ressaltar também que a editora desenvolve um significativo projeto, chamado “Boacé Uchô”, que busca resgatar a história do povo Puri, através das oralidades de anciões e anciãs de Minas Gerais. Em entrevista com a responsável da editora, essa argumentou que é fundamental deixar registradas essas histórias como reparação histórica e reconhecimento social, pois existem interesses em apagar a cultura Puri na região.

Segundo a entrevistada, o resgate histórico Puri também poderia acontecer nas Festividades do Pinhão, da região de Visconde de Mauá. Para ela, esses eventos deveriam afirmar a forma de produção da farinha do pinhão como herança cultural indígena, pois:

o legado do conhecimento ancestral é abandonado na região, aqui possuímos uma maneira particular na forma de produção da farinha do pinhão, sendo um legado do povo Puri. A prefeitura tinha que reconhecer isso como um Patrimônio Imaterial (informação verbal)⁷².

Pachamama (2021, p. 93) reitera que a cultura Puri, está presente em espaços e lugares de memória, como os sítios arqueológicos e a Pedra Sonora, tal qual nas ações coletivas como a produção da farinha do pinhão, dos bonecos de pano (preenchidos por paina) e os modos de cultivo da terra. “A atuação e as memórias de pessoas Puris, na Mantiqueira, reafirmam a presença do povo, a partir da história e memória de uma parcela de originários”.

Convém ainda mencionar a relevância do projeto “O Puri da Mantiqueira”, realizado em 15 unidades escolares da região, entre os anos de 2018 e 2019. Esse teve como propósito apresentar, aos alunos, o conhecimento da história, cultura e realidade do povo Puri. “Conhecendo a existência de remanescentes, nosso objetivo era encontrar pessoas para o trabalho com a oralidade e fortalecer o registro da etnia, além de alterar a visão dos moradores não indígenas, que são resistentes em aceitar a presença dos remanescentes” (PACHAMAMA, 2021, p. 101-102).

Conforme a idealizadora do projeto, esse trabalho de reparação identitária também se manifesta pela necessidade de criar uma oca na vila de Visconde Mauá, não para habitação, mas para espelhar um espaço de memória, identidade e educação ambiental, representando uma

⁷² Entrevista concedida por M. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (43 min.).

escola da floresta. De acordo com ela, a existência desse espaço de memória seria essencial porque:

as crianças, das escolas daqui, não sabem o nome de um pássaro, não sabem que a araucária é uma árvore jurássica, não sabem que nós, Puri, somos daqui, embora toda vez que visito uma escola e pergunto: ‘há algum Puri aqui?’ Tem sempre uma criança que levanta a mão e até mais de uma, mas não há um Projeto Político Pedagógico na escola, não há um projeto na Secretaria de Meio Ambiente que possa trazer essa cultura.

[...] se, aqui, for honrado o povo originário, podemos até ter um turismo mais consciente, um espaço para entender o que é a relação com a mãe terra, poder trabalhar com as escolas, então, o que a gente quer é ser ouvido (informação verbal)⁷³.

Na perspectiva da entrevistada, o interesse na construção da oca vai muito além da visão capitalista. “É importante parar de associar a gente ao capital. Claro que, uma oca aqui, vai atrair muito mais pessoas visitando a região, mas essa oca tem uma intenção da mãe terra, de preservação, de aprendizado de línguas indígenas e de reparação linguística histórica” (informação verbal)⁷⁴. Ela ainda acrescenta: “nós queremos fazer a oca, para que descendentes de Puri, como o senhor Jorge Brito tenha o espaço dele; para que a dona Iracema, que é uma curandeira, tenha o espaço de reconhecimento dela e tantos outros”.

Posto isso, constata-se a importância da criação desse espaço para dar visibilidade à causa indígena e ainda valorizar/preservar o patrimônio histórico e ambiental. Portanto, torna-se necessário que o turismo se aproprie da história do povo Puri, como patrimônio cultural, para mostrar um turismo de comprometimento, de reconhecimento da identidade e de preservação da memória local. Em suma, o processo de aceitação da etnia permite a restauração de um bem imaterial e vital para as comunidades, além da autoestima dos povos indígenas, algo que foi perdido ao longo de séculos de dominação colonial (CARVALHO; SANTOS, 2023).

3.2.3.4 Museu Espaço de Memória Bühler

O Museu Espaço de Memória Bühler, anexo ao hotel de mesmo nome, está localizado na vila de Maringá/MG. Esse possui um considerável acervo com muitas peças, fotografias e jornais que contam a história da imigração europeia na região, em especial da família Bühler (Figura 52).

⁷³ Entrevista concedida por M. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (43 min.).

⁷⁴ Entrevista concedida por M. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (43 min.).



Figura 52 – Algumas das peças e arquivos do acervo do Museu Bühler
Fonte: Acervo do museu Bühler, julho de 2022.

Segundo dados fornecidos pelo museu, Christoph e Anne Marie Bühler (Figura 53), originários de Stuttgart, na Alemanha, vieram com os seus filhos para a região de Visconde de Mauá. Eles faziam parte de um grupo de alemães que chegaram em 1913, como os Frech e os Büttner, e foram patrocinados pelo governo brasileiro. Além disso, receberam uma parcela de terra, de 13 hectares, nessa área, que era denominada, na época, como Taquaral – atual Maringá/MG.



Figura 53 – Painel relatando a história da família Bühler. Destaque para Christoph e Anne Marie Bühler, imigrantes pioneiros do núcleo colonial de Visconde de Mauá.
Fonte: Acervo do museu Bühler, julho de 2022.

Ainda sobre os registros em arquivos do museu, os imigrantes, que vieram naquele período, sofreram muito com as precárias condições do núcleo colonial, sobretudo durante a Primeira Guerra Mundial (1914-18), quando o governo restringiu auxílios até a emancipação do núcleo de Mauá, em 1916. Nessas circunstâncias adversas, a família Bühler descreve suas dificuldades.

Ficaram de 1913 a 1922 plantando para comer e fazendo telhas e tijolos para suas construções. A pequena agricultura tentada por estes colonos foi insuficiente para mantê-los. As dificuldades eram tantas que muitas vezes o pinhão – semente da araucária – era a principal alimentação da família. Para conseguirem algum dinheiro brasileiro tinham de apelar constantemente para a troca de objetos trazidos da Europa. O casal de imigrantes alemães que chegou ao Brasil para trabalhar a terra teve como principal semente a visão pioneira de tornar a casa uma hospedagem e assim abrir a região para o turismo (Acervo Museu Bühler, 2022).

Ressalta-se que essa foi uma das primeiras hospedagens da região a receber os visitantes com destino ao Pico das Agulhas Negras (Figura 54). Em seu acervo, consta um livro de registros com anotações dos primeiros turistas na região de Visconde de Mauá (Figura 55).



A



B

Figura 54 – Imagem A: moradia da família Bühler utilizada para hospedagem; imagem B: presença de turistas no Pico das Agulhas Negras.

Fonte: Acervo do museu Bühler, julho de 2022.

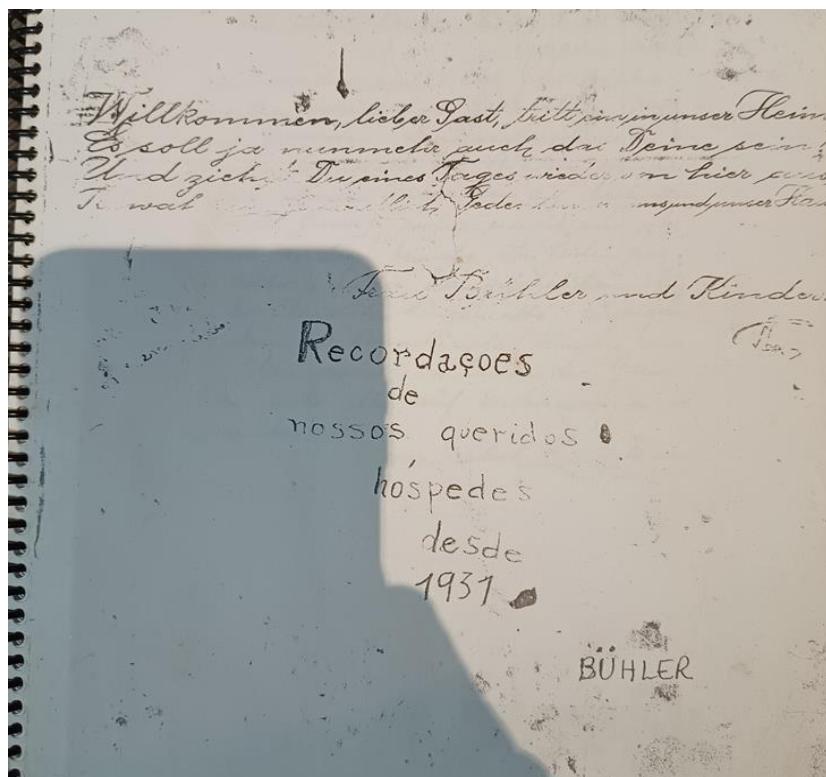


Figura 55 – Livro de registro dos primeiros visitantes à região de Visconde de Mauá. Acervo do museu Bühler, vila de Maringá/MG

Fonte: Acervo do museu Bühler, julho de 2022.

Diante desses fatos e em conformidade com Silva (2010, p. 39), destaca-se que os museus são importantes espaços, “uma vez que os mesmos atuam na construção, conservação, manutenção, divulgação e exposição de nossa diversidade cultural”. Bauer, Sohn, Oliveira (2019, p. 1) compartilham do mesmo pensamento ao afirmarem que:

os museus sempre tiveram uma estreita relação com o turismo, pois são considerados importantes atrativos culturais. Nessa conjuntura, o aprofundamento dos estudos relacionando turismo e museus tem se revelado importante para se compreender como os museus têm assumido um papel de destaque no segmento turístico.

Nessa perspectiva, museus e centros culturais buscam apresentar, aos visitantes e residentes, uma nova opção de lazer nos lugares turísticos. A arte, por apresentar caráter universal, insere nas pessoas a necessidade de autoconhecimento. Por isso, quando “relacionada com seus criadores pode auxiliar um destino turístico a sensibilizar o seu consumidor, estabelecendo uma imagem de marca forte e positiva e sobretudo com caráter internacional” (CAMARGO; CRUZ, 2006, p. 15).

Desse modo, o turismo cultural, além de ofertar espetáculos ou eventos, também se preocupa com a proteção do patrimônio, representado por museus, monumentos e locais históricos. É o que declaram Martins e Vieira (2006, p. 1): “o Turismo é uma das atividades capazes de auxiliar na obtenção de resultados relevantes no que cerne à preservação da memória e identidade ao apresentar para turistas e/ou visitantes a essência e os significados do patrimônio local”.

Sendo assim, é imprescindível a implementação de políticas público-privadas eficientes para proteger o patrimônio natural e cultural da região, mas que essas, acima de tudo, sejam ações que contemplam, principalmente, as necessidades da comunidade local, já que a vida continua nesses espaços, apesar do turismo.

4 POLÍTICAS PÚBLICO-PRIVADAS, PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO TURISMO

Neste último capítulo, analisam-se as políticas público-privadas, planejamento e organização do turismo na região de Visconde de Mauá. No primeiro momento, explicam-se as estratégias dessa atividade para a mercantilização do espaço, além do seu desenvolvimento. Na sequência, investigam-se as infraestruturas, os serviços, as relações (frágeis) de trabalho ligadas ao turismo na região e resistências.

4.1 As estratégias do turismo para a mercantilização do espaço

Durante os primeiros anos da década de 1990, com a adoção do neoliberalismo, o estado brasileiro deixou de ser interventor e passou a ser parceiro do mercado. Essa mudança teve consequências no turismo que se desenvolveu, de maneira mais intensa e estruturada na organização do território nacional, com políticas públicas voltadas à reprodução do capital (CRUZ, 2005).

De acordo com Cruz (2005), para viabilizar o turismo e tornar o espaço mais atrativo para o capital privado, o Estado passou a implementar políticas públicas que visassem estruturar o espaço. Como o deslocamento é indispensável para essa atividade, uma das medidas adotadas foi a modernização da rede de transportes em locais com forte potencial turístico. Além disso, passou a investir na melhoria dos serviços de abastecimento de água, energia elétrica, coleta e tratamento de resíduos.

A mesma autora explica que o capital é criterioso em relação à questão espacial e, ainda mais, quando voltado para o turismo, pois é o espaço o seu principal objeto de consumo. Sendo assim, o turismo seleciona partes do território e se apropria de áreas com belezas naturais e atrativos culturais para a expansão dessa atividade.

Nesse contexto, para embasar as escolhas de determinados espaços, gestores do turismo criam discursos buscando fundamentar a prática do turismo. Como dito anteriormente, Hobsbawm (1997), com a sua expressão a “invenção das tradições”, auxilia na compreensão dessa questão, ao certificar que, em vários momentos, as invenções são articuladas e planejadas, por elites da sociedade, para fundamentar a existência e a necessidade de algum comportamento. Conforme Hobsbawm (1997, p. 9):

entende-se por ‘tradição inventada’ um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

Entende-se que a criação dos discursos, apropriados por gestores responsáveis pelo turismo, é intencional e política, articula-se a seleção e/ou invenção de alguns símbolos para serem comercializados, em que a subjetividade de uma paisagem passa a ser vendida, ao visitante, através do discurso inventado sobre as imagens. Segundo Oliveira e Harb (2012), a imagem de um destino turístico possui atributos que podem ser físicos (cênicos, históricos, infraestrutura e acomodações) e/ou atrelados a serviços. Os mesmos podem ser aplicados pelos planejadores do turismo, na tentativa de influenciar a maneira como a imagem do destino é formada.

Sobre essa perspectiva, a região de Visconde de Mauá é um exemplo a ser citado. Ressalta-se que, nos últimos anos, as políticas públicas e privadas do turismo, com o objetivo de mercantilizar esse espaço geográfico, têm investido na criação de imagens. Essa região, localizada na Serra da Mantiqueira, conta com alguns atributos naturais, tais como: o clima, caracterizado por temperaturas mais brandas; a vegetação com araucárias; as serras; os vales; e as cachoeiras. Esses recursos, por si só, constituem em grande potencial para os diferentes segmentos do turismo, como: o ecoturismo, turismo de aventura e turismo gastronômico. As imagens a seguir, amplamente divulgadas por sites e revistas, demonstram tal potencial (Figura 56).



Figura 56 - Revistas expondo ilustrações que representam paisagens e experiências proporcionadas pela região
Fonte: imagem A- Revista Turistando – Visconde de Mauá e Penedo, 2 ed. Disponível em: www.revistaturistando.com. Acesso em: 15 mai. 2023. Imagem B- Revista Cidade e Cultura – Montanhas da Mantiqueira. Disponível em: https://issuu.com/projetocidadeecultura/docs/revista_de_mantiqueira_-_boneco_3?e=7291920/50314098. Acesso em: 15 mai. 2023. Imagem C – Revista Interarq Luxo – Visconde de Mauá. Disponível em: www.revistainterarq.com.br. Acesso em: 15 mai. 2023.

Relativo ao clima, esse pode atuar como recurso e atrativo turístico. As potencialidades de diferentes regiões acontecem devido aos diversos tipos de climas, sendo motivo indispensável para a distribuição temporal e espacial dos fluxos de pessoas, características essenciais para o planejamento e desenvolvimento dos destinos (MARTÍN, 2005). Sendo assim,

a região de Visconde de Mauá atrai muitos turistas em busca das menores temperaturas registradas no estado. Vale reforçar que, no portal da Secretaria de Turismo do Estado do Rio de Janeiro (SETUR), o Pico das Agulhas Negras é indicado como o local onde se encontra o ponto culminante do estado, com 2.791 metros de altitude e uma das poucas regiões do país em que existe a possibilidade de ocorrência de neve durante o inverno⁷⁵ (RIO DE JANEIRO, 2023). Cabe mencionar que, nessa estação, a região passa por geadas (Figura 57), constantemente, divulgadas pelos meios de comunicação.

Moradores da região registraram os efeitos do frio e da geada que cobriu parte de Visconde de Mauá, em Resende, ao amanhecer deste sábado. Segundo um registro não oficial feito por quem vive no local, a temperatura baixou à casa dos 2 °C positivos no início da manhã. A geada pintou de branco a paisagem de Visconde de Mauá, encobrindo desde carros à grama dos campos. Como tem se tornado tradição, moradores arriscaram até um ‘bonequinho de neve’ (Portal G1, 2021).



Figura 57 - Imagem de geada no distrito de Visconde de Mauá, Resende/RJ

Fonte: Portal G1, Sul de Minas e Costa Verde. Geada congela carro e pinta de branco paisagem em Visconde de Mauá. (2021). Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2021/07/02/geada-congela-carro-e-pinta-de-branco-paisagem-em-visconde-de-maua-veja-fotos.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Conforme a dona de uma pousada, na vila de Maringá/RJ, nesse período, “os turistas buscam ‘curtir’ uma lareira, tomar um bom vinho, comer um *fondue* e observar a serração” (informação verbal)⁷⁶. Ainda segundo a entrevistada, alguns turistas evitam a serra no verão, por receios de presenciarem fortes chuvas e correrem riscos de cabeças d’água nas cachoeiras. Além disso, existe a possibilidade de interdições nas estradas por motivos de deslizamentos de barreiras⁷⁷.

⁷⁵ Portal G1, Sul de Minas e Costa Verde. Possibilidade de neve no Pico das Agulhas Negras (2021). Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/previsao-indica-possibilidade-de-neve-no-pico-das-agulhas-negras-para-fim-de-semana-24600352.html>. Acesso em: 20 jul. 2023.

⁷⁶ Entrevista concedida por D. Z. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (21 min.).

⁷⁷ Reportagens expondo problemas de deslizamentos na RJ-163, estrada que liga a Via Dutra à região de Visconde de Mauá, provocados na região devido às fortes chuvas nos anos de 2018, 2020 e 2021: 1- Portal G1, Sul de Minas

Nesse contexto, também relacionado ao clima ameno da região, destaca-se que Visconde de Mauá é um forte destino turístico para casais em lua de mel, que acabam sendo atraídos pelas belas paisagens e gastronomia local. É importante lembrar que muitos hotéis e pousadas se apropriam desse nicho específico e agregam valor aos seus produtos, como flores, garrafas de espumante e bombons, além de oferecer roteiros especializados, pois “o público a ser atingido é exigente e espera que as expectativas sejam superadas” (EMBRATUR, 2006, p. 10).

Em conformidade com alguns funcionários de pousadas, a semana de comemoração do Dia dos Namorados movimenta a região. Nesse período, normalmente, a rede hoteleira fica com preenchimento máximo e os valores das diárias recebem acréscimos. É o que relata a proprietária de uma pousada, na vila de Maringá/RJ: “nesta semana, ficamos com todas as acomodações ocupadas, podemos até aumentar os preços das diárias, que a procura continua grande” (informação verbal)⁷⁸. O representante da Secretaria de Turismo de Itatiaia ratifica:

o que vemos muito na região de Mauá, além da parte de ecoturismo, é a presença de casais que vão passar a lua de mel, principalmente no inverno, pois é muito aconchegante. Muitas pousadas só trabalham atendendo casais e não aceitam crianças, então é muito procurado por esses tipos de turistas (informação verbal)⁷⁹.

Fiuza e Dalchiavon (2014) reiteram que, além da divulgação dessas imagens por sites e revistas, as agências de viagens, percebendo que os espaços estão cada vez mais competitivos, também têm se utilizado das redes sociais, como o Instagram, para divulgar esses destinos (Figura 58). Cabe salientar, segundo o Plano de Turismo do Estado do Rio de Janeiro (PDTUR), do ano de 2019, que as redes sociais foram classificadas como os principais meios de divulgação e promoção dessa atividade no estado⁸⁰ (RIO DE JANEIRO, 2019).

e Costa Verde. RJ-163 segue interditada em Visconde de Mauá após temporal e quedas de barreira (2018). Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/rj-163-segue-interditada-em-visconde-de-maua-apos-temporal-e-quedas-de-barreira.ghtml>. Acesso em: 1 ago. 2023. 2- Portal G1, Sul de Minas e Costa Verde. Chuva causa transtornos na região de Visconde de Mauá, em Resende (2020). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9140925/>. Acesso em: 1 ago. 2023. 3- Portal G1, Sul de Minas e Costa Verde. Estrada em Visconde de Mauá é liberada após novo deslizamento de terra (2021). Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2021/11/01/novo-deslizamento-de-terra-volta-a-interditar-a-rj-163-principal-acesso-a-visconde-de-maua.ghtml>. Acesso em: 1 ago. 2023.

⁷⁸ Entrevista concedida por D. Z. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (21 min.).

⁷⁹ Entrevista concedida por S. I. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (52 min.).

⁸⁰ Dados PDTUR 2019 sobre principais meios de divulgação e promoção do turismo no estado do Rio de Janeiro: redes sociais (27%); folheteria (16%); participação em feiras e eventos (13%); portal *on-line* (11%); vídeo promocional (9%); rádio (8%); *outdoor* (6%); televisão (5%); *busdor* (3%); e rodas de negócios (2%) (RIO DE JANEIRO, 2019).



Figura 58 - Divulgação de pacotes de viagens para a região de Visconde de Mauá por meio de redes sociais
Fonte: Bier Tur Turismo. Instagram: bier.tur. Disponível em: <https://www.instagram.com/bier.tour/>. Acesso em: 14 mai. 2023.

Por influência dessa rede, muitas imagens instagramáveis⁸¹ estão sendo usadas como estratégias de comercialização de destinos turísticos, atingindo, dessa maneira, o maior público possível. É importante frisar que, a utilização dessas imagens nas redes, buscam mostrar o que foi vivido durante as viagens, despertando, nas outras pessoas, o desejo também por conhecer tais destinos (Figura 59).



Figura 59 - Imagem tirada do instagram oficial da região de Visconde de Mauá- “amoviscondedemaua” chama a atenção dos usuários para as belezas instagramáveis desse destino turístico
Fonte: vila de Maringá [Itatiaia], jan. 2023. Instagram: amoviscondedemaua. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cm7qBSyuZE/?hl=gu>. Acesso em: 13 jun. 2023.

⁸¹ Que se pode instagmar ou publicar na rede social Instagram. Que tem características próprias ou ideais para publicação na rede social Instagram. Disponível em: dicionario.priberam.org/instagramavel. Acesso em: 27 jul. 2023.

Urry (2011) explica que a mídia exerce forte influência sobre o olhar do turista no que diz respeito à escolha do destino turístico. Logo, por meio da propaganda, através de redes sociais e outros meios de comunicação, os turistas já formam as suas imagens e chegam no lugar já bem-informados do que os esperam, sendo a fotografia o resultado final dessa realização. Segundo esse autor, a sociedade de consumo é uma tendência pós-modernista que tem como característica os valores como a diversão, o prazer e a imitação.

Os efeitos da Internet em geral e dos sites de rede social em particular, especialmente quando as pessoas criam narrativas de seus movimentos, que são postadas, e outras pessoas respondem a elas. De certa forma, viajar é, provavelmente, um dos elementos mais significativos das redes sociais. [...] Por enquanto, há indícios de que a proliferação de imagens produz e acompanha o desejo de ver com os próprios olhos (URRY, 2011, p. 206).

Dessa forma, entende-se que a imagem do destino também é uma ferramenta que pode ser utilizada nas políticas de promoção do turismo no lugar. Nesse contexto, como dito anteriormente, o clima, as belezas naturais e a gastronomia representam significativas imagens da região de Visconde de Mauá, atraindo muitos turistas.

Ressalta-se que, essas imagens simbolizam, principalmente, a alta temporada nesse destino turístico. Por isso, muitos gestores vêm buscando compensar os períodos de baixa temporada, ampliando as opções atrativas. De acordo com alguns entrevistados, um dos principais desafios desse lugar turístico é manter o equilíbrio pela demanda turística e, para que essas metas sejam alcançadas, é preciso “inventar” festividades ao longo de todo o ano, como já vem acontecendo em Visconde de Mauá (Quadro X).

Quadro 1 - Calendário de eventos anuais na região de Visconde de Mauá

Calendário de Eventos	
Evento	Período
Canoagem	Verão
Festas Juninas	Junho e julho
Temporada da Truta	Final de setembro e meados de outubro
Festival da Cachaça	Início do segundo semestre
Queijo e Vinhos	Segundo semestre
Concurso gastronômico	Antecede a Festa do Pinhão
Festa do Pinhão	Outono
Folia de Reis	Início de janeiro

Fonte: Visite Mauá - calendário de eventos. Disponível em: <http://www.visitmaua.com/maua07.htm>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Contudo, Oliveira (2007) alerta que as festas, voltadas para o turismo, acabam se tornando grandes eventos por necessitarem de requisitos técnicos e administrativos, muitas vezes, visto como estranhos ou artificiais pela comunidade local. Segundo entrevistas, a festa que mais atrai turistas para a região de Visconde de Mauá, é a Festa do Pinhão, realizada no mês de maio, pela prefeitura de Resende. Conforme a proprietária de um estabelecimento, na vila de Maromba, essa festa perdeu um pouco o seu sentido:

sabe aqueles rodeios de São Paulo? Então, virou isso. Fica lotado, vem gente até de Barra Mansa. As pessoas ‘enchem a cara’ e, no dia seguinte, está cheio de latas de

bebidas, no chão. Aqui, não pode comportar isso, é uma festa, tem que ter controle de entrada. Se bobear, tinha que ter um ticket, por exemplo: vão entrar 300 carros, quem quisesse ir, teria que comprar o ticket antes para passar no portal. Belize é assim, é o paraíso dos americanos na América Central e você paga para entrar na região, tipo Fernando de Noronha também. Não estou inventando a roda, estou simplesmente copiando exemplos (informação verbal)⁸².

Essa fala revelou um conflito existente entre os antigos moradores e os turistas, ou seja, entre os “de dentro” e os “de fora” ou entre os “estabelecidos⁸³” e os “outsiders⁸⁴” (ELIAS; SCOTSON, 2000). Para alguns moradores, os outsiders não compartilham dos valores e do modo de vida existentes na localidade. Portanto, a comunidade local, na condição de “estabelecida”, manifesta o seu poder a partir do princípio de antiguidade que tem no lugar, como fator que a diferencia em relação aos que vêm de outros lugares. A atendente de um comércio, na vila de Visconde de Mauá, acrescenta que:

essa festa é realmente para o povo da terra, mas vem perdendo as características porque chega aquele ‘monte de trailer’ descaracterizando-a e como é uma festa política, não podemos fazer muita coisa. Uma das reivindicações que a gente conseguiu, das últimas vezes, é que o prefeito não fizesse essa divulgação, em aberto, porque quando ele faz dessa maneira, aqui fica impossível até de transitar, resumindo, só vem ‘gente de fora’ para beber e não fica aqui na região. Afinal, político faz festa para ele mesmo, né, ele quer voto. Aí, fica uma confusão e o povo, daqui mesmo, acaba não indo à festa. O povo vai na festa, quase sempre, no domingo, porque não vem ‘gente de fora’ (informação verbal)⁸⁵.

Desse modo, Lima (2011) explica que, a questão da identidade e de pertencimento ao lugar, dissolvem-se no consumo da cultura e no valor da estética mercantilizada, onde se valorizam apenas as imagens, os símbolos, os signos e os discursos como estratégias para venda turística dos lugares. De acordo com a autora, a acumulação do capital tem sido proporcionada pelo desenvolvimento do turismo com propagandas de imagens, muitas delas, criadas ou inventadas pela cultura espetacularizada.

Em locais com grande potencial paisagístico e sociocultural, como é o caso da região de Visconde de Mauá, o turismo é, frequentemente, visto como um meio de impulsionar o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental, tanto pelo poder público quanto pela iniciativa privada (ANDRADE, 2013).

Matias, Carvalho e Fachini (2016) compartilham do mesmo pensamento ao explicarem que, no discurso desenvolvimentista, a atividade turística promove políticas públicas e é vista como uma ferramenta capaz de trazer organização econômica para as comunidades, através da comercialização de produtos e serviços (artesanatos, alimentação, hospedagem, lazer, ingressos, etc.).

⁸² Entrevista concedida por H. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (44 min.).

⁸³ Também usada na versão em inglês (establishment e established), é uma palavra “para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 7).

⁸⁴ Outsider é aquele ou aqueles indivíduos que se encontram excluídos do grupo considerado estabelecido e são reconhecidos como inferiores, além disso são tidos como não observantes das normas e regras criadas pelos estabelecidos (ELIAS; SCOTSON, 2000).

⁸⁵ Entrevista concedida por L. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (43 min.).

Entretanto, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT) (2003), para que realmente ocorra o desenvolvimento, é necessário um planejamento integrado, controlado, sustentável, participativo, dinâmico, flexível e adaptado aos lugares. Logo, em função da crescente preocupação ambiental em todo o planeta, o desenvolvimento econômico, acima de tudo, passa a ser substituído pelo conceito de sustentabilidade, que destaca a importância da conservação e proteção ambiental, bem como a valorização da qualidade de vida das gerações atuais e futuras (CRUZ, 2005).

Nesse contexto, Cruz (2005) ressalta que a sustentabilidade é um tema, cada vez mais, importante para o desenvolvimento. Busca-se um novo modo de produzir, com políticas de turismo sustentáveis distantes do desenvolvimento rápido, a qualquer preço e ambientalmente perverso. Em sua visão, a fim de que seja justo e equilibrado, é preciso políticas voltadas para a justiça social, daí surge a indagação: será o turismo uma atividade que, realmente, promova esse tipo de desenvolvimento?

Consoante, a dona de um estabelecimento e moradora da vila de Maromba, há uma preocupação para que o turismo, da região de Visconde de Mauá, atenda a esses princípios:

nós estamos brigando para conseguir transformar isso aqui, realmente num ponto de turismo voltado para a sustentabilidade. Indo daqui à Santa Clara (Bocaina de Minas/MG), você vai ver uma placa federal dizendo ‘Vale da Santa Clara, berço das águas’, ou seja, aqui, dá para ser um modelo para o Brasil inteiro, quiçá para a América, com um tipo de turismo diferenciado (informação verbal)⁸⁶.

No entanto, diante dessa fala, vale uma reflexão, pois se tratando de um local identificado como “berço das águas”, seria correto que fosse incentivado à proteção e não a exploração turística. De acordo com alguns moradores, a região, nos últimos anos, vem sofrendo com o racionamento de água em períodos de estiagem. Funcionários do PEPS acrescentam dizendo que o reservatório da vila de Visconde de Mauá já não suporta o elevado consumo em determinadas épocas do ano. “Aqui, são 400 mil litros por dia, então tem dias que faltam. No inverno, de 2022, faltou muita água” (informação verbal)⁸⁷. Uma moradora da vila complementa: “Mauá, hoje em dia, está com muito turista, muita gente. Não sou contra, mas acho que a região não tem capacidade para todo esse crescimento, não temos água e saneamento para toda essa população” (informação verbal)⁸⁸.

É preciso frisar que no Plano de Manejo do Parque Estadual da Pedra Selada se ressalta a preocupação com o aumento de visitantes na região:

o crescimento da visitação à região tem superado a capacidade de controle da atividade turística por parte das administrações locais e das unidades de conservação. Em decorrência disso, já é possível notar as consequências do turismo desordenado, pela má utilização do espaço, gerando degradação ambiental com a poluição de mananciais, o acúmulo de lixo em locais inadequados, processos erosivos por falta de manutenção das trilhas, caça e coleta criminosa de vegetação nativa, incêndios florestais, entre outros. Além disso, em regiões como Visconde de Mauá e Penedo, a visitação desordenada de turistas acaba promovendo especulação imobiliária e adensamentos populacionais em locais onde antes não havia construções (DETZEL *et al.*, 2017, p. 76).

⁸⁶ Entrevista concedida por H. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (44 min.).

⁸⁷ Entrevista concedida por R. B. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (21 min.).

⁸⁸ Entrevista concedida por L. Z. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (47 min.).

Conforme o representante da Secretaria de Turismo de Itatiaia, não há estudo de capacidade de carga na região de Visconde de Mauá e isso impede que medidas preventivas sejam tomadas pelos gestores do turismo. Portanto, promover essa atividade na região de Visconde de Mauá, com base no desenvolvimento sustentável, revela-se como um grande desafio para o poder público e a iniciativa privada.

Na sequência, abordam-se as transformações socioespaciais, advindas da atividade turística com a realização de obras de infraestruturas, oferta de serviços públicos e privados, relações de trabalho, além de movimentos de resistência nesse destino turístico.

4.2 Infraestrutura, serviços, relações (frágeis) de trabalho ligadas ao turismo e resistência

A infraestrutura pode ser entendida como a relação de atividades e estruturas físicas ou políticas da economia de um determinado local que serve de base ao desenvolvimento das demais atividades econômicas e sociais (DETZEL *et al.*, 2017). Rocha (2001) explica que, nesse contexto de produção do espaço, a grande protagonista que deu início ao desenvolvimento na região de Visconde de Mauá, foi a própria comunidade local. É preciso mencionar que, a princípio, essas pessoas não tiveram ajuda de nenhum nível governamental (municipal, estadual ou federal). O autor descreve que o trabalho começou com a abertura braçal da estrada para Resende e Rio Preto, seguindo com a construção de uma usina hidrelétrica para gerar eletricidade ao núcleo e a construção de escolas. Por conseguinte, ao longo de todo esse tempo, o Estado se dedicou somente em manter o que a comunidade local já havia feito, além de construir pontes e instalar quatro aparelhos telefônicos na região em 1958.

Ressalta-se que, devido ao histórico de abandono pelo poder público, desde o período dos núcleos de colonização europeia, ao chegarem em Visconde de Mauá, no ano de 1986, um grupo de empresários criaram à Associação Turística e Comercial de Visconde de Mauá (MAUATUR). Essa tinha como finalidade a conquista de representação junto aos órgãos municipais, estaduais e federais, sob a condição de polo turístico na manutenção do acesso rodoviário e de políticas públicas para a região (MAIA, 2014).

Em conformidade com o mesmo autor, além dessa organização na região de Visconde de Mauá, existem outras associações que foram criadas, entre os anos de 80 e 90, para representar os residentes e os comerciantes, como: a Associação Comercial da vila de Visconde de Mauá (ACVM), Associação de Moradores do Lote 10 (AMA10) e Associação de Moradores e Amigos de Visconde de Mauá (AMAMAUÁ). De maneira geral, todas têm como objetivos:

zelar, lutar e reivindicar ações e projetos que visem o bem-estar dos moradores da região. Exercem liderança em parceria com as demais associações locais, com o objetivo de reforçar as iniciativas de desenvolvimento sustentável bem como implementar o turismo responsável na Região de Visconde de Mauá (IDEIAS, 2011 *apud* MAIA, 2014, p. 42).

No entanto, para a moradora e atendente de um comércio, na vila de Visconde de Mauá, essas associações já não são tão ativas como antigamente. A “MAUATUR e ACVM são grupos fechados de pessoas ligadas ao comércio. Não é um grupo ruim, são bons, mas para os associados deles, ou seja, é só para quem contribui” (informação verbal)⁸⁹.

Destaca-se que além do envolvimento da comunidade e de empresários na gestão do planejamento turístico, a região de Visconde de Mauá também contou com outros atores. Na

⁸⁹ Entrevista concedida por L. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (43 min.).

esfera governamental, em 2011, foi implantado no estado o Programa Nacional de Desenvolvimento e Estruturação do Turismo (PRODETUR-RJ)⁹⁰. Tendo como referência as orientações do Programa Nacional de Regionalização do Turismo⁹¹ e o recorte das regiões turísticas estratégicas, esse programa tinha como objetivo central contribuir para o aumento do emprego, das receitas e das divisas geradas pelo setor de turismo no Estado do Rio de Janeiro, mediante a consolidação e a diversificação de sua oferta turística (RIO DE JANEIRO, 2022). O programa selecionou seis regiões turísticas do Estado, são elas: Metropolitana, Costa verde, Serra Verde imperial, Costa do Sol, Vale do Café e Agulhas Negras, sendo que essa última, com destaque para os municípios de Itatiaia e Resende, abarca a região de Visconde de Mauá.

Maia (2014) reitera que, para atender a esse programa e fomentar o turismo na região, foram realizadas obras, como a construção da Estrada-Parque Visconde de Mauá (2011), além de trabalhos de saneamento básico como esgotamento sanitário, manejos de resíduos sólidos e de águas pluviais.

Sobre a estrada-parque, cabe salientar que consiste numa via pavimentada, com extensão de aproximadamente 30 km, que atravessa os municípios de Resende e Itatiaia. Previsto pelo PRODETUR-RJ, o projeto teve como empreendedor o Departamento de Estradas e Rodagens do Estado do Rio de Janeiro (DER-RJ). De acordo com o Plano Básico Ambiental (PBA), elaborado no Estudo de Impacto Ambiental (EIA) do projeto, os objetivos para construção desse empreendimento foram:

- i - Melhorar o acesso às localidades de Visconde Mauá e Maringá, incentivando o movimento turístico de toda Região, qualificando a intervenção de modo a promover um menor impacto e estabelecer mitigações vinculadas a implantação da Estrada Parque;
- ii - Promover a segurança do ambiente e dos usuários das estradas, com implantação de obras de contenção e drenagem;
- iii - Reafirmar o caráter turístico da Região, com a qualificação e adequação de diversos pontos de interesse turístico ao longo das estradas como pórtico, mirantes, pontos de paradas e atravessamentos seguros para fauna (DER-RJ, 2009).

Vale mencionar que, em junho de 2009, após o estudo de Impacto Ambiental e o Relatório de Impacto ao Meio Ambiente (EIA/RIMA), os resultados foram apresentados em Audiência Pública à comunidade e aos setores das áreas de influência da rodovia. Em novembro de 2009, após cumprimento de exigências legais, o INEA emitiu a licença para construção. Tal projeto foi motivado por reivindicações da população em relação aos acessos da região,

⁹⁰ O PRODETUR - RJ foi lançado oficialmente em 2011, com previsão de implantação para o período de agosto de 2011 a agosto de 2015 e orçamento inicial previsto de US\$ 187 milhões, divididos entre recursos do BID (60%) e do Governo do Estado do Rio de Janeiro (40%). Partindo do pressuposto da cidade do Rio de Janeiro como principal centro receptor e emissor do estado, o programa selecionou alguns polos turísticos considerados prioritários. Para tanto, definiu como parâmetro um território do estado inserido num raio de 250 km ou 3 horas a partir da cidade do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2022).

⁹¹ A Política Nacional de Turismo, estabelecida pela lei 11.771/2008, tem dentre os seus princípios a regionalização do turismo. Esta trabalha sob a perspectiva de que mesmo um município que não possui uma clara vocação para o turismo - ou seja, que não recebe o turista em seu território - pode dele se beneficiar, se esse município desempenhar um papel de provedor ou fornecedor de mão-de-obra ou de produtos destinados a atender o turista. O trabalho regionalizado permite, assim, ganhos não só para o município que recebe o visitante, mas para toda a região. Embasando-se em recomendações da Organização Mundial de Turismo, o Ministério do Turismo adotou em 2004 essa política focada no desenvolvimento regional, dando maior protagonismo às Unidades da Federação. O Programa de Regionalização do Turismo trabalha a convergência e a interação de todas as ações desempenhadas pelo MTur com estados, regiões e municípios brasileiros. Seu objetivo principal é o de apoiar a estruturação dos destinos, a gestão e a promoção do turismo no País. Esse programa de enfoque territorial foi reformulado em 2013, quando foram definidos seus oito eixos de atuação, que orientam as ações de apoio à gestão, estruturação e promoção do turismo nas regiões e municípios (BRASIL, 2023).

sobretudo ao distrito de Visconde de Mauá, que convivia com uma via não pavimentada e com elevados riscos de deslizamentos (DETZEL *et al.*, 2017).

Desse modo, foram implantados os trechos da RJ-163 (Capelinha-Mauá) e da RJ-151 (acesso Maromba-Ponte dos Cachorros), sendo essa última ainda incompleta. Além da pavimentação das estradas, o projeto de implantação previa:

criação de acostamento em trechos escolhidos e propícios; Terraplenagem; Construção de bueiros novos, bueiros destinados aos acessos secundários e construção de alas de bueiros; Adequação de bueiros; Construção de cortina atirantada na RJ-163; Criação do sistema de drenagem; Criação de barreiras de contenção de encostas; Criação de locais para a sinalização; Implantação de sistema de sinalização e redução de velocidade (DETZEL *et al.*, 2017, p. 360).

Consoante a atendente de um comércio, na vila de Visconde de Mauá, o projeto da estrada-parque não foi realizado totalmente como previsto:

faltaram mirantes, bancos, sacadas, ou seja, várias características que lembravam um parque. Quanto ao asfalto, é um comum que colocaram, é um pouco melhorado, mas não é o que prometeram. Também fizeram umas estruturas de ferro para os animais passarem, mas elas ficam longe das encostas e dificultam os animais de atravessarem. Na verdade, mostraram um projeto e foi feito outro (informação verbal)⁹².

Um representante da Secretaria de Turismo de Resende complementa:

quando mostraram o projeto, ele era muito interessante, então as pessoas se animaram. Fomos às obras e vimos a construção das passagens subterrâneas, vimos a construção das calhas para ajudar no escoamento das águas, mas nos questionamos sobre a manutenção/limpeza dessas também. Hoje, nessas calhas caem terras e folhas, não fazem a devida manutenção e vivem entupindo.

A gente até conseguiu aqui na secretaria os projetos dos mirantes, que são muito bonitos. Estamos tentando recursos para implementar, pelo menos dois deles, mas é recurso federal e ainda não conseguimos (informação verbal)⁹³.

Em conformidade com o representante da Secretaria de Turismo de Itatiaia, a obra não foi finalizada e isso impede de alguns setores investirem na região, pois:

a estrada-parque corta os dois municípios e hoje ela não vem ajudando muito a fomentar o turismo, pois as obras não terminaram e não temos expectativa de quando isso ocorrerá. Aí, as pessoas ficam na dúvida se realmente podem investir mais na região por conta dessa infraestrutura, porque em muitos momentos, a estrada fica bloqueada por conta de chuvas. Eles fizeram o asfalto, melhorou um pouco, mas não fizeram convênios com os municípios para uma manutenção (informação verbal)⁹⁴.

Fora os problemas estruturais, destacados na estrada, uma moradora da vila de Maromba, atuante em movimentos ecologistas, ressalta que a construção da estrada intensificou a chegada de visitantes, dentre eles, alguns sem comprometimentos com as questões ambientais.

⁹² Entrevista concedida por L. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (43 min.).

⁹³ Entrevista concedida por T. R. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (59 min.).

⁹⁴ Entrevista concedida por S. I. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (52 min.).

Para essa moradora, as dificuldades e o tempo gasto na subida da serra, antigamente, limitavam-se a um público que tinha identificação com o espaço.

Acho que a estrada acabou trazendo algumas pessoas sem a sensibilidade do lugar e acredito que, hoje, temos um turismo de consumo de montanha. As pessoas querem tirar fotos, muito mais do que se integrar ao lugar, até existem alguns, mas não são muitos e sinto falta de pessoas que tenham respeito pelo lugar. A gente começa a perceber mais lixo e uma falta de suporte para o número excessivo de veículos, fora que possuirmos estradas pequenas. Existem períodos em que as pessoas não conseguem chegar às cachoeiras, por causa do excessivo número de carros, sem contar os caminhões de carga que trazem materiais de construção. Também estamos percebendo muitas obras novas, várias pessoas construindo, então o peso dos caminhões nas estradas também é um problema aqui. Acho que esse crescimento deveria estar acontecendo com um maior controle, estamos em uma APA cheia de nascentes de água pura (informação verbal)⁹⁵.

Diante desses fatos, percebe-se que existe uma preocupação, de alguns moradores, com as possíveis consequências no aumento do fluxo turístico na região. Nesse contexto, é fundamental que as autoridades competentes, tanto públicas, quanto privadas, desenvolvam estudos adequados da capacidade de carga da mesma, já que ela também fica entre três Unidades de Conservação.

Nesse contexto, é necessário dizer que, apesar de não ter sido entregue conforme o prometido, a nova estrada saiu do papel e isso refletiu, realmente, no aumento do fluxo de turistas, revelando a necessidade de implantação de mais equipamentos, como: hotéis, lojas, pousadas e restaurantes. Seguindo as informações das Secretarias de Turismo, no que diz respeito às pousadas e hotéis, é relevante indicar que, a maioria deles, pertencem a antigos moradores. Já os maiores e mais luxuosos são de proprietários que não moram no lugar, mas que investiram no local por confiarem em suas potencialidades turísticas. Cabe apontar que a região não possui grande rede de meios de hospedagem.

Ressalta-se que na vila de Maromba, ao entrevistar dois turistas, eles disseram que são antigos frequentadores do lugar e preferem se hospedar em pousadas mais simples e de antigos proprietários da vila. Para os entrevistados, essa decisão se justifica pela amizade já estabelecida com o tempo e na preocupação em ajudar economicamente esses trabalhadores.

Essas pousadas que são mais caras, os donos não são do lugar. Logo, optamos sempre por ficarmos aqui (referindo-se à pousada de um antigo morador), pelo camarada ser bacana, tratar bem a gente, ou seja, ter uma história com a vila. E se fosse em outra pousada, esse dinheiro não ficaria na localidade, iria para o Rio de Janeiro ou São Paulo (informação verbal)⁹⁶.

Sobre os restaurantes, constata-se em entrevistas que, em sua maioria, também são de antigos moradores da região. Vale frisar que, alguns desses estabelecimentos, possuem hortas orgânicas e produção própria de doces caseiros, queijos, geleias, pastas, pimentas, etc. demonstrando que algumas práticas agrícolas ainda permanecem na região (Figura 60).

⁹⁵ Entrevista concedida por N. G. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (47 min.).

⁹⁶ Entrevista concedida por T. G. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (26 min.).



Figura 60 - Estabelecimento gastronômico com horta orgânica ao fundo, na vila de Visconde de Mauá
Fonte: a autora, agosto de 2023.

Enfatiza-se que, uma parcela dos produtores locais, gostaria de associar seus cultivos aos estabelecimentos turísticos, no entanto, nem todos conseguem. É o que descreve uma produtora de orgânicos:

hoje em dia, eu só tenho quatro entregas fixas. Em determinada época, a associação de produtores com o SEBRAE conseguiu a certificação da nossa produção como orgânica. Aí, tentamos vender para hotéis, pousadas e restaurantes, mas não tivemos sucesso. Tentamos fazer almoços para divulgar os produtos, mas os empresários preferem ir comprar em Resende onde possuem mais variedades. Não entendem que no orgânico não vai ter todos os produtos sempre. Então, percebemos que não existe uma sensibilidade da maior parte dos empresários e do público que visita a região com relação aos alimentos de base ecológica. Assim, muitos produtores acabam desistindo de seguir nesse modelo de cultivo e resolvem ir trabalhar com serviços mais específicos do turismo (informação verbal)⁹⁷.

Diante dessa conjuntura, observa-se que as atividades não-agrícolas, principalmente relacionadas ao setor turístico, acabam sendo as opções para esses produtores que não conseguem se manter só com a produção agrícola. Nesse cenário, as relações de trabalho se estabelecem, muitas vezes, desfavoráveis ao trabalhador. Segundo uma atendente de um restaurante, na vila de Maringá/RJ, ela e os demais funcionários trabalham de quinta à domingo, durante as férias escolares, e, fora desse período, de sexta à domingo. Também relatou que, a maior parte dos empregados, ganha um pouco mais que um salário. Em baixa temporada, as remunerações giram em torno de R\$ 1.500,00, enquanto em alta temporada, ficam por volta de R\$ 1.800,00. Ademais, afirmou que a maioria dos estabelecimentos paga diária, com exceção das cozinheiras, que têm carteira assinada. Para ela, apesar do salário não ser alto, não falta emprego:

⁹⁷ Entrevista concedida por F. T. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (38 min.).

nós sempre falamos que, só fica sem trabalho quem quer, porque emprego não falta. Portanto, sabemos que todo o final de semana temos o compromisso de estar aqui, dando movimento ou não. Sábado, no ônibus de manhã, vem bastante gente do baixo Resende para trabalhar aqui também (informação verbal)⁹⁸.

Percebe-se que, por mais que as pessoas tenham trabalho, na região, essas profissões exigem reduzida qualificação profissional, desencadeando em remunerações baixas. Além disso, muitos profissionais não possuem carteira assinada, o que resulta na privação dos direitos trabalhistas, refletindo na qualidade de vida da população. Cabe dizer que, de acordo com informações do censo demográfico de 2010, referente ao distrito de Pedra Selada⁹⁹, no município de Resende, os dados já indicavam uma faixa predominante de rendimentos mensais entre um e dois salários-mínimos (Tabela 4).

Tabela 4 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por classes de rendimento nominal mensal
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por classes de rendimento nominal mensal - Universo

Distrito	Variável - Pessoas de 10 anos ou mais de idade (Pessoas)							
	Ano x Classes de rendimento nominal mensal							
	2010							
	Total	Até 1/2 salário mínimo	Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	Mais de 1 a 2 salários mínimos	Mais de 2 a 5 salários mínimos	Mais de 5 a 10 salários mínimos	Mais de 10 a 20 salários mínimos	Mais de 20 salários mínimos
Pedra Selada - Resende (RJ)	2027	80	543	479	146	39	12	6
								-

Fonte: SIDRA-IBGE – Censo Demográfico, 2010.

Dessa maneira, fica evidente a flexibilização das relações de trabalho, relacionada à empregos temporários, por consequência da sazonalidade turística. Fora isso, a entrada de mão-de-obra desqualificada, oriunda de outros segmentos das economias locais e regionais, como a agropecuária, junto à falta de planejamento da atividade (formação), revelam a precariedade do trabalho na região de Visconde de Mauá.

Consoante um proprietário de um estabelecimento e morador da vila de Maromba, a maioria desses trabalhadores vêm das localidades do Lote 10, Mirantão e outras mais afastadas.

⁹⁸ Entrevista concedida por C. M. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (31 min.).

⁹⁹ Vale ressaltar que o IBGE não disponibiliza dados específicos para o distrito de Visconde de Mauá em Resende/RJ, mesmo esta área sendo um distrito do município. Sendo assim, para o trabalho foi utilizado os dados do distrito de Pedra Selada que em nosso entendimento englobaria a área de Visconde de Mauá. Já o município de Itatiaia não apresenta divisões distritais. O município de Bocaina de Minas apresenta duas divisões distritais com a vila de Maringá estando englobada no distrito de Mirantão. Além disso, até o momento de encerramento da pesquisa esses dados ainda não haviam sido atualizados para o censo de 2022.

De acordo com ele, as pessoas que não possuem um bom poder aquisitivo moram, justamente, nesses lugares e trabalham para o turismo, demonstrando a interdependência dessas para com a atividade.

Em relação aos investimentos em infraestruturas e serviços públicos, notou-se que há diferença na distribuição espacial dos mesmos. Observa-se que, na região de Visconde de Mauá, esses investimentos estão concentrados nas vilas de Mauá, Maromba e Maringá/RJ. Localidades como o Lote 10 e Rio Preto não são muito frequentadas pelos turistas, consequentemente, recebem menos recursos públicos e são mais carentes, mostrando que o Estado direciona as políticas para as áreas de seu interesse.

Desse modo, Cruz (2005) explica que, na maioria das vezes, argumenta-se que o turismo pode contribuir para diminuir as desigualdades regionais, ignorando que essa atividade não é capaz de alterar sozinha uma realidade histórica de expropriação, exclusão e seletividade espacial, muito característico do modo de produção capitalista.

Ainda sobre a valorização de determinadas áreas em detrimento de outras, é preciso mencionar que, durante o período de pandemia da Covid-19, vários veranistas optaram por tornar essas secundárias moradias em primeiras residências. Tal fato foi verificado por uma antiga moradora e proprietária de um comércio na vila de Maromba, que relatou um aumento das vendas não só em períodos de festas e fins de semana:

isso aqui, na época da pandemia, foi um ‘boom’ imobiliário, eu nunca trabalhei tanto. As pessoas fugiram para cá literalmente, ao ponto de nos permitir ter esse empreendimento que está indo muito bem com o mercado interno, coisa que, antigamente, seria impossível. Aqui, a gente ganhava nos fins de semanas, Natal, Ano Novo e outros períodos, mas no resto do ano não vendia nada. Hoje, o número de moradores fixos na região aumentou bastante (informação verbal)¹⁰⁰.

Ao corroborar com essa percepção, um entrevistado, funcionário de uma imobiliária, localizada na vila de Visconde de Mauá, constatou que, nesse período pandêmico, a procura por aluguéis de casas de veraneio e compras de imóveis para moradia principal ou segunda residência teve um grande crescimento. Em conformidade com os dados da imobiliária, a região vem passando por um período de elevação dos preços dos imóveis pela falta de disponibilidade dos mesmos vagos. Cabe salientar que as áreas mais procuradas estão localizadas nos vales das Cruzes e da Gramma, espaços considerados mais valorizados por possuírem menos habitações.

Posto isso, entende-se que, nos últimos anos, o número de pessoas aumentou na região, demandando também por crescimento de serviços e infraestrutura. Nesse sentido, em entrevistas com os diferentes atores sociais, foi ressaltado que, apesar das melhorias observadas na região, esses serviços e equipamentos ainda são insuficientes para um melhor atendimento à população, como por exemplo: saneamento básico, saúde, transporte, estradas, estacionamentos, banheiros públicos, etc.

Quanto aos aspectos relacionados ao saneamento básico, o Plano de Gestão Socioambiental para a Microrregião do Alto do Rio Preto, formalizado em 2006, já apontava para a necessidade de um adequado sistema de tratamento de esgoto. Sendo assim, para evitar que as águas do Rio Preto continuassem a receber despejos inadequados, contaminando os lençóis d’água, foi inaugurado, em março de 2011, três Estações de Tratamento de Esgoto (ETEs).

É necessário dizer que as ETEs e as redes coletoras foram financiadas pelo governo do estado do Rio de Janeiro, a partir de recursos do Fundo Estadual para Conservação Ambiental (Fecam) e do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (Fundrihi). Essas estações foram condicionantes para que o asfaltamento da Estrada-Parque Visconde de Mauá fosse feito (DETZEL *et al.*, 2017). Portanto, duas ETEs foram instaladas no município de Itatiaia, nas vilas

¹⁰⁰ Entrevista concedida por H. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (44 min.).

de Maringá e Maromba, e outra estação ficou no município de Resende, no Lote 10, atendendo também a vila de Visconde de Mauá (Figura 61).



Figura 61 - ETEs da região de Visconde de Mauá

Observação: imagem A: vila de Maromba; imagem B: Lote 10; imagem C: vila de Maringá Fonte: a autora, agosto de 2023.

Como exposto pela presidente do INEA, em reportagem ao jornal Extra de março de 2011, as redes coletoras não atingiram 100% dos domicílios. Tal fato é explicado pela distância ou porque a rede coletora passava por um local mais alto, incapacitando a ligação no momento da instalação (MOTTA, 2011). Outro aspecto importante é que, como se tratou de uma obra financiada pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, o lado do Rio Preto, pertencente ao município de Bocaina de Minas, não foi contemplado com uma ETE. Segundo informações coletadas no Plano de Manejo do PEPS, o principal meio de destino do esgoto sanitário na região são as fossas sépticas, mas também são observadas a utilização de fossas a céu aberto e despejos diretamente nos rios (DETZEL *et al.*, 2017). Logo, tais situações vêm comprometendo um controle eficiente da qualidade das águas do Rio Preto.

Ademais, em relação ao abastecimento de água na região, constata-se que a vila de Visconde de Mauá, Lote 10 e a vila de Maromba possuem fornecimento através de serviços de rede pública. Então, as águas coletadas nas nascentes dos rios são armazenadas em um reservatório, recebendo um tratamento inicial e depois são distribuídas para os domicílios. Entretanto, nas outras vilas e vales, a coleta de água é realizada diretamente de nascentes. Tal realidade, de acordo com relatos em entrevistas, gera desconfiança em relação a qualidade da água consumida na região.

Quanto ao destino dos resíduos sólidos, o município de Resende é o único que possui um Sistema de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos que passa pela coleta, transporte, tratamento e disposição final. Destaca-se que a coleta convencional é realizada por empresa terceirizada, ocorrendo acondicionamento de forma mista e encaminhado para o Centro de Tratamento do tipo CTR (Centro de Tratamento de Resíduos – aterro sanitário). Já a disposição final dos resíduos é feita em um aterro controlado, localizado no distrito de Bulhões, em Resende, que também recebe os resíduos do município de Itatiaia (MATTA, 2022).

No caso da coleta seletiva, realizada unicamente pelo município de Resende, fica sob responsabilidade da Agência de Meio Ambiente de Resende (AMAR), em parceria com a Associação de Catadores Recicla Resende (ACRR). A coleta é efetuada em quatro pontos de

entregas voluntárias no município, sendo um deles na vila de Visconde de Mauá, localizado atrás da sede do PEPS (Figura 62). O ponto de coleta funciona todos os dias e o recolhimento pela prefeitura é realizado uma vez na semana.



Figura 62 - ponto de entrega voluntária de resíduos recicláveis, na vila de Visconde de Mauá
Fonte: a autora, agosto de 2023.

Segundo uma representante da associação de catadores, os pontos de coleta não funcionam da forma mais eficiente, pois as pessoas ainda desconhecem a importância ambiental desse serviço. Em sua visão, a população precisaria de mais conhecimento sobre o processo de conversão de desperdícios em materiais ou produtos de potencial utilidade. Esse sistema de coleta, para a região de Visconde de Mauá, que possui um importante patrimônio natural, permitiria reduzir a poluição e garantir a conservação dos recursos naturais, que é o carro-chefe das atividades turísticas. Nesse contexto, entende-se que um serviço de maior esclarecimento da população e apoio de outros municípios, como Itatiaia e Bocaina de Minas, auxiliariam numa melhor eficiência desse componente essencial da gestão de resíduos.

Nesse contexto, é preciso frisar que os problemas de infraestrutura e serviços são somatizados devido à dificuldade de gestão que a região de Visconde de Mauá apresenta, uma vez que é administrada por três municípios e dois estados. No que concerne aos serviços de saúde da região, como a realização de exames e atendimento de primeiros-socorros, essa dispõe de duas unidades: uma localizada na vila de Visconde de Mauá e a outra, na vila de Maromba (Figura 63). Vale ressaltar que a vila de Maringá, em Bocaina de Minas/MG, não possui unidade de saúde, sendo necessário o deslocamento dos moradores para o centro do município ou para o bairro de Santo Antônio.



Figura 63 - Unidades de saúde da região de Visconde de Mauá.

Observação: imagem A - posto de saúde na vila de Visconde de Mauá; imagem B - posto de saúde na vila de Maromba.

Fonte: a autora, janeiro de 2023.

Sobre esse assunto, uma moradora e atendente de um restaurante na vila de Maringá/RJ explica:

tem até um posto na vila de Mauá que agora é 24h. As secretarias de saúde estavam tentando fazer um convênio entre os três municípios para ver se ajudavam no plantão. Lá, fica médico a semana toda, dia e noite, aí você tem que bater na porta para o médico fazer o paliativo e os primeiros socorros. Sendo muito grave, precisa descer para Resende, mas pelo menos eles conseguem estabilizar no percurso da serra. Só quando são casos mais complicados que tem que contar com a sorte e descer (informação verbal)¹⁰¹.

À vista disso, identifica-se que as unidades de saúde disponibilizam assistências básicas na região e, quando necessitam de atendimentos mais específicos, os pacientes são encaminhados para unidades, bem equipadas, nos municípios. Convém mencionar que as unidades de atenção básica de saúde atendem, prioritariamente, os pacientes que estão no território demarcado pela unidade. Assim, os acompanhamentos de saúde dos moradores são realizados em conformidade com o endereço das residências. Esse critério, num espaço singular como a região de Visconde de Mauá, que está entre três municípios e dois estados, gera algumas insatisfações dos moradores, como relatado por uma moradora da vila de Maromba:

minha mãe veio morar na região e preferiu ficar perto da vila de Mauá, em Jardim Iracema, por causa do sinal de televisão e internet que são melhores do que, aqui, em Maromba. No entanto, Jardim Iracema fica do outro lado do rio Preto e, do lado de lá, não é mais Resende, é Bocaina de Minas, aí dificultou tudo em relação ao atendimento no posto de saúde. Se ela precisar de um exame mais específico, terá de ir até Juiz de Fora/ Minas Gerais para realizá-lo (informação verbal)¹⁰².

Observa-se que os moradores do lado de Minas Gerais são os mais prejudicados, pois, até mesmo para uma solicitação de um Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), essa precisa vir do estado de origem. Esse fato, segundo entrevistas com alguns moradores, acarreta num maior tempo de espera, já que não existe unidade de saúde próxima.

¹⁰¹ Entrevista concedida por C. M. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (31 min.).

¹⁰² Entrevista concedida por B. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (32 min.).

Nesse cenário de dificuldades, provocadas pelas limitações geográficas entre os municípios e estados, existe outro problema, destacado pela comunidade, que é o estado de conservação da ponte de pedestres sobre o rio Preto, que liga a vila de Visconde de Mauá/RJ ao bairro Jardim Iracema, em Bocaina de Minas/MG. Essa ponte, faz a travessia entre os dois estados e é suspensa por cabos de aço e assoalho de madeira, encontrando-se em péssima condição de manutenção. Tal obstáculo é um risco aos moradores que precisam realizar a travessia¹⁰³ (Figura 64).



Figura 64 - Ponte sobre o rio Preto que faz a travessia entre a vila de Visconde de Mauá, em Resende/RJ e Jardim Iracema, em Bocaina de Minas/MG

Fonte: a autora, janeiro de 2023.

Cabe destacar que existe uma outra ponte que liga os dois estados, na qual podem passar veículos, no entanto encontra-se mais distante para alguns moradores. Segundo entrevistas coletadas com representantes do governo e a Associação de Moradores do Lote 10, a solicitação para o reparo dessa ponte é antiga, porém, até o momento, nenhum acordo foi firmado entre as partes para realizar a obra.

Com relação ao transporte público, constatou-se que poucas linhas de ônibus fazem trajetos pelas vilas, além dos horários de circulação serem muito limitados. Fora isso, o valor pago pela passagem, em pequenos deslocamentos, é o mesmo para quem sai das vilas e desce a serra sentido baixo Resende, como exemplifica uma moradora da vila de Maromba:

eu pegando um ônibus daqui (Maromba) sentido Maringá, pago o mesmo ‘valor cheio’ da passagem para quem vai descer em Resende. Essa semana mesmo, eu estava falando com o secretário de legalizarmos sistemas de transportes alternativos, como kombis e vans de moradores que queiram fazer esse trabalho (informação verbal)¹⁰⁴.

¹⁰³ Ponte em má conservação causa acidente com criança em Visconde de Mauá. [Resende], 8 nov. 2016. Blogspot: Visconde informa. Disponível em: <https://viscondeinforma.blogspot.com/2016/11/ponte-em-ma-conservacao-causa-acidente.html>. Acesso em: 10 set. 2023.

¹⁰⁴ Entrevista concedida por H. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (44 min.).

Vale ressaltar que as insatisfações, quanto ao atendimento do transporte público na região, não são recentes. O Plano Diretor do Município de Itatiaia, de 1998, já sugeria a implantação de um transporte alternativo, leve e de pequenas dimensões, ligando as duas vilas (Maringá-Maromba), em substituição aos ônibus, o que também favoreceria o fluxo de veículos na RJ-151 (ITATIAIA (RJ), 1998).

Para mais, nota-se que faltam pontos de ônibus com coberturas e, de acordo com um antigo morador da vila de Visconde de Mauá, já houve uma tentativa de construção por parte da prefeitura de Resende, porém não foi feita porque, alguns empresários e residentes, não aceitaram o modelo de projeto apresentado. Eles alegaram que:

a prefeitura ia colocar as mesmas cabines que se utilizam na cidade, com aquele modelo de vidro. Então, chegaram até retirar os pontos抗igos, mas começou um movimento questionando não ser adequado para a região de Visconde de Mauá, pois não correspondiam às características de cidade do interior, bucólica. Na época, o ponto era laranja devido às cores da prefeitura, aí não agradou a todos. Quanto ao vidro, não era conveniente até por causa dos pássaros, então poderiam colocar um painel ou uma película na parte do vidro com imagens da região, mas também não aceitaram. A questão é que, por não ter existido o diálogo, nada foi feito e hoje a população espera o ônibus debaixo de sol e chuva, ou seja, sem nenhuma proteção (informação verbal)¹⁰⁵.

Nesse sentido, entende-se que a prefeitura apresentou um projeto, mas a comunidade não aceitou. Os gestores, por sua vez, também não cederam e não buscaram dialogar com as pessoas, adaptando o projeto à realidade local. Assim, a obra não se realizou e, consequentemente, nem o residente e nem tampouco os turistas puderam usufruir dessa melhoria.

A respeito da qualidade das vias que cortam a região, observe-se que somente as principais possuem asfaltamento. Sobre a conservação das estradas pavimentadas, notou-se, nos períodos de trabalho de campo entre 2022 e 2023, que, embora com alguns trechos estivessem em mal estado de conservação, com desgastes no asfalto e sem as marcações das faixas, as estradas estavam recebendo alguns reparos pelo governo do estado do Rio de Janeiro (Figura 65). No que concerne às demais estradas, essas são, em sua maioria, vias de terra. Tal realidade, segundo alguns entrevistados, prejudica o deslocamento em dias chuvosos (Figura 66).

¹⁰⁵ Entrevista concedida por P. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (54 min.).



Figura 65 - Estrada-Parque Visconde de Mauá
Fonte: a autora, agosto de 2023.

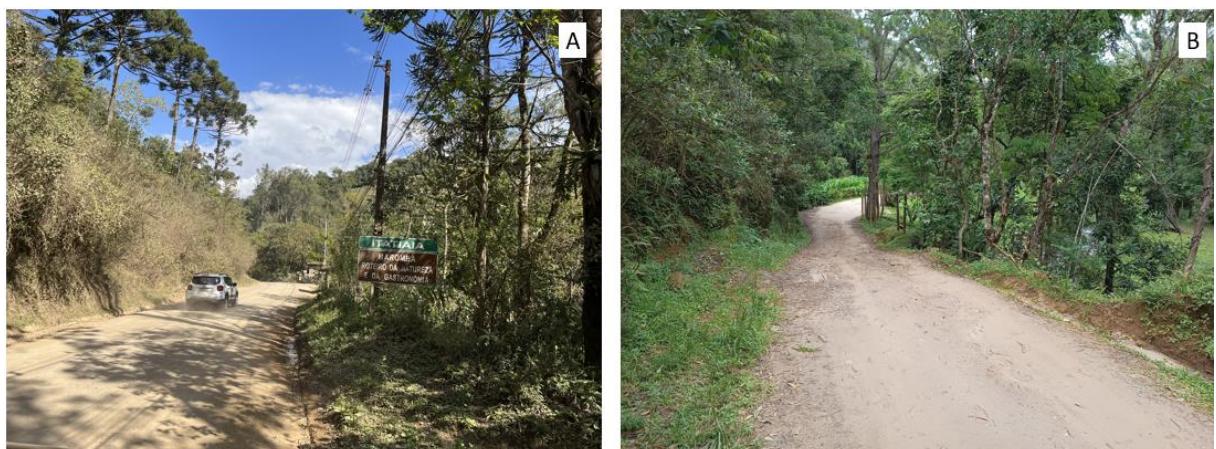


Figura 66 - Estradas sem pavimentação na região de Visconde de Mauá.
Observação: imagem A: via que liga Maringá/RJ a Maromba. Imagem B: estrada que dá acesso ao vale do Alcantilado, Bocaina de Minas/MG
Fonte: a autora, agosto de 2023.

É importante citar também que a falta de estacionamentos é um transtorno na região, principalmente na vila de Maromba. Consoante uma artesã e antiga moradora da vila, faltam postos de informações e placas avisando sobre a proibição de estacionamento de veículos. “Os turistas vão às cachoeiras e têm os seus carros multados, aí muitos não voltam justamente por terem sido penalizados sem saber”. Ela complementa:

o turismo começou em Maromba, depois foi para Maringá e posteriormente chegou em Mauá, mas hoje, essa atividade está forte na vila de Mauá, porque lá tem estacionamento gratuito. Aqui, é muito difícil para estacionar, os turistas passam de passagem mesmo, não tem como parar carro, pois os guardas ficam regulando (informação verbal)¹⁰⁶.

A falta de espaço para recepcionar os turistas com os seus automóveis fez com que a antiga praça central, no centro da vila de Maromba, famosa pelas reuniões de grupos alternativos com fogueiras e cantorias, fosse apropriada pelas pousadas, tornando-se um estacionamento de veículos.

¹⁰⁶ Entrevista concedida por B. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (32 min.).

Além desses, um outro problema e alvo de muitas reclamações pelos turistas é a pouca disponibilidade de banheiros públicos na região. Ressalta-se que só existe um na vila de Visconde de Mauá, que fica na sede do PEPS. Os demais, todos são privados.

Nesse contexto de obstáculos, verifica-se um grave entrave na região, que são as construções nas margens dos rios e cachoeiras (Figura 67). Sabe-se que, muitas delas, foram construídas há muitos anos, antes das leis ambientais serem criadas. No entanto, percebe-se também que novos empreendimentos continuam sendo construídos próximos aos leitos dos rios, mesmo a região apresentando diferentes Unidades de Conservação.



Figura 67 - Construções próximas às margens do rio Preto
Fonte: a autora, agosto de 2023.

Ademais, a legalização dos empreendimentos é uma outra dificuldade na região, pois, muitos deles, não possuem escritura. À vista disso, as prefeituras de Resende e Itatiaia vêm incentivando os registros dos imóveis nos municípios. É o que relata um representante da Secretaria de Turismo de Resende:

às vezes, tem um terreno que foi dividido pela família, aí constroem as pousadas e na hora que tenta legalizar e tirar o CNPJ não conseguem, porque não têm a documentação de escritura, então não está regularizada legalmente. Logo, a prefeitura, através de um cadastramento urbano, está fazendo uma regularização fundiária na área, na parte de Resende pegando Lote 10 e vila de Mauá, para que futuramente esses empreendimentos possam ser legalizados através de suas escrituras (informação verbal)¹⁰⁷.

Desse modo, segundo representantes das Secretarias de Turismo, revelar o número exato de empreendimentos na região é uma tarefa difícil, pois muitos imóveis não estão regularizados. Salienta-se que a falta de controle sobre o número de estabelecimentos, que realizam atividades relacionadas ao setor turístico, foi relatada igualmente, em entrevistas, pelas duas Secretarias de Turismo entrevistadas. Tal realidade impossibilita um melhor planejamento

¹⁰⁷ Entrevista concedida por T. R. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (59 min.).

do setor, por não possuírem números, mais exatos, sobre essa atividade. Além disso, a arrecadação de impostos desse setor também fica comprometida.

De acordo com dados do Cadastro de Pessoas Físicas e Jurídicas que atuam no setor de turismo (Cadastur¹⁰⁸), do ano de 2023, sobre os estabelecimentos turísticos da região de Visconde de Mauá, constata-se que referente aos meios de hospedagem, Resende possui 6, Itatiaia 47 e Bocaina de Minas 2 registros. Relativo a estabelecimentos como restaurantes, cafeteria, bar e similares, Resende possui 1, Itatiaia 23 e Bocaina de Minas 5 registros (BRASIL, 2023). É preciso frisar que os representantes das Secretarias de Turismo de Resende e Itatiaia quando perguntados sobre o total desses empreendimentos na região, responderam não possuírem esses números e que utilizam informações do Cadastur, entretanto reconhecem que a quantidade de estabelecimentos é muito maior que os dados registrados nesse portal.

Em coerência com informações de uma pesquisa, realizada no ano de 2011, pela Associação Turística e Comercial da Região de Visconde de Mauá (Mauatur), a região possuía 130 empreendimentos de hospedagem e 112 estabelecimentos incluídos na categoria de restaurantes e similares. A discrepância dos dados evidencia a necessidade de atualizações sobre a quantidade de estabelecimentos ligados ao turismo nesse destino turístico.

Outro fato preocupante que vem sendo observado na região é a privatização dos espaços públicos. Ressalta-se que várias cachoeiras, hoje, encontram-se em propriedades privadas, onde muitos donos cobram pela entrada e outros não estão dispostos a abri-las para a visitação. É o que relata um morador da vila de Visconde de Mauá: “estão comprando os terrenos nas beiras dos rios e fechando tudo. Antigamente, tínhamos acesso a todas as beiras dos rios, hoje elas estão ficando cercadas, aí tem que pedir ou pagar para entrar”.

Segundo informações das Secretarias de Turismo da região, essas cobranças ocorrem, principalmente, no lado de Minas Gerais. É o que acontece, por exemplo, em um sítio, localizado no Vale do Alcantilado, que cobra a entrada dos visitantes para terem acesso a nove cachoeiras. Destaca-se que, para atender aos turistas, os acessos a várias dessas cachoeiras têm sido equipadas com sinalizações, banheiros, corrimões e cordas que auxiliam nas visitações. Diante disso, a cobrança pelo uso dessa infraestrutura tem dividido opiniões, como relatado por um morador da vila de Maromba:

eu até vejo por um outro lado, não sou a favor, acho que a água é nossa, é de Deus, mas se a pessoa cobrar uma taxa simbólica para manter limpo, um acesso a deficiente, a idoso, um banheiro, aí é legal. Não cobrar 40, 70 ou 100 reais, porque já é extorsão, agora cobrar uns 5 reais para manter o saco de lixo, arrumar a trilha, acho até legal. Entretanto, com cobranças abusivas, eles limitam os acessos à um turismo de elite (informação verbal)¹⁰⁹.

Para outros entrevistados, essas áreas são consideradas patrimônios naturais e, por isso, não deveriam ser privatizadas, pois entendem que os equipamentos e as infraestruturas poderiam ser instalados pelas prefeituras e o acesso ser livre para todas as pessoas. Uma indígena da região, também contrária as limitações aos recursos naturais, explica que:

nós não somos donos da terra, somos pertencentes a ela. Então, o não indígena vem para botar preço na cachoeira e agora está tudo com arame farpado. Os anciãos que

¹⁰⁸ Cadastur é o sistema de cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor de turismo. O registro garante diversas vantagens e oportunidades aos seus cadastrados e é também uma importante fonte de consulta para o turista. É executado pelo Ministério do Turismo, em parceria com os órgãos oficiais de turismo, nos 26 estados e no Distrito Federal. Além disso, visa promover o ordenamento, a formalização e a legalização dos prestadores de serviços turísticos no Brasil, por meio do cadastro de empresas e profissionais do setor (BRASIL, 2023).

¹⁰⁹ Entrevista concedida por E. V. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (31 min.).

iam à cachoeira, no rio Marimbondo, já não podem atravessar e ir, porque está tudo cercado. Aí, um fazendeiro/proprietário já veio até discutir comigo, disse que está fazendo isso por outras situações, ou seja, para preservar. Não! Ele está fazendo porque ele é capitalista, porque entende que é uma propriedade, mas não é. Aí, eu ainda falei que sonho o dia em que as crianças entenderão que não é preciso pagar para poder preservar, pois é um patrimônio da humanidade, não é uma mercadoria. Grande parte das terras, daqui, não foram compradas de maneira honrada, foram apropriações (informação verbal)¹¹⁰.

Posto isso, fica evidente que, quando os lugares são mercantilizados, os espaços públicos tornam-se privatizados para a realização da atividade turística. Logo, o valor de uso passa a ser substituído pelo valor de troca (ALMEIDA, 2017).

Além desses, outro espaço, que antes era aberto e recentemente foi cercado por grades, é a calçada em frente à Igreja de São Miguel Arcanjo, que fica na vila de Maromba. Conforme descrito pelos moradores mais antigos, ali era um espaço de rodas de conversa, onde todos podiam estar a hora que quisessem, mas, hoje, os administradores da igreja resolveram impedir o livre acesso a esse espaço (Figura 68).



Figura 68 - Calçada em frente à igreja de São Miguel Arcanjo (vila de Maromba/RJ) cercada por grades
Fonte: a autora, agosto de 2023.

De acordo com uma artesã e antiga moradora na vila de Maromba:

na época, não existia essa grade e as pessoas dormiam na porta da igreja. As pessoas vinham para cá para passar a semana, vender seus artesanatos e, às vezes, ficavam ali

¹¹⁰ Entrevista concedida por Z. W. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (33 min.).

para dormir. Para mim estragou, a gente ficava ali sentado e hoje não pode mais. Além disso, tinham uns bancos e hoje também não tem mais (informação verbal)¹¹¹.

Como já citado antes, a praça em frente a essa igreja foi um importante ponto de reunião de integrantes dos movimentos alternativos que vieram para a região entre as décadas de 1970 e 80. Nas noites mais frias, acendiam uma fogueira e, aquecidos por ela, muitos se reuniam para conversar e tocar instrumentos musicais. Entretanto, atualmente, essa praça se tornou um estacionamento para veículos (Figura 69).



Figura 69 - Estacionamento de veículos onde existia uma praça na vila de Maromba
Fonte: a autora, agosto de 2023.

Um antigo morador e frequentador das reuniões, nessa praça, complementa:

atualmente, em Maromba só restou a figura do artesão, mas no passado já foi uma referência cultural ‘hippie’: tinha violão, fogueira, ali era uma praça e não um estacionamento como hoje. Começávamos na sexta, cinco horas da tarde e só ia apagar a fogueira, na segunda de manhã, isso uns 10, 15 anos atrás. Então, fizeram as pousadas, mas não tinham onde colocar os carros, aí usaram a praça para tal. Hoje, não querem ceder a praça de volta e aí acabou aquele espaço cultural (informação verbal)¹¹².

Observa-se, através de relatos de outros antigos moradores que viveram o auge do movimento alternativo “hippie”, que há uma nostalgia por um lugar que não se encontra mais. A região, que era relativamente isolada, onde muitos viviam em harmonia com a natureza e em convívios comunitários, foi apropriada por uma lógica mercantilizadora do espaço. É o que se percebe na poesia “Tributo ao último bicho grilo da montanha”, do escritor Roberto Manzolillo (Anexo).

Conforme um antigo morador da vila de Maromba/RJ, a rua era o lugar de encontros e eventos, a cultura estava por toda a parte. Mas, com o passar do tempo, até os espaços públicos, tornaram-se privatizados e “ficar em casa” passou a ter mais sentido:

as pessoas se reuniam numa praça ou num campo de futebol. Na praça da Maromba era dia e noite, mas num domingo, por exemplo, iam para Maringá, passavam o dia e

¹¹¹ Entrevista concedida por B. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (32 min.).

¹¹² Entrevista concedida por M.T. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (28 min.).

depois iam embora. Isso foi uma coisa que não mudou muito, até que depois de algum tempo, começaram a comprar os lugares: a praça passou a ser um restaurante, uma pousada e aí as pessoas ficaram mais caseiras. Antes, era só na rua que tinha diversões, mas foi ficando sem ter aqueles atrativos coletivos (informação verbal)¹¹³.

Desse modo, segundo Oliveira e Harb (2012), sem planejamento e organização, a atividade turística pode prejudicar a cultura local, alterar os ambientes naturais, incentivar a especulação imobiliária, deteriorar a imagem do lugar e gerar exclusão. Conforme a proprietária de um estabelecimento e antiga moradora da vila de Maromba, com a chegada do turismo na região, o cotidiano sofreu perturbações:

antes, na pousada de um proprietário aqui, que não é do lugar, o som ao vivo ia até às duas horas da manhã, mas hoje só vai até às dez e meia da noite, porque eu e meu esposo saímos na madrugada para pedir que eles baixassem o som, pois eu tinha que trabalhar no dia seguinte. Daí conversamos com o dono e explicamos que isso também não combina com a região (informação verbal)¹¹⁴.

Outra antiga moradora da vila de Maromba confirma:

às vezes, chegam algumas pessoas agressivas que bebem e querem colocar som alto que não tem nada a ver com o lugar, aí o morador reclama e eles querem brigar. Tem muita “gente de fora”, que acha que aqui, por ter muita arte, é tudo liberado e quer extravasar, o que acaba ‘dando ruim’ (informação verbal)¹¹⁵.

Portanto, percebe-se que o espaço turístico é um território de incessante disputa, pois ao mesmo tempo em que está sob a fiscalização das comunidades locais que o constroem, também é apropriado pelo turismo que o (re)organiza de acordo com as suas demandas (ALMEIDA, 2017). Nesse sentido, a teoria lefebvriana da produção do espaço explica que as influências do espaço concebido pelo mercado e pelo Estado são bem distintas em relação ao espaço percebido e vivido pelos sujeitos (SCHMID, 2012).

Diante desse cenário de constantes embates, recentemente, na vila de Visconde de Mauá, foi apresentado um projeto pela prefeitura de Resende, juntamente com o governo do Estado do Rio de Janeiro, visando implementar uma revitalização do espaço gramado, logo na entrada da vila. Conforme alguns residentes e empresários, no dia 30 de agosto de 2021, eles receberam a notícia sobre o projeto de instalação de uma praça com vários equipamentos na área verde, próximo à entrada da localidade, que fica em frente à Igreja centenária de São Sebastião (Figura70). O projeto incluiu a colocação de iluminação em LED, bancos, mesa, bicicletário, parque infantil com grama artificial, espaço para churrasco¹¹⁶, vestiários com banheiros especiais, além de uma academia completa, paisagismo renovado e mesa para jogos (Figura 71).

¹¹³ Entrevista concedida por M.T. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (28 min.).

¹¹⁴ Entrevista concedida por H. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (44 min.).

¹¹⁵ Entrevista concedida por B. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Itatiaia/RJ. 1 arquivo. Mp3 (32 min.).

¹¹⁶ Cabe ressaltar que o espaço para churrasqueira foi excluído do projeto pela prefeitura.



Figura 70 - Entrada da vila de Visconde de Mauá com vista do espaço livre gramado e a Igreja de São Sebastião
Fonte: a autora, agosto de 2023.



Figura 71 - Imagens do projeto da praça com os equipamentos de lazer e esporte na entrada da vila de Visconde de Mauá
Fonte: MOURA, 2021.

Frente a isso, alguns residentes e empresários do setor turístico, opuseram-se à mudança visual planejada para a área, que é considerada emblemática para a vila e região de Visconde de Mauá. Entretanto, de acordo com o Jornal Beira-Rio (2022), a prefeitura de Resende, mesmo sabendo que a maior parte da população era contra, deu início às obras.

Diante de tal impasse, alguns desses moradores e empreendedores, organizaram, por meio de redes sociais, um grande ato contra a construção da praça, no dia 15 de outubro de 2022. O cerne da discussão, iniciada com a notícia, foi a respeito da localização da intervenção urbanística e dos equipamentos de lazer e esporte, que poderiam descharacterizar o “pórtico verde” e prejudicar a imagem do lugar turístico (Figura 72).



Figura 72 - Imagens de manifestações contrárias ao projeto inicial da praça, na entrada da vila de Visconde de Mauá

Fontes: Jornal Beira-rio – “Aqui não!”: Moradores de Mauá se Manifestam contra obra e prometem ocupar praça. 2022. Disponível em: <http://jornalbeirario.com.br/portal/?p=94437>. Acesso em: 15 mai. 2023.

Além da localização e equipamentos sugeridos no projeto, dois outros pontos também foram questionados: o plano de ação já vinha sendo desenvolvido ao longo de dois anos, sem qualquer diálogo com a comunidade; e a intervenção seria próxima a uma igreja construída em 1902 e tombada pelo Patrimônio Municipal de Resende. De acordo com Moura (2021, p. 6), ações dessa magnitude e com esse impacto carecem de “parecer do Conselho local, conforme diplomas legais municipais de Resende, a saber: Lei 2326/2001 (Plano Diretor da APA Mantiqueira perímetro Resende), Decreto 236/1998 e Decreto 2707/2008, entre outros”.

Segundo enquete realizada pela Associação Comercial Visconde de Mauá (ACVM), com a participação da opinião de empresários, residentes e turistas, a instalação desse projeto de praça multiuso seria muito útil se instalada em outras áreas livres. Os entrevistados sugeriram dois locais: o primeiro fica na vila de Mauá, em frente ao Colégio Estadual Antônio Quirino, onde reúne diariamente a juventude local; ou numa área chamada de “antiga granja”, no Lote 10, que apresenta um grande espaço e se localiza a maior parte das residências dos trabalhadores da região (MOURA, 2021) (Figuras 73, 74 e 75).



Figura 73 - Espaço gramado em frente à Escola Estadual Antônio Quirino

Fonte: Moura, 2021.



Figura 74 - Área livre no Lote 10, chamada de “antiga granja”

Fonte: MOURA, 2021.



Figura 75 - Visualização das três áreas livres onde podem ser construídas a nova praça

Observação: área 1: entrada da vila de Visconde de Mauá; área 2: espaço em frente ao Colégio Estadual Antônio Quirino (entre a vila de Visconde de Mauá e o Lote 10) e a área 3: no Lote 10.

Fonte: MOURA, 2021.

Cabe mencionar que os novos investimentos, relacionados ao lazer e a cultura na região, são temas de concordância entre os entrevistados. Como é descrito por uma atendente de um comércio e moradora da vila de Visconde de Mauá:

acho que precisa ser feito sim e os ‘nativos’ querem uma área de lazer para se divertirem. No entanto, eles (os governantes) não estão preocupados com o impacto que pode causar na região, trazendo para cá uma obra que descaracteriza totalmente a vila já em sua entrada.

Não sou favorável à churrasqueira e nem ao campo, sou sim em uma praça, um coreto, colocar banquinhos, tipo interior, com um portal de informações sobre o lugar para quando o turista chegar. Agora imagina criar uma quadra com grama sintética no local, que é a entrada das vilas? Um bando de gente, com ou sem camisa, jogando futebol, fazendo churrasco com música alta.

Aqui, é o cartão postal, eles poderiam fazer em frente à escola, mas não fazem ali por causa da festa e exposição que acontecem naquele espaço. Na verdade, essa obra foi um ‘pacotão’ da prefeitura com o governo do estado. Além disso, eles (gestores) não fizeram uma consulta popular aqui e a maioria das pessoas, que votaram contra, entenderam que aquilo para nós não seria benéfico. Turisticamente falando não vai ser bom, pois as pessoas não querem ver aqui as mesmas coisas que observam na Via Dutra (informação verbal)¹¹⁷.

¹¹⁷ Entrevista concedida por L. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (43 min.).

Outro antigo morador, da vila de Visconde de Mauá, complementa dizendo:

nós percebemos a carência das pessoas, aqui, para ter uma área de lazer. O PEPS, por exemplo, fez uma academia rústica atrás da sede, num terreno onde as pessoas jogavam lixo. Daí, foram retirados todo o entulho e lixo, também compraram umas toras de eucalipto tratado, umas barras de ferro e feita uma academia rústica. E cada vez mais, no horário da tarde, as famílias estão, ali, com as crianças e os jovens fazendo algum exercício físico.

A região de Visconde de Mauá tem crescido muito sem essa visão, pois faltou, por parte da prefeitura, uma audiência pública para que fossem esclarecidas todas essas nuances do projeto junto à comunidade local. Infelizmente, esses gestores não estão sendo muito flexíveis, mas eu acredito que se houver esse diálogo entre a prefeitura e os representantes locais, e chegarem num consenso passando isso para a população, será um projeto muito viável para a região.

Uma construção a 100 metros, de um patrimônio tombado (Igreja de São Sebastião), precisaria da autorização da Secretaria de Cultura e da prefeitura de Resende, mas o governo do estado não tinha esse parecer. Desse modo, a comunidade junto aos comerciantes, conseguiram uma medida na justiça para cobrar da prefeitura e embargar o projeto (informação verbal)¹¹⁸.

Entretanto, diante do imbróglio causado pelas divergências no projeto atual, apresentado à comunidade, existe também a preocupação do período de realização da obra expirar e o projeto, que visa a construção de uma praça, acabar sendo cancelado. É o que explica o representante da Associação de Moradores do Lote 10:

com toda essa briga acabou cancelando as obras e até o momento não sabemos se esse investimento vai ser realizado, mas o certo seria usar em outra coisa. Eu acho que se não tem um acordo sobre a praça e não será mais feita, a verba deveria ser destinada para outras prioridades da região. No momento, nossa maior necessidade nem é a praça, é arrumar aquela ponte que liga a vila de Mauá ao Jardim Iracema e fazer calçadas no Lote 10. Precisamos de quebra-molas para trazer mais segurança para as pessoas que andam nas ruas, pois são muitos motoqueiros e carros andando em alta velocidade. Então, essas seriam nossas necessidades principais (informação verbal)¹¹⁹.

Assim, devido a esses impasses, a realização das atividades parou e hoje, o que permanecem no local são: uma placa do governo do estado, sinalizando a possível obra de uma praça com campo de futebol *society*, vestiários, quiosques e algumas faixas de residentes que concordaram com as intervenções propostas (Figura 76). Diante de tais disputas políticas sobre o uso do espaço, uma moradora, da vila de Visconde de Mauá, questiona: “as faixas dos que foram contra não puderam ficar no campo, mas as que foram favoráveis, puderam. Então, essas podem? Deveriam tirar também” (informação verbal)¹²⁰.

¹¹⁸ Entrevista concedida por P. J. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (54 min.).

¹¹⁹ Entrevista concedida por N. C. [ago. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (33 min.).

¹²⁰ Entrevista concedida por L. S. [jan. 2023]. Entrevistadora Raquel Barbosa da Silva. Resende/RJ. 1 arquivo. Mp3 (43 min.).



Figura 76 - Placas do governo do estado sinalizando a obra e faixas de moradores defendendo as transformações
Observação: imagem A- placa do governo estadual do Rio de Janeiro anunciando a construção da praça. Imagens B e C - faixas manifestando apoio ao projeto inicial de revitalização do espaço, na entrada da vila de Visconde de Mauá.

Fonte: a autora, janeiro de 2023.

Dessa forma, com um discurso de desenvolvimento para as regiões, muitos projetos são implementados tendo como pano de fundo o turismo. No entanto, é importante lembrar que o espaço não é um palco para a ação deliberada dos atores hegemônicos de uma economia globalizada e essa atividade é apenas um elemento da complexidade de relações que é a vida em sociedade, ou seja, “mesmo em lugares turísticos, a vida se realiza, a despeito do desenvolvimento desta atividade, para muitas pessoas” (SANTOS; ELICHER, 2013, p. 662).

Por isso, a (re)produção do espaço, seja inventando novos lugares turísticos ou introduzindo novas dinâmicas de apropriação, é possível de afetar, diretamente, às configurações espaciais. Dessa maneira, o universo do turista não pode ignorar a realidade do dia a dia da comunidade em seus espaços de produção e vivência. Yázigi (2003, p. 220 *apud* ANDRADE, 2013) complementa dizendo que “sem mentalidade planejadora voltada para o cotidiano das pessoas, o planejamento torna-se antiético, e assim não pode haver uma boa organização do espaço turístico”.

Nesse contexto, é necessário frisar que o plano é uma ação racional, dotado de ideologias que refletem o posicionamento político dos atores sociais que os produzem. Desse modo, reconhece-se que existem planejamentos autoritários, ou seja, sem consulta à comunidade local e outros participativos que dão voz aos sujeitos sociais, atuando como um mediador entre a comunidade e os gestores do turismo (CRUZ, 2005, p. 40).

O planejamento do turismo, seja ele numa escala regional ou local, não se dá sobre um espaço ‘plano’ e ‘vazio’, um receptáculo puro e simples de nossas ações. Ao contrário, este planejamento se dá sobre um espaço concreto, herdado, histórico e socialmente construído, e que, portanto, tem de ser considerado pela política pública e pelos programas e projetos que dela derivam. O desenvolvimento do turismo deve ser um projeto construído coletivamente e não uma resposta a interesses particulares, de grupos sociais específicos.

À vista disso, entende-se que a implantação de políticas de turismo, a partir de relações éticas e democráticas, é um caminho para a promoção de um ambiente que garanta justiça social, ambiental e equidade econômica na região de Visconde de Mauá. Afinal, um lugar só é bom para o turista se for bom para quem mora e trabalha nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo é uma das principais atividades socioeconômicas no mundo contemporâneo e, por gerar significativas transformações socioespaciais, entende-se que a ciência geográfica pode oferecer importantes ferramentas para a sua compreensão. Nesse contexto, a presente dissertação teve como objetivo principal discutir sobre essas transformações a partir da mercantilização do espaço turístico na região de Visconde de Mauá.

No primeiro capítulo, intitulado “O estudo do turismo a partir do conceito de espaço geográfico”, foi possível expor uma abordagem do referencial teórico, buscando realizar uma análise dessa atividade através do conceito de espaço geográfico, procurando entender o processo de produção espacial, juntamente, com os seus agentes produtores e consumidores. Conforme Cruz (2006, p. 338), existem duas características intrínsecas a esse fenômeno que o diferencia fundamentalmente de outras atividades econômicas: “uma delas é o fato de o turismo ser, antes de qualquer coisa, uma prática social. A outra é o fato de ser o espaço seu principal objeto de consumo”.

Assim, constatou-se a importância do conceito de espaço geográfico como ferramenta relevante para o estudo do fenômeno do turismo, visto que é uma prática social que consome, produz e se apropria do espaço. Segundo Coriolano (2006, p. 368), o turismo “enquanto prática social é também econômica, política, cultural e educativa, envolvendo relações sociais e de poder entre residentes e turistas, produtores e consumidores”.

Nessa conjuntura, o segundo capítulo, denominado “Contextualização e análise regional de Visconde de Mauá”, apresentou a caracterização da área de estudo pelo processo de configuração espacial. Esse capítulo também se empenhou em mostrar que, antes mesmo de se tornar um dos destinos mais procurados para o turismo do estado do Rio de Janeiro, a região de Visconde de Mauá já tinha sido palco de diversas atividades e habitada por diferentes atores sociais.

Já no capítulo terceiro, sob o título “A produção da imagem turística como fator determinante para a valorização do espaço”, buscou-se-abordar assuntos como: O patrimônio natural e o ecoturismo em Unidades de Conservação; O patrimônio cultural, as apropriações do passado histórico e as invenções das tradições; O turismo cultural e a criação de seus espaços.

Sobre o subcapítulo “O patrimônio natural e o ecoturismo em Unidades de Conservação”, ressaltou-se que o ecoturismo no mundo e no Brasil ganhou destaque a partir de movimentos ambientalistas, quando os debates sobre as necessidades de conservação do meio ambiente, por meio de técnicas sustentáveis, alcançaram a atividade turística. Desse modo, o capitalismo acabou se apropriando do conceito de patrimônio natural, pois entendeu que a associação entre o turismo e a natureza poderia gerar muitos lucros.

Nesse contexto, foram criadas várias UC's, a fim de preservar e atrair o maior número de visitantes, dentre elas, enfatizou-se o Parque Estadual da Pedra Selada, na região de Visconde de Mauá. Diante desse cenário, o ecoturismo foi inserido proporcionando várias atividades junto à natureza como trilhas, escaladas, *rafting*, *rapel*, etc.

À vista disso, pode-se dizer que a região de Visconde de Mauá, devido aos diversos elementos naturais como (clima ameno, vegetação exuberante, relevo com grandes altitudes e hidrografia com muitos rios e cachoeiras), oferece todos os requisitos para quem busca praticar o ecoturismo. Portanto, enfatizou-se que essa atividade está por toda a região, inclusive dentro do PEPS, que também procura associar os atrativos naturais aos culturais para atender a todos os visitantes.

É necessário dizer que o segmento do ecoturismo percebeu, na educação ambiental, um instrumento capaz de mudar o olhar do turista em relação à natureza. Sobre essa perspectiva, notou-se que o PEPS vem desenvolvendo diversos trabalhos, direcionados não só aos turistas,

mas a toda comunidade. Logo, esse parque é um dos exemplos de conservação da biodiversidade brasileira, contudo, ainda necessita de verbas e investimentos em infraestrutura e equipamentos que visem a divulgação e o conhecimento mais aprofundados dos patrimônios naturais que tanto servem aos estudos científicos e de conservação.

Na sequência da pesquisa, no subcapítulo “O patrimônio cultural, as apropriações do passado histórico e as invenções das tradições”, abarcaram-se os aspectos envolvendo o conceito de patrimônio cultural na região de Visconde de Mauá. Ressaltou-se que a ideia de patrimônio foi ganhando diferentes significados ao longo dos anos, abrangendo bens culturais móveis e imóveis, materiais e imateriais. Assim, os sujeitos, considerados minorias sociais, ganharam notoriedade e a cultura foi apropriada pelo turismo.

Logo, para a sociedade contemporânea, conhecer a cultura “do outro” se tornou símbolo de status econômico. Dessa forma, as práticas tradicionais ganharam destaque no mundo globalizado e os lugares turistificados receberam novas formas e funções. Portanto, o passado histórico foi resgatado e as tradições foram inventadas como “os tropeiros do parmesão” e as festividades do pinhão, na região de Visconde de Mauá.

Com relação aos tropeiros, percebeu-se que a imagem criada desses atores sociais está atrelada a ações de sujeitos que ultrapassam os limites da natureza e desafiam os perigos da serra da Mantiqueira. Além disso, a preservação dessa história se realiza pela prática da venda de produtos caseiros, como queijos, doces e geleias aos turistas e comerciantes da localidade. É importante salientar que, nessas ações cotidianas, os patrimônios são ressignificados.

Ressalta-se que, diferentemente de outros lugares do Brasil, onde os visitantes são convidados a serem “tropeiros” por um dia, a partir da vivência de suas práticas, na região de Visconde de Mauá, o turista observa a atividade e interage com o tropeiro somente na hora da compra. Em vista disso, entendeu-se que essa prática poderia ser melhor aproveitada pelo turismo, com a construção de um museu, cujo espaço contaria os seus costumes e trajetórias. Ademais, poderia inserir os tropeiros no projeto “Rotas do Paraíso”, ajudando na preservação do patrimônio cultural, bem como na geração de renda, proporcionada pelos visitantes, por meio do deslocamento, alimentação, estadia, comércio e venda de artesanatos.

Outro elemento cultural, apropriado pelo turismo na região, é o pinhão, e ganhou “autenticidade” com o discurso da tradição. Dessa maneira, ficou evidente que foram criadas festividades em torno do mesmo para agregar valor à essa semente, revelando novos usos e significados. Também se percebeu que existem disputas de interesses na realização desses eventos, transformando a cultura num espetáculo para os turistas, ao mesmo tempo que excluem desses espaços, as pessoas que estão atreladas a sua representatividade como os indígenas do povo Puri, conhecidos por criarem uma produção diferenciada da farinha do pinhão.

Já no subcapítulo “O turismo cultural e a criação de seus espaços”, constatou-se que foram produzidos, nessa região, alguns espaços com o objetivo de oferecer, aos visitantes, conhecimento e experiências através da cultura local. Destacou-se que, para distinguir os destinos turísticos um dos outros, a valorização da cultura tem sido o diferencial nas localidades, agregando, dessa maneira, valor às viagens.

Posto isso, o turismo na região de Visconde de Mauá, além de se apropriar do passado histórico e inventar tradições com o objetivo de atrair visitantes, também produziu espaços como o Centro Cultural Visconde de Mauá, o Museu Espaço de Memória Bühler e o Ateliê Jorge Brito, interligando as obras a seus autores. Nesse sentido, os gestores do turismo, com o intuito de orientar o deslocamento dos visitantes, confeccionaram um folder com mapas dos principais pontos culturais da região, incluindo esses espaços no projeto “Caminho das Artes”.

No que se refere ao Centro Cultural, vale mencionar que esse espaço busca, através de atividades culturais, exposição de artes plásticas, fotografias e concertos musicais, valorizar a cultura local fazendo uma ponte entre os visitantes e os visitados, valorizando dessa forma os saberes do lugar.

Quanto ao Ateliê Jorge Brito, esse se destaca por ser um espaço que pertence a um grande artista da região, o Sr Jorge Brito, descendente do povo Puri. Em suas obras, o artista utiliza de seus conhecimentos indígenas, recolhendo materiais, encontrados na própria natureza, para produzir esculturas que representam os animais da Mantiqueira. Contudo, apesar de representar os povos originários no contexto cultural da região, com suas histórias e saberes, o turismo não resgata o seu passado histórico, a fim de que todos conheçam a origem desses indígenas na região. Somando-se a isso, notou-se também que não há placas, bustos, nome de ruas, tampouco, encontraram-se roteiros turísticos que fizessem menção a esse povo da Mantiqueira.

Outro aspecto considerável, constatado na pesquisa foi o fato de existir, na vila de Visconde de Mauá, um espaço para visitantes com o nome de “Aldeia dos Imigrantes”. Tal fato demonstrou ser mais um exemplo de desvalorização da memória indígena em detrimento da valorização dos imigrantes europeus. Nesse cenário, verificaram-se símbolos da cultura europeia espalhados por várias partes, inclusive na arquitetura e gastronomia. Esse destino turístico também conta com um museu que guarda um acervo considerável sobre a história dos imigrantes alemães, tendo como protagonistas o casal Christoph e Anne Marie Bühler, que foram um dos pioneiros na implantação do turismo, na região de Visconde de Mauá.

No entanto, apesar de toda essa negação aos povos originários, no espaço Aldeia dos Imigrantes foi possível encontrar um lugar de resistência, representado por uma editora e loja chamada Pachamama. Esse, tem como gestora uma mulher indígena que busca, através de livros, artesanatos e acessórios, resgatar as memórias do povo Puri por meio das oralidades de anciões e anciãs da região da Mantiqueira.

Convém ainda realçar que, para a idealizadora, esse trabalho de reparação identitária também se manifesta pela necessidade de construir uma oca, não para habitação, mas para espelhar um espaço de memória, identidade e educação ambiental. Logo, o turismo poderia agregar esse espaço, valorizando a cultura ancestral da região.

Assim, reconhecer a cultura indígena é dar oportunidade para que a inclusão de outros grupos tenha visibilidade, desconstruindo a ideia de uma história oficial, onde poucos têm voz. Diante disso, percebeu-se que não há dúvidas que a região de Visconde de Mauá é um potencial para a atividade turística, porém algumas medidas precisam ser tomadas visando a criação da imagem do produto turístico a partir da produção, de novos roteiros, que incluam todos os atores sociais

Por fim, no quarto capítulo, chamado de “Políticas público-privadas, planejamento e organização do turismo”, investigou-se sobre as estratégias dessa atividade para a mercantilização do espaço. Nesse, apontou-se que, nos anos 90, o estado brasileiro se tornou parceiro do mercado, trazendo mudanças para o turismo. Com isso, essa atividade passou a organizar o território pela implementação de políticas públicas, selecionando alguns destinos turísticos, principalmente, aqueles que possuíam belezas naturais e atrativos culturais.

Nessas circunstâncias, a região de Visconde de Mauá atendeu aos requisitos do governo e passou a ser contemplada pelos investimentos, com o objetivo de atrair muitos visitantes. Desse modo, os discursos publicitários criaram imagens para divulgar o destino turístico, dentre eles, o clima ameno, as paisagens naturais, a gastronomia, as atividades de ecoturismo, as festividades em torno do pinhão e a experiência do encontro com os “tropeiros do parmesão”. Atualmente, essas imagens são amplamente divulgadas pelas redes sociais com o objetivo de influenciar na escolha desse destino pelo turista.

Outra estratégia adotada pelas políticas de promoção, na região de Visconde de Mauá, foi a criação de eventos ao longo de todo o ano, a fim de compensar os períodos de baixa temporada. Ressaltou-se que apesar de trazer dinamismo para a região, muitas dessas festas têm se tornado “estranhas” para a comunidade, como a tradicional Festa do Pinhão, que segundo os

próprios moradores, voltou-se para fins mercadológicos tornando-se espetacularizada para os turistas.

Ainda sobre essa perspectiva de desenvolvimento do turismo nesse destino turístico, na sequência do subcapítulo abordaram-se assuntos relacionados a infraestrutura, serviços, relações (frágeis) de trabalho ligados ao turismo e resistências. Dessa maneira, é preciso mencionar que, no início, a comunidade teve um papel fundamental na realização da produção do espaço. Somando-se a essas pessoas, chegaram os empresários que fundaram as associações, como a MAUATUR, organização pioneira na região com um histórico de relevantes conquistas infraestruturais.

Posteriormente, na tentativa de diversificar e consolidar essa atividade, o governo, através do PRODETUR, avançou com as políticas públicas em direção a essa região, construindo a Estrada-Parque de Visconde de Mauá, além de obras de saneamento básico.

Sobre a estrada-parque, é necessário dizer que essa era uma demanda da maior parte da população, em relação ao acesso à região, que convivia com uma via não pavimentada e com elevados riscos de deslizamentos. Dessa forma, o projeto buscou incentivar também o fluxo turístico, qualificando a intervenção de modo a viabilizar um menor impacto, promovendo a segurança ambiental e dos usuários da estrada.

No entanto, a construção dessa estrada dividiu opiniões: muitos alegaram que ela traria desenvolvimento social e econômico para a região de Visconde de Mauá, enquanto outros argumentaram que o lugar sofreria impactos negativos, proporcionados pela intensificação do turismo que poderia causar consequências socioambientais.

Mesmo diante do impasse, a obra foi feita e entregue no ano de 2011, porém não cumpriu com todos os pré-requisitos de uma estrada-parque. Há de se destacar que, com a chegada da mesma, o fluxo de turistas realmente aumentou, exigindo mais equipamentos, serviços e infraestrutura. Consequentemente, observou-se o crescimento do número de pousadas, restaurantes, lojas, além de serviços na região e constatou-se, através de entrevistas, que boa parte desses estabelecimentos empregavam trabalhadores locais, mas, uma boa parte não possuía carteira assinada e ainda recebia baixos salários, reproduzindo a desigualdade social.

Notou-se também que, os investimentos em infraestrutura e os principais serviços, estão concentrados nas vilas de Visconde de Mauá, Maromba e Maringá/RJ, enquanto nas áreas mais afastadas, não se realizam ou são executados com pouca qualidade, revelando, dessa maneira, a seletividade e a segregação socioespacial.

Ademais, o fato da região de Visconde de Mauá está dividida entre três municípios e dois estados dificulta a questão do gerenciamento de serviços e obras de infraestruturas, necessitando de articulações em diferentes escalas (federal, estadual e municipal) para maiores avanços na região. Também se identificou vários outros problemas, como a intensificação de loteamentos irregulares em áreas de preservação, a privatização de lugares previamente públicos e, consequentemente, os conflitos de interesses entre diferentes atores sociais.

Em relação a essas divergências, é importante explicar que, os antigos moradores da região de Visconde de Mauá, nos últimos anos, passaram a interagir com os novos grupos sociais com modelos de vida distintos dos seus, como os “hippies”, veranistas e turistas. Por esse motivo, conflitos se instalaram na distinção entre “os de dentro” e “os de fora” ou entre os “estabelecidos” e os “outsiders”.

Sobre tais impasses, também se notou que há conflitos envolvendo a comunidade e os gestores do turismo. Nesse ambiente, as parcerias encontram dificuldades para o desenvolvimento dessa atividade e levam a ações isoladas para aqueles que vivem no lugar.

Perante o exposto, entendeu-se que o processo de interiorização do turismo na região de Visconde de Mauá ainda precisa de um maior envolvimento entre os diferentes atores. Faz-

se necessária a criação de uma agenda conjunta de ações entre o setor público, a iniciativa privada e a comunidade local para promover o diálogo e gerir tais conflitos.

Consequentemente, compreendeu-se que o turismo proporciona não só impactos positivos, mas também negativos, alcançando até mesmo lugares e pessoas que não o praticam. É preciso salientar que, caso o destino turístico não seja acompanhado de infraestrutura, controle de carga, qualificação profissional e distribuição de renda, esse não perdurará por muito tempo, distanciando-se da ideia de sustentabilidade.

A presente dissertação, portanto, torna explícita a complexidade e importância do tema e busca instigar a investigação, mais aprofundada, do fenômeno do turismo. O estudo contribui, dessa forma, com a academia e com a sociedade, no sentido de prover resultados que colaboram para a melhoria da realidade de quem mora, trabalha e visita a região de Visconde de Mauá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAPITO, Dora Lúcia *et al.* Um contributo do marketing sensorial para o marketing da experiência turística rural. **PASOS** - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. Vo. 12, n° 3, Special Issue. P. 611-621, 2014.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. A evolução do espaço agrário fluminense. **GEOgrafia**, Ano 7, Nº 13, 2005

ALGATÃO, Filipe C. “**Os tropeiros no século XXI e o sentido contemporâneo dessa atividade:** estudos de caso em duas localidades no Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira”, 2015. 155 p. Dissertação (Mestrado), PUC-SP, São Paulo, 2015.

ALMEIDA, Fabiana B. A produção de espaços turísticos e a mercantilização dos lugares. **XII Enanpege**, Porto Alegre, out. 2017.

ALMEIDA FILHO, Paulo G. “**Aqui se faz Gostoso**”: uma etnografia do turismo em São Miguel do Gostoso/RN. 2014. Dissertação (Mestrado), UFRN, Natal, 2014.

ALVES, Vitor João R. **Patrimônio natural e turismo voluntário:** ética do cuidado na relação sociedade-natureza. 2016. 162 p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Turismo. Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

AÑAÑA, Edar da S.; ANJOS, Francisco Antônio dos; PEREIRA, Melise de L. Imagem de destinos turísticos: avaliação à luz da teoria da experiência na economia baseada em serviços. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 309–329, 2016. DOI: 10.7784/rbtur.v10i2.1093. Disponível em: <<https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1093>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

ANDRADE, Alexandre C. de. Os turistas chegaram, mas e o desenvolvimento? a relação dos moradores de Gonçalves (MG) com o crescimento do turismo no município. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, 11(1): 103-125. Jan./jun. 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/sandr/Downloads/6626-Texto%20do%20artigo-41451-1-10-20130928.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

ARAÚJO, Raniery S. G. de; GODOY, Karla E. O turismo como fenômeno sociocultural: reflexões para além da atividade econômica. **Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**, 2016. Anais... Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/472.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022.

AZEVEDO, Francisco F. de *et al.* (org.). **Turismo em foco. Belém:** NAEA/UFPA, 2013. 352 p.

BALDISSERA, Luana Maria; BAHL, Miguel. Turistas e moradores locais: Uma reflexão teórica dessa relação. **VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, Caxias do Sul, RS, 2012.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural:** as possibilidades do planejamento. Campinas: SP - Papirus, 2000.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 17^a edição. Campinas: SP - Papirus, 2008.

BAUER, Jonei E.; SOHN, Ana Paula L.; OLIVEIRA, Bruno S. Turismo cultural: um estudo sobre museus e internet. **Turismo - Visão e Ação**, vol. 21, n. 3, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/2610/261061061004/261061061004.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BEDIM, Bruno. P. Turismo, espaço e tempo social: acepções teóricas da modernidade em movimento. **Revista Geografias**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 7–22, 2008. DOI: 10.35699/2237-549X.13234. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13234>. Acesso em: 3 jun. 2023.

BELLO, Carolina M. de A. **Patrimonialização da natureza, turismo e produção do espaço regional**: uma análise do complexo de áreas protegidas do pantanal e seu entorno (Cáceres, Corumbá e Poconé). 2015. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, USP, São Paulo, 2015.

BENI, Mário Carlos. Turismo: da economia de serviços à economia da experiência. **Turismo – Visão e Ação**, vol. 6 - n. 3 - set./dez. 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/277230338_Turismo_da_economia_de_servicos_a_economia_da_experiencia>. Acesso em: 6 mar. 2023.

BERNARDES, Júlia A.; FERREIRA, Francisco P. de M. Sociedade e Natureza. In: CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. (Org.). **A questão ambiental**: Diferentes abordagens. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BIANCHIN, Aracelli; MARCELINO, Bruno César A. Cultura e mercadoria: perspectivas do turismo comunitário na América Latina. **RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade**, 3(3), 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.23899/relacult.v3i3.828>>. Acesso em: 31 jan. 2023.

BRAMBILLA, Adriana; BAPTISTA, Maria Manuel R. Teixeira; VANZELLA, Elídio. Turismo cultural: cultura, identidades na era pós-industrial. **REF – Revista Eletrônica da Faesne**. João Pessoa. Vol. 1, nº 1, agosto, 2014.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal. Art. 216. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf. Acesso em: 5 jul. 2023.

BRASIL. EMBRATUR, Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. 1994. Disponível em: <[https://C:/Users/sandr/Downloads/S8D00001.pdf](C:/Users/sandr/Downloads/S8D00001.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.795/1999, de 27 de abril de 1999**. Educação Ambiental. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm>. Acesso em: 15 abr. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.985/2000, de 18 de julho de 2000. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - SNUC. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9985.htm>. Acesso em: 14 abr. 2023.

BRASIL. Rotas turísticas estratégicas do Brasil passam por diagnóstico. 2000. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/viagens-e-turismo/2020/11/rotas-turisticas-estrategicas-do-brasil-passam-por-diagnostico>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo Cultural: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Coordenação – Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BRASIL, Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Turismo e Sustentabilidade. Brasília, 2007.

BRASIL, Decreto nº 42471 de 25 de maio de 2010. Dispõe sobre a criação do cargo de guarda-parques. Disponível em: <https://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/@inter_dibap/documents/document/zeww/mte5/~edisp/inea0119968.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BRASIL. Ministério do Turismo. Dados e Fatos: glossário do turismo. 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. Cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor de turismo (Cadastur). 2023. Disponível em: <<http://cadastur.turismo.gov.br/hotsite/#!/public/capa/entrar>>. Acesso em: 12 set. 2023.

BRUSADIN, Leandro B. A cultura e a tradição no imaginário social: ação simbólica no patrimônio e no turismo. **Revista TuryDes**, Malaga, v. 7, n. 17, p. 1-19, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/4289>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da. A construção da imagem de marca dos destinos turísticos através de seu patrimônio cultural intangível. **IV SeminTUR** – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, Universidade de Caxias do Sul, julho, 2006. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/arquivos_4_seminario/GT07-10.pdf>. Disponível em: 7 mar. 2023.

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CARLOS, Ana Fani A. Segregação socioespacial e o "Direito à Cidade". **GEOUSP Espaço e Tempo** (Online), [S. l.], v. 24, n. 3, p. 412-424, 2021. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2020.177180. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/177180>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

CARVALHO, Eliana Márcia; SANTOS, Renata. Literatura Indígena: entre memórias. **Educação em Revista**, ver 39, Belo Horizonte, 2022.

CASIMIRO FILHO, Francisco. **Contribuição do turismo a economia brasileira.** 2002. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Agricultura Luz de Queiroz, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CASTRO, Nair Aparecida. **O Lugar do Turismo na Ciência Geográfica:** contribuições teórico-metodológicas à ação educativa. 2006. 311 p. Tese (Doutorado). FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CCVM, Centro Cultural Visconde de Mauá. **Folder:** ponto de cultura-ponto de leitura. 2019.

CELESTINO, Paula. **Requalificação Urbana:** entraves e desafios no bairro Lagoa Grande na cidade de Feira de Santana – (2000-2013). 2014. 155 p. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Geociências, UFBA, Salvador, 2014.

CHARON, Joel M. **Sociologia.** São Paulo: ed. Saraiva, 2004.

CONTI, José. Ecoturismo: Paisagem e Geografia. In: RODRIGUES, A. B. (org.) **Ecoturismo no Brasil: Possibilidades e Limites.** São Paulo: Editora Contexto, 2003, p. 59- 69.

CORIOLANO, Luzia N. **Do local ao global:** o turismo litorâneo cearense. Campinas-SP: Papirus, 1998.

CORIOLANO, Luzia N. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. In: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, Maria Laura. **América Latina: cidade, campo e turismo.** CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006, p. 367-378.

CORIOLANO, Luzia N. Litoral do Ceará: espaço de poder, conflito e lazer. **Revista de Gestão Costeira Integrada.** N. 8, v.2, p. 277-287, 2008.

COSTA, Antonio Carlos. **Nossa História:** Visconde de Mauá. Minas Gerais: Shalon Adonai, 2001. 112p.

COSTA da SILVA, Carlos Henrique. O Turismo e a Produção do Espaço: Perfil Geográfico de uma Prática Socioespacial. **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 16, n. 2, mai/ago, 2012.

CRUZ, Rita de Cássia A. **Políticas de Turismo e (re)ordenamento de territórios no litoral do Nordeste do Brasil.** 1999. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

CRUZ, Rita de Cássia A. **Introdução à geografia do turismo.** São Paulo: Roca, 2001

CRUZ, Rita de Cássia A. Políticas públicas de turismo no Brasil: território usado, território negligenciado. **Geosul**, v. 20, n. 40, p. 27-43, 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13234/12254>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

CRUZ, Rita de Cássia A. Planejamento governamental do turismo: convergências e contradições na produção do espaço. In: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, Maria Laura. **América Latina: cidade, campo e turismo.** CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006, p. 337-350.

CRUZ, Rita de Cássia A. Desenvolvimento desigual e turismo no Brasil. Confins, **Revista Franco-brasileira de Geografia**, n. 36, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/confins/13707>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CRUZ, Gustavo da; CAMARGO, Patrícia de. **Construção da Imagem de Marca dos Destinos Turísticos Através de seu Patrimônio Cultural Intangível**. IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, Universidade de Caxias do Sul, RS, 2006. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/arquivos_4_seminario/GT07-10.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2022.

DALL'AGNOL, Sandra. Impactos do turismo x comunidade local. **Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2012. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/02/06_Dall_Agnol.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2022.

DER-RJ, Departamento de Estradas e Rodagem – RJ. **Plano Básico Ambiental - PBA** Estrada Parque Visconde de Mauá - RJ-163 / RJ-151, 2009.

DETZEL, Valmir Augusto *et al.* **Plano de Manejo do Parque Estadual da Pedra Selada**. INEA, Rio de Janeiro, 2017, vol. 1, 552 p.

DIEGUES, Antonio Carlos S. **O mito moderno da natureza intocada**. 6^a.ed. ampliada. São Paulo: Hucitec, Nupaub-USP/CEC, 2008.

DOMINGUES, Júlio Manoel. Poranga e o tropeirismo. Semana do Tropeiro. **Seminário Paulista de Estudos Tropeiros**, Universidade de Sorocaba (UNISO), SP. Disponível em: <porangabasuhistoria.com/wp-content/themes/Porangaba/upload/downloads/tropeirismo.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2023.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. Editora Perspectiva. 3^a ed. Editora Perspectiva, São Paulo, 2000.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade/ Norbert Elias e John L. Scotson; trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELICHER, Maria Jaqueline. **Produção do espaço turístico**, v. 1, Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2012.

ELICHER, Maria Jaqueline; SANTOS, Telma Bassetti; CASTRO Caroline. **Projetos turísticos**. V.1 / - Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014.

EMBRATUR. **Turismo de lua de mel**: estudo preliminar das oportunidades para a comercialização no Brasil, com foco no mercado internacional, do segmento de Turismo de Lua de Mel. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2006.

FERREIRA, Beatriz Aparecida P. **Turismo, cultura e memória**: um estudo sobre a apropriação da memória pela atividade turística na cidade de currais novos – RN. 2018. 44 p.

Monografia (Graduação), Departamento de Ciências Sociais e Humanas, Turismo, UFRN, 2018.

FIGUEIREDO, Alvaro José S. **O turismo de negócios e a questão da sazonalidade turística para o setor hoteleiro de Niterói**. 2013. 50 p. Trabalho Conclusão de Curso (TCC), Departamento de Turismo, UFF, Niterói, 2013.

FIUZA, Thamires; DALCHIAVON, Ligia. O Uso das Redes Sociais como Ferramenta Promocional em Agências de Viagem e Turismo: Um Estudo de Caso das Agências de Turismo na Cidade de Rio Grande - RS. **V Semintur Jr.** Mestrado em Turismo, UCS, Caxias do Sul, nov., 2014.

FONSECA, Maria; COSTA, Ademir. **A racionalidade da urbanização turística em áreas deprimidas:** o espaço produzido para o visitante. Mercator, Fortaleza, n. 6, p. 25-32, 2004.

FRATUCCI, Aguinaldo César. Os Lugares Turísticos: Territórios do Fenômeno Turístico. **GEOgraphia**, v. 2, n. 4, p. 121-133, 16 set. 2000.

FRATUCCI, Aguinaldo Cesar. **A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo:** As políticas das redes regionais de turismo. 2008. 309 p. Tese (Doutorado), PPGEO, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

GIANNELLA, Letícia *et al.* Conceitos e elementos fundamentais da produção do espaço urbano: uma introdução crítica. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 34, e31368, 2019.

GOMES, Carlos Henrique M.; SANTOS, Joana da Silva C.; CORDEIRO, Josilene S. Potencialidades do Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu na região turística baixada verde (RJ). **Revista Eletrônica Uso Público em Unidades de Conservação**. Niterói, RJ, vol. 8, nº 12, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/uso_publico/article/view/47417/28573>. Acesso em: 12 abr. 2023.

GÓMEZ MARTÍN, María B. Reflexión Geográfica em torno al Binómio Climaturismo. **Boletín de la A.G.E.**. Barcelona. n. 40. p. 111-134. 2005. Disponível em:
<<https://www.bage.age-geografia.es/ojs/index.php/bage/article/view/2011/1924>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

HOBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBSBAWM, Eric.; RANGER, Terence. (orgs.) **A invenção das tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Perfil dos municípios brasileiros. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em: set. 2022.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Perfil dos municípios brasileiros. **Censo Demográfico 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: ago. 2023.

INEA, Instituto Estadual do Ambiente. **Parque Pedra Selada:** atrativos. Disponível em: https://parquesestaduais.inea.rj.gov.br/peps_atrativos.php. Acesso em: 10 abr. 2023.

ITATIAIA (RJ). **Plano Diretor do Município de Itatiaia:** Maringá-Maromba. Secretaria Instituto Brasileiro de Administração Municipal, 1998.

ITO, Claudemira A. Turismo Pedagógico: Relato de Experiência no Ensino Fundamental. Anais: **VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul.** Julho de 2010.

KELEN *et al.* **Plantas alimentícias não convencionais (PANCs):** hortaliças espontâneas e nativas. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2015. 44 p.

LEFEBVRE, Henri. **A Re-produção das relações de produção.** (tradução da 1ª parte de La survie du capitalisme). Porto, Edições Escorpião, 1973.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques, 1924 **História e memória** / tradução Bernardo Leitão ... [et al.] - Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LEITE, Édson. **Turismo cultural e patrimônio imaterial no Brasil.** São Paulo: INTERCOM, 2011. 238 p.; 23 cm - (Coleção verde amarela; v. 6).

LIMA, Luana N. A apropriação da cultura pelo turismo, a revalorização e ressignificação das identidades culturais. **GEographia**, v. 12, n. 24, p. 150-166, nov. 2011.

LIMA, Maria do S. B. e MOREIRA, Érika V. A pesquisa qualitativa em geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 37, v. 2, p. 27-55, ago/dez. 2015.

LOPES, Gabriela A. Origem e formação socioeconômica do Vale do Paraíba Fluminense: o caso resedense no século XIX, 2021. **XIV Congresso Brasileiro de História Econômica & 15ª Conferência Internacional de História de Empresas**, Varginha, 15 a 17 de nov. de 2021. Disponível em: <<http://abphe2021-lopes-origem-e-formacao-socioeconomica-do-vale-do-parabá-fluminense.pdf>>, Acesso em: 22 nov. 2022.

LOPES, Alba; TINÓCO, Dinah; ARAÚJO, Richard. Turismo como vetor de desenvolvimento local: um olhar através das ideias de Theodor Adorno e Max Horkheimer. **Revista Turismo em Análise**, 2012, vol. 23, n. 1, p. 104-117.

LOPES JÚNIOR, Wilson M. Uma discussão geográfica sobre a privatização dos espaços públicos pelo turismo. **Revista de geografia** (UFPE), v. 27, n. 3, 2010, p. 86-96.

LUCHIARI, Maria Tereza D. Urbanização turística um novo nexo entre lugar e o mundo. In: **Asociación Canaria De Antropología**, Prepublicación de GUIZE, número 4, 1998.

MAIA, Sergio W. **Governança ambiental e instituições no desenvolvimento sustentável: O caso de Visconde de Mauá.** 2013. 278 p. Dissertação (Mestrado), Instituto de Economia, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

MAIA, Yuri de Carvalho. **Avaliação dos impactos da pavimentação da estrada parque nas vilas de Visconde de Mauá-RJ.** 2014. 59 p. Monografia (Graduação), Faculdade de Turismo e Hotelaria, UFF, Niterói, 2014.

MALDONADO, Carlos. O Turismo rural comunitário na América Latina. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs). **Turismo de Base Comunitária:** diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009, p. 26-27.

MARAFON, Glauco José. O Espaço Rural Fluminense em Transformação. **XIII Encontro de Geógrafos da América Latina** (EGAL), 2011. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal113/Geografiasocioeconomica/Geografiarural/16.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MARTINS, Anne B.; VIEIRA, Gustamara F. Turismo e Patrimônio Cultural: possíveis elos entre identidade, memória e preservação. **Estação Científica**, Juiz de Fora, v.2, p. 1-23, 2006.

MARTINS FILHO, Jorge. Espaço, Economia E Turismo. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 11, p. 572-592, 2020.

MASCARENHAS, Gilmar. Cenários contemporâneos da urbanização turística. **Caderno Virtual de Turismo**. Vol. 4, n. 4, 2004.

MATIAS, Alexandre; LINDOSO, Galiana; LORENZETTO, Fernando. Eco-contadores: tecnologia de ponta para monitorar a visitação. **Apoia o eco**. 2013. Disponível em: <https://oeco.org.br/analises/27845-eco-contadores-tecnologia-de-ponta-para-monitorar-a-visitacao/>. Acesso em: 2 maio 2023.

MATIAS Esdras Matheus; CARVALHO, Aline; FACHINI, Cristina de. Discussões acerca de turismo e desenvolvimento: um estudo em uma comunidade litorânea do Rio Grande do Norte (RN). **Anais do XIII Seminário da ANPTUR**, USP, set., 2016. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/362.pdf>>. Acesso em: 4 mai. 2023.

MAUATUR, Portal oficial de turismo da região Visconde de Mauá. **Região de Visconde de Mauá**. Disponível em: <<http://www.visitaviscondedemaua.com.br/visconde-maua>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MORETTI, Edvaldo Cesar. **Turismo, consumo e produção do espaço: o mundo do trabalho no período técnico científico informacional**. IX Coloquio Internacional de Geocrítica, UFRGS, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/9porto/edvaldo.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2022.

MOTTA, Claudio. Estado inaugura estação de tratamento de esgoto em Mauá. **Jornal Extra**. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/estado-inaugura-estacao-de-tratamento-de-esgoto-em-maua-1518221.htm>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

MOURA, Joaquim. **O passado e o futuro de Visconde de Mauá:** Considerações favoráveis e contrárias à implantação de instalações e equipamentos em área livre na chegada à vila de Visconde de Mauá e as alternativas discutidas pela comunidade. 2021. Disponível em: <http://evoluamaua.net/textos/praca/dossie_total.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2023.

NEIMAN, Zysman. **A educação ambiental através do contato dirigido com a natureza.** 2007. 138 p. Tese (Doutorado), Pós-graduação em Psicologia, USP, São Paulo, 2007.

NEIMAN, Zysman. Ecoturismo e educação ambiental em unidades de conservação: a importância da experiência dirigida. In: COSTA, N. M. C.; COSTA, V. C.; NEIMAN, Z. (Org.). **Pelas trilhas do Ecoturismo.** 1ed.S. Carlos: Rima Editora, 2008, v. 1, p.

NEVES, Helder; CRUZ, Ana Rita e CORREIA, Antônia. A sazonalidade da procura turística na ilha de Porto Santo **Revista Portuguesa de Estudos Regionais**, n. 17, 2008, pp. 25-43

NEVES, Estela Maria S.; MAIA, Sergio W. Governança ambiental e cooperação intergovernamental no Brasil: lições de Visconde de Mauá. **Revista Iberoamericana de Economia Ecológica**. v. 18, p. 21-35, abr., 2012.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Festas populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. **Mercator**, Fortaleza, v. 6, n. 11, p. p. 23 a 32, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/54>>. Acesso em: 04 jun. 2023.

OLIVEIRA, Frederico Ferreira de. **Gestão de Agências de Viagens II:** volume único. Rio de Janeiro: Cecierj, 2016.

OLIVEIRA, Iana Cavalcante; HARB, Antonio Geraldo de. A imagem do destino turístico como fator de sustentabilidade para o município de presidente Figueiredo. **XXXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção**. Bento Gonçalves, out. 2012. Disponível em: <https://abepro.org.br/biblioteca/ENEGET2012_TN_STO_167_969_19915.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2023.

OMT, Organização Mundial do Turismo. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável.** Porto Alegre: Bookman, 2003.

ORREGO, Juan Fernando. Práticas Contemporâneas no Centro Urbano: o caso da revitalização urbana na área de Cisneros, Medellín Colômbia. **III Seminário Internacional Urbicentros**. Salvador, Bahia, out. 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/13944300-Praticas-contemporaneas-no-centro-urbano-o-caso-da-revitalizacao-urbana-na-area-de-cisneros-medellin-colombia.html>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

PACHAMAMA, Aline R. **Boacé Uchô:** a história está na terra: narrativas e memórias do povo Puri da Serra da Mantiqueira. Rio de Janeiro: Pachamama, 2^a ed., 2021. 117 p.

PAIVA, Ricardo Alexandre; VARGAS, Heliana Comin. Os agentes produtores e consumidores do espaço turístico. **III CINCCI - Colóquio (inter) nacional**, PosFAUUSP, 2010, P. 1-12.

PANAZZOLO, Flávia de B. Turismo de Massa: um breve resgate histórico e a sua importância no contexto atual. **III Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Anais...** Universidade de Caxias do Sul, Editora EDUCS, 2005.

PASSOS, Lisandra; REJOWSKI, Mirian. Rotas turísticas: uma revisão da produção científica dos periódicos de turismo internacionais. **Anais... XVII Seminário ANPTUR**. 2020.

Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/17/1695.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

PEPEDRASELADA, PEPS interativo – **Hotel de abelhas nativas solitárias**. [Resende], 6 jun. 2022. Instagram: Pepedraselada. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ceeypvnu_rq/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

PEREIRA, Leandro S.; **SANCHO-PIVOTO**, Altair. Planejamento urbano, turismo e segregação socioespacial: o caso da Curva do Lacet em Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. **Revista Turismo: Visão e Ação**, UNIVALI, v. 22, n. 1. Jan./Abr. 2020 - Balneário Camboriú, SC, Brasil, p. 141-161.

PEREIRA, Rafael C.; **BIENENSTEIN**, Regina. O papel do estado na produção do espaço urbano: apontamentos sobre a política urbana de Niterói-RJ. **XVI Simpurb**. Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, nov., 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/raque/Downloads/aleitedebarros,+Rafael+Carvalho+Drumond+Pereira.pdf.> Acesso em: 10 ago. 2022.

PERINOTTO, André R. C. Investigando a comunicação turística de Parnaíba/PI-Brasil: Internet e redes sociais, descrição e análise. **Turydes: revista de investigación en y desarrollo local**, v. 6, n. 15, dez. 2013. Disponível em: <<https://www.eumed.net/rev/turydes/15/index.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2022.

QUINTEIRO, Juliana. M. **Proteção ambiental na gestão de áreas turísticas em unidades de conservação: o caso da região de Visconde de Mauá (RJ, MG)**. 2008. 147 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Engenharia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2008.

QUINTEIRO, Mariana M. **Etnobotânica aplicada à definição de formas tradicionais de uso, manejo e percepção dos recursos vegetais em visconde de Mauá (RJ/MG)**: ações conjuntas para etnoconservação florestal da mata atlântica. 2012. 238 p. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Florestais, UFRRJ, Seropédica, 2012.

REIS, Fábio José G. **Patrimônio Cultural**: Revitalização e utilização. Unisal – publicações, Sem data, 12p. Disponível em: <<https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=http%3A%2F%2Fwww.lo.unisal.br%2Fnova%2Fpublicacoes%2Fpatrimoniocultural.doc&wdOrigin=BROWSELINK>>. Acesso em: 2 mar. 2023.

RIO DE JANEIRO. Lei nº 7198 de 8 de janeiro 2016. Declara o distrito de Visconde de Mauá, no município de Resende, como a capital do Pinhão. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/CONTLEI.NSF/e9589b9aabd9cac8032564fe0065abb4/d89003ebde831f4e83257f3e00567573?OpenDocument&ExpandView->>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Turismo do Estado do Rio de Janeiro (SETUR). **I Seminário de Articulação Institucional do Turismo Fluminense**: dados do Plano Diretor de Turismo do Estado do Rio de Janeiro (PDTUR), 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/sandr/Downloads/APRESENTAÇÃO%20PDTUR%20SEMINARIO%20TC E%20(1).pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Turismo do Estado do Rio de Janeiro (SETUR). **Panorama do Turismo no Estado do Rio de Janeiro**. Plano Estratégico do turismo RJ + 10 anos. 2022. Disponível em:
https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1GvWHa_ekgv0gnR0isZ2LTmGmB02PCfHg. Acesso em: 20 jul. 2023.

ROCHA, Alexandre M. **Imigrantes em Resende**: O Núcleo Colonial Visconde de Mauá (1908-1916). Resende: Museu de Arte Moderna de Resende, 2^a edição, 2001.

ROCHA, Fernanda, BARBOSA, Fabiana, ABESSA, Denis. Trilha ecológica como instrumento de Educação Ambiental: estudo de caso e proposta de adequação no Parque Estadual Xixová-Japuí (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, vol. 3, nº 3, set. 2010.

RODRIGUES, Adyr B. **Desafios para os estudiosos do turismo**. In: RODRIGUES, A. B. Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais. Ed. Hucitec, São Paulo, 1996. 274p. 17-32p.

RODRIGUES, Adyr B. **Turismo e Espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 2^a ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

RODRIGUES, Adyr B. Geografia do Turismo: novos desafios. In: TRIGO, L. G. G. (Org.) **Turismo: como aprender, como ensinar**. São Paulo: SENAC/São Paulo, 2001.

RODRIGUES, Luan C. **O Pinhão em Visconde de Mauá**: entre o turismo e a cultura, 2018. 55 p. Monografia (Graduação), PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2018.

ROESLER, Cíntia S. R. **Educação patrimonial e turística nos lugares de memória: o caso do município de Resende-RJ**. 2019. 278 p. Dissertação (Mestrado), 229 p. Programa De Pós-Graduação Em Patrimônio, Cultura E Sociedade (PPGPACS), UFRRJ, Nova Iguaçu, 2019.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento Sustentável**: A proteção do meio ambiente. Campinas, SP: Pappirus, 1997.

SANTANA, Lilian D.; GOSLING, Marlusa. Imagem de destino turístico: proposição de modelo hipotético. Revista de adm. **FACES journal**, v. 16, n. 3, jul./set. 2017.

SANTOS, Marivan Tavares dos. **Fundamentos de Turismo e Hospitalidade**. Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2010.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo, 1988, p. 28.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 190 p. 1994.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 39.

SANTOS, Milton; SILVEIRA María Laura. Globalização e geografia: a compartimentação do espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 18, jul. 1996. Disponível em:

<<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7229/5342>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SANTOS, Norberto; MARUJO, Noémi. Turismo, Turistas e Paisagem. **Investigaciones Turísticas**, n. 4, jul./dic., p. 35-48, Universidad de Alicante, Espanha, 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/sandr/Downloads/NOE-NORBERTO-TurismoTuristasePaisagens.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SANTOS, Telma Mara B. B.; ELICHER, Maria Jaqueline. Turismo e Produção do Espaço na Cidade do Rio de Janeiro. **Turismo em análise**, vol. 24, n. 3, dez. 2013, p. 654-675.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Turismo de Experiência**, Recife, 2015.

SCALCO, Raquel F. *et al.* A cultura tropeira como atrativo turístico e patrimônio cultural em Diamantina/MG. **CULTUR – Revista de Cultura e Turismo**, ano 15, n. 1, p. 1-27, maio, 2021.

SCHERER, Luciana.; ALVES, Carlos Augusto; BOTELHO, Louise; SCHROEDER, Ronnie. O caminho das missões como produto turístico de integração regional. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, [S. l.], v. 5, n. 8, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/15051>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

SCHMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP – Espaço e tempo**, São Paulo, nº 32, pp. 89-109, 2012.

SCIFONI, Simone. **A Construção do Patrimônio Natural**. São Paulo: FFLCH, 2008, 199 p. Disponível em: <https://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/Livro_simone.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.

SEKIAMA, Margareth L. *et al.* Implantação de uma trilha interpretativa como instrumento educativo e para o bem-estar da comunidade. **Revista Educação Ambiental em Ação**. N° 60, 2017. Disponível em: <<http://revistaea.org/artigo.php?idartigo=2758>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SERRANO, Célia Maria de T. **A invenção do Itatiaia**. 1993. 192 p. Dissertação (Mestrado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 1993.

SILVA, Mariny R. da. O Turismo e a Produção do Espaço. **XII EGAL**, Universidad de la República, Montevideo, Uruguay, 2009. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiafiaturistica/44.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SILVA, William Cléber D. A Construção do patrimônio cultural e sua relação com os museus: uma análise introdutória. **Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo**, v.7, n. 10, abr.-mai.-jun./2010, p.39-53.

SILVA, Rodrigo Borsatto Sommer da; MÜLLER, Renato. **Planejamento e organização do turismo**. Indaiá: Uniasselvi, 2011. 212 p.: il.

SIQUEIRA, Lauren. Trilhas interpretativas: Uma vertente responsável do (eco) turismo. **Caderno Virtual de turismo**, nº 14, 2004. Disponível em: <www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/72/67>. Acesso em: 16 abr. 2023.

SOUTO, Idália Maria T. **Patrimônio cultural e imigração:** a invenção da tradição do pastel de bacalhau no mercado municipal paulistano. 2012. Dissertação (Mestrado), Pós-graduação em Hospitalidade, área de concentração Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2012.

SOUZA, Rodrigo S. de. A paisagem natural como foco das novas práticas do turismo: o exemplo do ecoturismo no distrito de Sana-Macaé/RJ. In: MARAFON, G.; RIBEIRO, M. A. (Org.) **Revisitando o território fluminense IV**. Rio de Janeiro: Gramma, 2012, v. 4, p. 111-126.

SOUZA, Silvana do R. de; BAHL, Miguel; KUSHANO, Elizabete S. O espaço do turismo: produção, apropriação e transformação do espaço social. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. X, n. 2, p. 313 - 331, dez. 2013.

SOUZA, Viviane da S.; VARUM, Celeste Maria D.; EUSÉBIO, Celeste. O Potencial da Gamificação para Aumentar a Competitividade dos Destinos Turísticos: revisão de literatura baseada na Scopus. **Revista Turismo em Análise**. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/118490>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

THÉVENIN, Julien Marius R. **Mercantilização do espaço rural pelo turismo:** uma leitura a partir do município de Cairu, BA. 2009. 146 p. Dissertação (Mestrado), Pós-graduação em Geografia, UFS, Sergipe, 2009.

TURISRIO, Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro. **Projetos:** Programa de Regionalização de Turismo. Disponível em: <<http://www.turisrio.rj.gov.br/projetos.asp>>. Acesso em: 14 ju. 2022.

UMBELINO, Luis Felipe *et al.* Geografia do turismo de eventos na região noroeste fluminense, brasil. **Revista Geográfica de América Central**, vol. 2, Número Especial EGAL, Costa Rica, julio-diciembre, 2011, pp. 1-14.

URRY, John. **O olhar do turista:** lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

URRY, John Entrevista com John Urry. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 24, n. 47, p. 203-218, jan-jun, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/eh/a/jbBq9wxvJPSqKHfnLfn7nRw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2023.

VIEIRA, Aline R. M. **Planejamento e políticas públicas de turismo:** análise dos módulos operacionais do Programa de Regionalização do Turismo no Polo São Luís-MA. 2011. 132 p. Dissertação (Mestrado), Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

VILLELA, Lamounier. E.; MAIA, Sergio. W. Formação histórica, ações e potencial da gestão social no APL de turismo em Visconde de Mauá RJ/MG. Rio de Janeiro: **Revista ADM.MADE.** Revista do Mestrado em Administração e Desenvolvimento Empresarial da Universidade Estácio de Sá, ano 9, vol. 13, n 2, p.34-47, maio/agosto, 2009.

WERNECK, Gustavo. Na rota dos tropeiros: atividade pode se tornar patrimônio imaterial do Brasil. **Portal Estado de Minas.** 10 de março de 2012. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/03/10/interna_gerais,282629/na-rota-dos-tropeiros-atividade-pode-se-tornar-patrimonio-imaterial-do-brasil.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2023.

APÊNDICE A – Questionários das entrevistas.

Questionário para representantes de órgãos públicos da região Visconde de Mauá

- 1- Quais políticas públicas foram criadas para promoção do turismo na região?
- 2- Quais os principais atrativos naturais e culturais da região?
- 3- Existem dados que mostram o motivo da escolha dos turistas pela região?
- 4- Qual o perfil dos turistas?
- 5- Existem precauções/medidas tomadas pelos gestores quanto a capacidade de carga?
- 6- Existem dados recentes sobre as festividades?
- 7- Existem dados que comprovam o desenvolvimento da região após a atividade turística?
- 8- Existem projetos para a realização do turismo na região?
- 9- Qual a importância das UC's na região?
- 10- De que forma os gestores incentivam o ecoturismo na região?
- 11- Quais projetos e atividades são desenvolvidos pelo PEPS?
- 12- Por que não há nenhum símbolo dos povos puris na região?
- 13- O que os gestores têm feito para divulgar a cultura dos povos puris?
- 14 -Na região, o tropeirismo é considerado patrimônio cultural?
- 15- Há incentivo, por parte dos gestores do turismo, em valorizar o tropeirismo?
- 16- Sobre o movimento alternativo “hippie” na região: onde estão concentrados? Qual a importância desse para a região? Como viviam? Alguns se inseriram no turismo? Quais as marcas deixadas por esses atores no lugar?
- 17- Existe alguma Associação atuante na região? Qual? Onde encontrar?
- 18- Qual a importância das associações comunitárias na região?
- 19- A Estrada-parque cumpriu todos os requisitos de uma estrada-parque? Explique.
- 20- Quais transformações na região foram percebidas após a construção da estrada-parque?
- 21- Qual a origem e perfil dos empresários na região?
- 22- Os gestores oferecem cursos para a qualificação dos trabalhadores?
- 23- Existe algum plano/ planejamento que busque melhorar as condições de trabalho na região?
- 24- Por que os investimentos em serviços e infraestrutura estão concentrados nas principais vilas, diferentemente das áreas mais afastadas?
- 25- Os gestores do turismo sempre dialogam com a comunidade para a realização de alguma obra ou serviço?
- 26- Por estar dividida em 3 municípios e 2 estados prejudica a gestão na região?
- 27- Qual a realidade atual da região quanto a serviços de saneamento básico (abastecimento de água, coleta de esgoto, resíduos sólidos e saúde)?
- 28- Qual o impacto da pandemia da COVID-19 na região?
- 29- Em relação às obras de infraestrutura, o que tem sido feito para melhorar a vida daqueles que moram e trabalham na região?

Questionário para representantes de empreendimentos turísticos da região Visconde de Mauá

- 1- Quais os principais atrativos naturais e culturais da região?
- 2- Há procura por elementos típicos da região (artesanato, comida, esculturas)?
- 3- Considera que o número de turistas vem aumentando nos últimos anos?
- 4- Em que período a região recebe mais turistas?

- 5- Qual marketing utiliza para chamar a atenção do turista?
- 6- Realizou algum curso voltado para o atendimento ao turista?
- 7- Sempre trabalhou com o turismo? O que fazia antes?
- 8- Gosta de trabalhar com o turismo? Por quê?
- 9- Qual é o seu grau de escolaridade? E dos seus funcionários?
- 10- Existem incentivos para realização de cursos de qualificação direcionados aos trabalhadores?
- 11- O (a) Sr. (a) mora na região?
- 12- Qual a importância das associações comunitárias na região?
- 13- Por estar dividida em 3 municípios e 2 estados prejudica a gestão na região?
- 14- Qual a realidade atual da região quanto a serviços de saneamento básico e infra estruturais?

Questionário para residentes da região de Visconde de Mauá

- 1- Há quanto tempo reside na região?
- 2- Quais os principais atrativos naturais e culturais da região?
- 3- Utiliza os equipamentos turísticos como serviços e comércios da região?
- 4-Conhece a história da região onde mora?
- 5-Conhece a história dos povos originários da região?
- 6- O que você sabe sobre o movimento alternativo liderado pelos “hippies” na região?
- 7-Quais mudanças foram percebidas na região com a construção da Estrada-parque?
- 8- Por estar dividida em 3 municípios e 2 estados prejudica a gestão na região?
- 9-Cite pontos positivos e negativos da região de Visconde de Mauá.
- 10-Que sugestão daria para melhorar o turismo na região?
- 11-Frequenta os mesmos restaurantes e lojas que os turistas? Por quê?
- 12-O que acha do contato com os turistas?
- 13-Considera que a região melhorou com a chegada dos turistas? Por quê?
- 14-Considera que os salários pagos aos funcionários do turismo são justos?
- 15-Trabalha ou já trabalhou no setor de turismo?
- 16-Fez algum curso na área do turismo?
- 17- Existe alguma Associação de moradores atuante na região? Qual? Onde encontrar?
- 18-Qual a realidade atual da região quanto a serviços de saneamento básico e infra estruturais?

Questionário para turistas da região de Visconde de Mauá

- 1-Local de origem?
- 2-O que te trouxe à região de Visconde de Mauá?
- 3-Qual a percepção que você tem sobre essa região?
- 4-Como conheceu essa região?
- 5-Conhece a história da região?
- 6-Já teve contato com os residentes? De que forma?
- 7-A região atendeu às suas expectativas? Como?
- 9-Quais os atrativos da região você conheceu?
- 10-O que mais chamou sua atenção nesse lugar?
- 11-Quais elementos culturais e naturais que você mais gostou?

- 12-Que sugestão daria para melhorar o turismo na região?
- 13-Quais aspectos negativos você encontrou aqui?
- 14-O que difere esse lugar dos demais lugares que você já conheceu?

Questões referentes ao movimento alternativo “hippie” da região de Visconde de Mauá

- 1-Onde estão concentrados os antigos “hippies”?
- 2-Qual a importância desses para a região?
- 3-Como viviam?
- 4-Alguns se inseriram no turismo?
- 5-Quais as marcas deixadas por esses atores no lugar?
- 6-Esses protegiam o patrimônio natural da região?
- 7-Depois de algum tempo, os “hippies” foram considerados moradores pela comunidade local?
- 8-Esses atores tinham voz para decisões na região?

Questões referentes ao tema dos povos originários da região de Visconde de Mauá

- 1-Por que não há nenhum símbolo do povo Puri na região?
- 2-O que os gestores têm feito para divulgar a cultura dos Puris?
- 3-Há interesse no resgate da história dos Puris pelo turismo?
- 4- Existe algum trabalho de pesquisa sobre os sítios arqueológicos dos Puris na região?
- 5- Espaço editora Pachamama: quais atividades são desenvolvidas nesse espaço? De que forma a comunidade e os turistas são inseridos nas atividades desse espaço?

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), do estudo intitulado “Da valorização da imagem à mercantilização: a produção do espaço turístico em Visconde de Mauá/ RJ-MG”. Este estudo tem por objetivo realizar uma análise das transformações socioespaciais advindas da atividade turística na região de Visconde de Mauá, da década de 1970 ao período atual. Esta pesquisa está sob a responsabilidade da pesquisadora Raquel Barbosa da Silva, aluna de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Se o (a) Sr.(a) decidir integrar este estudo, participará de uma entrevista individual que durará aproximadamente 30 minutos, bem como utilizaremos seu trabalho final como parte do objeto de pesquisa.

Todas as entrevistas serão gravadas em áudio. Os áudios serão marcados com um número de identificação durante a gravação e seu nome não será utilizado. O documento que contém a informação sobre a correspondência entre números e nomes permanecerá trancado em um arquivo. Os áudios serão utilizados somente para coleta de dados.

Sua participação é voluntária e a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A sua participação não será remunerada nem implicará em gastos.

O (a) Sr. (a) pode achar que determinadas perguntas o (a) incomodam, porque as informações que coletamos são sobre suas experiências pessoais. Sendo assim, pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado (a). Porém, como benefício da sua participação, informamos que com os dados da pesquisa teremos um melhor entendimento da dinâmica espacial relacionada ao turismo no espaço em questão.

Como foi dito acima, seu nome não aparecerá nos arquivos de áudio, bem como em nenhum formulário a ser preenchido por nós. Nenhuma publicação partindo destas entrevistas revelará os nomes de quaisquer participantes da pesquisa. Sem seu consentimento escrito, os pesquisadores não divulgarão nenhum dado de pesquisa no qual você seja identificado.

É garantido ao Sr.(a) o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o relato de caso, enfim, tudo o que o(a) Sr.(a) queira saber antes, durante e depois da sua participação. Caso o(a) Sr.(a) tenha dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável através do telefone (21) 97330-0202 ou e-mail raquelbsgeo@gmail.com.

Esse termo é assinado em duas vias, sendo uma do (a) Sr. (a) e a outra para a pesquisadora.

Declaração de consentimento:

Data: _____ / _____ / _____

Nome do participante

Assinatura do participante

Assinatura da investigadora

ANEXO – Poesia: Tributo ao último Bicho Grilo da montanha

Tributo ao último bicho grilo da montanha

Sou hippie
Minha comida é integral e natural
Não como carne
amo os animais e a natureza
fumo o meu cigarro orgânico
tomo banho pelado na cachoeira
meu trampo é o artesanato

Um dia
cansado da cidade
o interior da mata na montanha desbravei
fiz minha casa de barro
e lá iniciei uma comunidade
paz e amor!
Nessas terras
Germinei sementes em comunhão
E uma orgânica plantação!

Os anos se passaram
E o lugar ficou famoso
Muitas rodas de fogueiras e poesias
Oxalá!
Lá vem Marco Poeta
E tantos outros artistas
Muita música e melodia
Na praça da Maromba
Vai rolar, vai rolar
Até o sol raiar...

Com o tempo
Tudo foi mudando
Aos poucos...
Sem perceber
Chegaram os turistas ricos
E sem coração
Construindo pousadas luxuosas
Onde antes eram pastos, plantações
E camping naturais
O asfalto tomou conta do barro vermelho

E sujaram os rios
e a praça onde era a roda de música, capoeira
e alegria
virou estacionamento de silêncio e tristeza
Não se pode mais tocar violão
cercaram a igreja

com grades de ferro
e holofotes cegando as estrelas
Agora tudo é consumismo
e devastação
E o velho hippie
Não tem mais porque ficar...

Derrubaram as Araucárias
Poluíram os rios
E já não há mais mata virgem
Em volta da casa
A onça, a capivara, as cobras,
macacos e passarinhos
mudaram de endereço
ou morreram sem alimentos
Hoje em dia tem que pagar
para banho tomar
na cachoeira
se for
se banhar pelado
vai preso!
É...
Não tem outro jeito!
Vida de hippie
É também mochileiro
na BR de volta
sentirei saudades daqui...
Hare Hare
Hare Krishima
Hare Hama
Hare Hare!

Rogério Manzolillo
14-11-2018